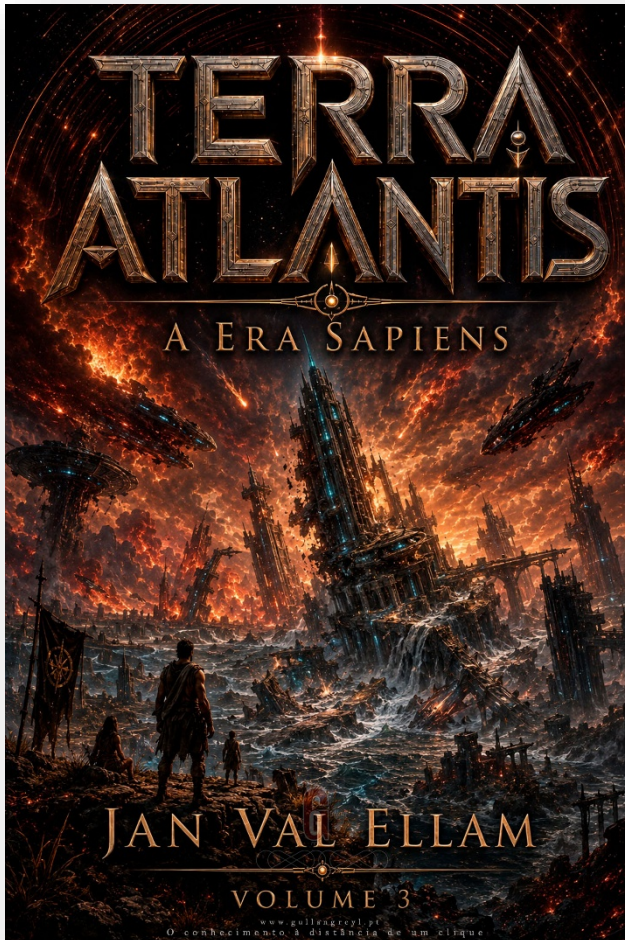


TERRA ATLANTIS

A Era Sapiens



Autor: Jan Val Ellam

Edição e Preparação Digital: Gullan Greyl

Edição original: Terra Atlantis: A Frota Norte, Livro 3, 2019.

Edição portuguesa concluída em 01-02-2020



Livroteca Gullan Greyl

Sinopse

Cataclismos sucessivos põem fim à cultura atlante e às suas diversas bases. Com o enfraquecimento das forças extraterrestres e extrafísicas que durante milénios disputaram o planeta, a humanidade emerge como a sua herdeira mais improvável.

Enquanto o povo hebreu anuncia a chegada de um Messias, Len Mion e Yel Luzbel acompanham atentamente os acontecimentos, procurando descobrir se Jesus é o conquistador há muito profetizado. A crucificação altera, porém, o equilíbrio das forças: Yel Luzbel abandona os ambientes ligados à Terra, e Len Mion assume o comando do que resta da rebelião.

Determinado a contrariar qualquer plano de Sophia ou do “deus dos judeus”, Len Mion atravessa os séculos em busca de uma última oportunidade. Ao reconhecer em Hitler um antigo companheiro da condição biodemo, transforma-o em instrumento da sua tentativa de erguer, na Terra, a derradeira trincheira do movimento rebelde.

Terceiro volume da trilogia “Terra Atlantis”, “A Era Sapiens” encerra a passagem do mundo atlante para a era humana, ligando a queda das antigas potências, o drama de Jesus e as guerras do século XX à longa disputa pelo destino espiritual do planeta.

Esta edição foi preparada para formato digital, com intervenção ao nível da organização, revisão e uniformização do texto, de forma a assegurar clareza, consistência e legibilidade em ambiente de leitura eletrónica.

Foram realizadas correções pontuais sempre que necessário, respeitando integralmente o conteúdo e a estrutura da obra original.

O objetivo desta preparação é preservar a fidelidade ao texto, garantindo simultaneamente uma experiência de leitura fluida e acessível.

Gullan Greyl

*Não se trata de saber mais,
mas de ver melhor*

Índice

Sinopse	1
Esclarecimentos.....	2
PARTE UM.....	4
Narrativa de Val Eno.....	4
CAPÍTULO 1.....	5
O Fim de Atlantis	5
CAPÍTULO 2.....	22
Esgotamento dos Deuses	22
CAPÍTULO 3.....	32
Mistérios Não Resolvidos	32
CAPÍTULO 4.....	40
Fortalecimento de Len Mion	40
CAPÍTULO 5.....	48
Tensão em Shamb-Aha.....	48
CAPÍTULO 6.....	58
Os Teurgistas	58
CAPÍTULO 7.....	70
A Vida em Alt'Lam Gron	70
CAPÍTULO 8.....	91
Caminhos Inusitados, Encontros Inesperados.....	91
CAPÍTULO 9.....	102
Falência Psíquica e Choque de Naturezas	102
CAPÍTULO 10.....	128
Por trás da Natureza Humana	128
CAPÍTULO 11.....	140
O Calvário de um Inocente	140
CAPÍTULO 12.....	181
Reencontros Impensáveis.....	181
PARTE DOIS.....	199
Comentários de Jan Val Ellam	199
COMENTÁRIO 1	200
O Oculto Revela-se	200
COMENTÁRIO 2	244
A Cultura Biodemo e o Futuro do Universo	244
COMENTÁRIO 3	250

Olhando nos Olhos de Sophia	250
Notas de Esclarecimento.....	255
Sobre o Autor	258
Entrevista com Jan Val Ellam.....	259
Roteiro de Leitura dos Livros.....	265
Projeto Orbum.....	275
IEEA.....	277

TERRA ATLANTIS

A Era Sapiens

Jan Val Ellam

Livro 3

Sinopse

Devido a cataclismos diversos, chegou ao fim a “cultura atlante e as suas diversas bases”, como também teve lugar o enfraquecimento das diversas forças extraterrestres e extrafísicas que procuravam dominar o planeta, o que levou a espécie humana a emergir como sendo a herdeira mais improvável do planeta, como terminou por acontecer.

Len Mion (Satã) e Yel Luzbel (Lúcifer) patrulham a vinda do Messias anunciado pela veia profética do povo hebreu, ao mesmo tempo em que perseguem Jesus na tentativa de compreender se ele era o “conquistador” há muito anunciado.

Após a crucificação, ocorre a saída de Yel Luzbel dos ambientes em torno do planeta, o que faz com que Len Mion assuma o comando do restante da rebelião, procurando atrapalhar, de todas as maneiras, qualquer interesse que ele observasse ser o de Sophia ou do “deus dos judeus”.

Ao perceber em Hitler um antigo companheiro da condição biodemo, Len Mion domina a sua mente e o transforma em fantoche da sua intenção de construir, na Terra, a última trincheira do movimento rebelde para confrontar Sophia.

Esclarecimentos

Como já informado nos dois primeiros livros — “*O Sinal de Land’s End*” e “*Frota Norte*” — que compõem esta trilogia “*Terra Atlantis*”, os temas e a narrativa que a estruturaram foram compostas ao longo dos anos de 2002 e 2003. Contudo, esses dois primeiros livros foram publicados, somente, mais de dez anos depois, com a preocupação de preservar, tanto o enredo como o roteiro, constantes nas revelações da parte da “inteligência biodemo” de Val Eno, autor real das informações aqui reproduzidas.

O mesmo deveria acontecer com este terceiro livro, ou seja, ele deveria cingir-se tão somente ao que foi então revelado. No entanto, passados cerca de 15 anos do registo destes apontamentos, muito do que Val Eno e os demais biodemos alojados em *Alt’Lam Gron* desconheciam naquela época, no ano em que escrevo estas páginas, eles agora sabem.

De modo similar, na minha modesta quota humana, o que fui obrigado a descortinar sobre o contexto em torno da “rebelião” creditada a Yel Luzbel, dos incontáveis problemas que envolveram e envolvem o ser cósmico Sophia e da função histórica e estratégica dos “Processadores” de cada espécie biodemo — notadamente o “Processador” da família Val —, levou-me a colecionar também um inusitado cabedal de informações que, naqueles anos, não me foi dado perceber.

Quando do início da correção das anotações para a confecção deste terceiro livro “*A Era Sapiens*”, a conclusão a que chegámos, distintamente, tanto Val Eno quanto eu — assim penso — foi a de que não seria possível manter a narrativa nos moldes à época registados, pois isso implicaria “deixar de fora” todo um conjunto informativo, cuja significação importa por demais aos “objetivos pedagógicos” da trilogia “*Terra Atlantis*”.

Após as doses normais de hesitação quanto ao que fazer, como também ao modo de levar adiante a tarefa, Val Eno deixou ao meu critério narrar os factos a partir da lógica humana terrena — e não da “lógica biodemo”, que foi aplicada nos dois livros anteriores —, mas não achei por bem assim proceder.

Propus-lhe continuar a sua narrativa até certo ponto do contexto histórico, ainda que, agora, já acrescentando uma dose de conhecimento a mais, sobre o que, nos anos de 2002 e 2003, ainda lhe era misterioso. Esse aspeto, modificou o teor do seu relato anteriormente

produzido, mas acho que não provocou nenhum desalinhamento mais sério em relação ao que vinha a ser feito.

Para que fique bem claro, nesta sua presente narrativa, Val Eno introduziu conhecimentos críticos que ele adquiriu ao longo do que, na minha condição humana e na sua condição biodemo, fomos descobrindo sobre Javé e em torno do mesmo, entre os anos 2007 e 2018.

Após concluída, na Parte I do presente livro — pelo menos em termos de linha temporal —, a narrativa de Val Eno, introduzi, na Parte II, o que tenho elencado como dados de apoio ao enredo geral da trilogia “*Terra Atlantis*”. Nela, sim, apliquei o meu atual nível de lógica terrena para tanto e, inclusive, utilizei-me de fontes bibliográficas sobre a figura de Hitler — no capítulo 13 —, uma delas lançada em língua portuguesa, no ano corrente de (2018).

Dessa maneira, na Parte II, Val Eno sairá da função de narrador, e a minha condição humana conduzirá as demais páginas como pretendo autor intelectual da “coleção” de informações vindas, agora, de tantas fontes distintas e que serão abordadas ao longo do presente livro.

Não sei se, com isso, estrago mais ainda as informações que diversas inteligências têm teimosamente repassado por meio de “alguém do meu tamanho”, mas, perante as circunstâncias que me envolvem, creio ser a opção mais sensata a fazer.

Concluo, reafirmando que, caso estes escritos sejam efetivamente úteis para a “busca humana da verdade”, os mesmos precisam ser revistos pelas futuras gerações humanas.

Se para nada servirem, paciência, pelo menos tenho comigo a quota de tranquilidade moral de não querer afirmar pretensas verdades, nem muito menos criando foco de crenças, mas tão somente algumas poucas “sementes para a reflexão adulta” sobre os factos incompreensíveis do passado.

Atlan, 29 de agosto de 2018
Jan Val Ellam

PARTE UM

Narrativa de Val Eno

CAPÍTULO 1

O Fim de Atlantis

Sempre soubemos que haveria um desfecho para aquelas disputas intermináveis entre as forças que procuravam dominar o planeta, apenas não vislumbrávamos como o mesmo poderia dar-se. O que não havíamos imaginado é que, logo no fim do período das contendas destruidoras, arrasadoras em muitos sentidos, algo ainda mais avassalador viria a ser promovido pela mais assustadora devastação ambiental verificada nos nossos registos, ao longo dos aproximadamente 620 mil anos em que nos encontramos na Terra, desde que aqui aportámos com as nossas naves — Espheron, Asphezian e Espherian.

Por essa época, cerca de 16 mil anos atrás, os descendentes dos biodemos do Norte, associados a ramos, também, de descendência dos “**seres dos portais**”, tinham optado por assumir um viés pacífico, e por milhares de anos assistiram a diversos níveis de conflitos a ter lugar no Oriente¹, enquanto levavam as suas vidas de modo produtivo e sem disputas por coisa alguma.

¹ NAT: os conflitos a que Val Eno aqui se refere, muito provavelmente são os que ocorreram ao tempo do contexto do “Ramayana”.

Nas terras situadas ao Sul das montanhas que compõem os atuais Tibete e Nepal, algumas batalhas singulares foram travadas, nas quais a interferência de seres poderosos — os “**Seres do Conglomerado**” —, encharcaram o solo terreno com uma quantidade impressionante de sangue, suor e lágrimas dos povos híbridos e humanos.

Dos nossos postos de observação, acompanhávamos — como podíamos — o desenrolar dos problemas causados pelos seres que disputavam o controle sobre o planeta Terra e o seu satélite, Marte, e as diversas outras luas situadas em torno de Júpiter e de Saturno.

Foi uma época confusa em que algumas equipas extraterrenas optaram por sair da Terra, para não serem destruídas, permanecendo com as suas naves estacionadas em órbitas em torno dos planetas mais distantes do Sol, como se fossem seus satélites, e **lá estão até estes tempos atuais**, enquanto aguardam o final das querelas e contendas que jamais cessaram.

Esse aspeto esquecido e ausente das páginas da história dos humanos, mais cedo ou mais tarde terá que ser resgatado e naturalmente revelado, à medida que a tecnologia dos terráqueos os permita detetar essas naves extraterrestres e, o mais enigmático, perceber também que essa história ainda não terminou.

Tudo indica que, somente com a vinda de Sophia — ou seja, com a ocorrência do seu primeiro contato oficial connosco e, portanto,

também com os hoje chamados “seres de fora” pelos humanos terrestres —, essas pendências serão pacificadas.

Enquanto isso, o mundo lá fora desmoronava à medida que as catástrofes se sucediam, principalmente por força da elevação do nível dos oceanos, submergindo algumas cidades e modificando o clima de algumas regiões. A notícia que se confirmava a todo instante nos nossos circuitos de informação era a de que todas as bases e cidades, sem nenhuma exceção, do que para muitos era o “império *Atlantis*” — que jamais foi unificado —, haviam sucumbido à instabilidade da geologia planetária.

Os nossos sinalizadores espaciais, que eram artefatos que se aproximavam do que hoje é denominado de satélites artificiais — os poucos que haviam restado até àqueles dias, após a ação da pirataria extraterrena feita nos espaços próximos à Terra — confirmavam os dados que tanto nos infelicitavam.

Diversos períodos históricos foram dissolvidos nas águas oceânicas de todos os quadrantes terrestres em menos de um par de meses, deixando poucos sobreviventes para contar a parte da trágica história que vivenciaram. Entre esses, começou a surgir a mais absurda das histórias, referentes a um “castigo imposto ao mundo” pelos “**Seres do Conglomerado**”, em especial pelo que se aclamava “Criador Universal”.

Uma outra situação existencial estava para ser iniciada no planeta e a intranquilidade era a tônica de todas as forças nele

instaladas por seres que vieram de origens distintas. Cerca de 2 mil anos mais tarde, uma nova catástrofe teve início com uma **onda devastadora, que literalmente varreu o planeta, levando consigo o pouco que restava, e que havia sido reconstruído, do que foi o que hoje os humanos consideram ter sido o "Império Atlantis".**

Assim, foi destruída toda uma cultura multifacetada, produzida por uma mistura de espécies que ia desde os "**seres dos portais**" adaptados aos oceanos do planeta, aos seres biodemos do Sul ("ex-rebeldes", chegados nas "*mastlans*" luciferianas que aportaram na Terra há cerca de 98 mil anos) e a muitos grupos específicos de seres clonados a partir das experiências genéticas por eles promovidas, passando ainda por descendentes híbridos com características biodemol e também humanas, além de descendentes dos anunnaki, e de sirianos descendentes de Ostronomos. Todas essas etnias extrafísicas (dos portais) e terrestres e extraterrestres (biológicas) participaram da génese daquela cultura que jamais foi unificada e que, então, não mais existia.

Para a posteridade do conhecimento humano, porém, dela passou o conjunto de relatos que se referiam às bases mediterrâneas e às do oceano chamado recentemente de Atlântico, tanto no Norte como no Sul, o que fez da "cultura *Atlantis*", cujo foco variou bastante ao longo dos milénios, um novo padrão unificador de uma história absolutamente cheia de enredos distintos que jamais convergiram para coisa alguma, a não ser o facto de todas aquelas bases, cidades e reinos terem desaparecido devido a

um mesmo conjunto de cataclismos e dos seus dolorosos desdobramentos.

Nas nossas modestas reflexões, à “moda biodemo”, perguntávamos “qual poderia ser o sentido” de todas aquelas ocorrências, a não ser a aleatoriedade que verificávamos por onde o nosso conhecimento havia passado, antes do “exílio” na Terra.

Se existia um Ser no comando daquilo tudo, esse precisava urgentemente rever os seus projetos e modos de ação porque, simplesmente, era um desperdício de construções que haviam levado milhares, milhões e mesmo bilhões de anos para serem edificadas, e os desdobramentos do acaso mostravam-se como a força motriz de uma destruição que parecia sem fim. Se aquele era o “braço de Deus” agindo — o que entendíamos como sendo o fenómeno da vida —, era mesmo um processo que começávamos a classificar como “cruel”.

A devastação daqueles dias foi o início do fim de muitas cidades e de centros urbanos espalhados em muitas áreas do planeta e que, de modo repentino, em alguns casos, e em outros, lentamente, viram-se extintos. Aquelas localidades nada tinham a ver com o chamado “Império Atlante”.

Como se a natureza efetivamente pretendesse acabar com qualquer traço da existência de seres vivos que não fossem aquáticos, cerca de uns 600 anos depois, teve início, há cerca de 13,4 mil anos, **o mais avassalador processo de reordenamento**

da geologia planetária, associado a convulsões climáticas, magnéticas, elétricas e tectônicas jamais observadas, o que perdurou por alguns milênios.

Para selar com um grau elevado de certeza no campo da destruição garantida, um dilúvio planetário fechou aquele triste período de quase **cerca de 5 mil anos de calamidades sucessivas**, que destruiu praticamente tudo — o que não pôde ausentar-se do planeta ou permanecer submerso em zonas mais seguras — o que existia antes da revolução da natureza local.

Durante esses milênios, os núcleos sobreviventes mal conseguiam entabular qualquer senso de continuidade, porque as convulsões da natureza planetária pareciam agir cirurgicamente no sentido de desestimular qualquer tentativa de reorganização dos que procuravam sobreviver.

Foi um tempo difícil porque **diversos pequenos grupos decidiram acabar com as suas vidas**, e aqui não estou me referindo somente a seres humanos, mas principalmente, aos seres clonados e híbridos, cujas origens ancestrais haviam soçobrado nas sempre renovadas e intermináveis catástrofes.

Não foram poucos os que optaram pela “autoaniquilação”, como se obedecessem a “programas” adrede alojados nos seus “códigos de vida” e que previam aquele tipo de situação.

Até agora, não conseguimos atinar se aqueles programas foram elaborados já com prazo de validade temporal especificamente definido, ou se os mesmos, alojados na genética de alguns povos, eram comandados por uma mente alienígena à condição cultural dos mesmos.

Ficámos bastante intrigados ao desconfiarmos que existiam povos que foram engendrados para se autoaniquilarem em uma data fixa, anteriormente firmada, independentemente da condição em que se encontrassem. O enigmático é que o número de eventos com esse tipo de característica somente crescia naquele período, o que nos levava a perguntar sobre o porquê de Sophia e os demais que lhe assessoravam nunca se terem referido àquela situação, se é que eles a conheciam.

Mais tarde, soubemos que, efetivamente, as convenções mentais de alguns daqueles tipos de seres possuíam um comando por trás de todos aqueles processos, pois **foi nesse tempo que se espalhou definitivamente, entre os povos da Terra, a notícia de que Seres Criadores, proprietários e comandantes de tudo o que existia**, que viviam de “olho e agindo no planeta”, pareciam ter dado a tal ordem para a autodestruição.

Entretanto, essa hipótese não explicava todos os casos que observávamos. Por estranho que possa parecer, os seres que tiraram as suas vidas naqueles dias, tanto acreditavam nessa tese que, em obediência aos seus hábitos psíquicos, resolveram dar fim ao que restava das suas estirpes, e o fizeram de muitos modos, porque, estranhamente, acreditavam ter sido engendrados, em

tempos anteriores, por um Ser Criador e, então, haviam recebido ordem dele para pôr um fim às suas vidas descartáveis, pois não mais serviam aos projetos intentados por ele.

Quanto ao porquê daquelas ocorrências darem-se nos termos em que pudemos então observar, permanece um mistério, uma vez que, com a nossa maneira de compreendermos as coisas da vida, jamais conseguimos arquitetar justificativa plausível para tal.

Segundo o que se depreendeu daqueles acontecimentos, alguns seres que, na época, não pudemos detetar², agiam em nome desses Seres Criadores, praticamente obrigando as tais aniquilações coletivas, com o **objetivo de evitar problemas maiores para o planeta e o universo.**

Um novo e deturpado conceito de “sacrifício” surgia, e o fim das grandes civilizações, antes existentes — e a chamada Atlântida era tão somente uma delas, naqueles tempos antes da devastação —, passou a ser definitivamente entendido como um “castigo”, ainda que não se soubesse a que tipo de poder e a que classe de entidade o mesmo deveria ser creditado.

Independentemente de existir ou não o possível “castigo”, o que se tornava mesmo fácil de constatar era o alto preço de “sacrifício” que o planeta parecia impor a quem por aqui pretendesse estabelecer-se. Conhecíamos incontáveis moradas planetárias

² NAT: depois chamados de “anjos do Senhor”.

antes de nos “exilarmos” na Terra e, obviamente, tínhamos conhecimento de eventos catastróficos semelhantes ao que observávamos por aqui, porém a magnitude dos acontecimentos e a sua repercussão para os seres vivos eram um aspeto terrível, jamais observado.

Em outros mundos, pudemos observar movimentos estratégicos e organizados das suas populações quando frente aos desafios impostos pela situação local ou sistémica, mas, na Terra, o pior cenário sempre era o mais plausível.

Enquanto escrevo estas linhas, o “aparelho terreno” do qual me sirvo põe-se a pensar que essa “impressão generosa” que carregávamos, então, no nosso psiquismo, era típica daqueles que nasceram em naves, e nelas viveram e vivem todo o tempo das suas vidas, aportando nesse e naquele planeta, para ali passar milhões de anos, o que deve provocar sensações desse tipo, que impedem que a verdadeira face de impessoalidade do universo seja percebida. Pode ser que sim! Realmente, ao longo da “história biodemo”, quando instalados num mundo que apresentava problemas, simplesmente de lá saímos, o que nos impedia de vivenciarmos pessoalmente o lado cíclico das tragédias. Entretanto, o exílio na Terra transformou-nos em testemunhas e em atores das “peças da vida” cósmica, encenadas neste planeta.

Um aspeto marcante, ainda que de ocorrências isoladas, começou a fazer-se presente ao longo daqueles milénios: **uma espécie de “debandada” dos “entes dos portais” começou a ser percebida**, no sentido de, mesmo indo contra todas as

evidências, aqueles seres pareciam fugir de alguma coisa ou de algum tipo de controle, e praticamente escondiam-se em regiões remotas do planeta, como se desejassem jamais serem encontrados.

Parece que a ciência comum à provável “cultura médica” que eles possuíam havia descoberto alguma novidade que os permitia, então, permanecer fora das regiões dos portais permanentemente — ou, pelo menos, assim nos parecia.

Aquelas ocorrências possibilitaram-nos conhecer melhor quem eram esses tais seres que viviam nas regiões paralelas, as quais desconhecíamos. Eles eram tão atípicos e incompreensíveis que jamais os pudemos catalogar e compreender com algum grau de razoabilidade científica.

Foi um tempo de calma generalizada no sentido da ausência de guerras, ainda que a natureza, sozinha, produzisse níveis superlativos de sofrimento e de terror que as dispensavam. Naqueles tempos, era tanto medo que ninguém se atrevia a gerar conflitos — essa afirmação pode parecer exagerada, contudo, é a que melhor retrata o “sentimento” de então.

Os poucos núcleos humanos sobreviventes que existiam, começaram a reproduzir-se, e as, então, **vilas humanas**, recém-construídas, associadas ao repovoamento das construções megalíticas que conseguiram manter-se incólumes perante as

forças de devastação, começaram a repor um cenário de vida mais movimentado no mundo.

Diversos seres, algo isolados, mas ainda tidos como poderosos — a expressão “deus” ou “deuses” não era formulada nesses tempos — começaram a ser conhecidos nesse período, como se “libertos” do jugo dos comandantes, tanto dos portais como do conglomerado.

Reinos humanos foram surgindo aqui e acolá, disputando com as forças de fora a aparente divisão geopolítica do mundo. Aquela era, na verdade, uma grande e inesperada novidade, pois **jamais estimou-se que os humanos viessem, um dia, a organizar-se** do modo como estavam a fazer.

Por essa época, os clãs *nephelim* estavam pouco atuantes, pois permaneciam mais em Marte e na Lua do que propriamente na Terra — ou, pelo menos, era isso que os nossos sistemas de controle apontavam.

Mais tarde, soubemos que eles foram, muito provavelmente, os primeiros a perceberem a horrorosa convergência de diversos fatores siderais, geológicos e climáticos, previstos para o período em que a devastação se deu.

Após decorridos os primeiros horrores de uma gigantesca e quase interminável série de terremotos que prevaleceu por quase 1.300 anos, enquanto a crosta terrestre se movimentava

celeremente, com períodos de assentamento, os quais, por si mesmo, provocavam outras adequações da natureza, muitas cidades e outros núcleos civilizatórios continuavam a ser destruídos.

Naquela rota destrutiva, foram destruídas algumas cidades erigidas no Norte extremo do planeta, pertencentes à recém-surgida civilização hiperbórea, que era composta por diversos povos, e em cuja composição genética existiam padrões biológicos, demos e biodemos. Muitos dos seus centros soçobraram e não foram poucos os seres humanos e de fora, que ali morreram. Somente partes modestas das suas linhagens conseguiram fugir para outros rincões, notadamente as regiões Norte das atuais Irlanda e Escócia, dentre outros bolsões dos nortes europeu e asiático.

Em alguns poucos milénios de uma história comum, os nossos irmãos biodemos que não fizeram a “opção *Gron*” e que, portanto, permaneceram na Terra, conviveram e foram mesmo, como já dito, cocriadores de alguns processos civilizatórios, cujo traço final do legado convergiu para as chamadas mitologias celta, nórdica, germânica e finougriana, dentre outras.³

A título de conclusão da análise daquela época, no nosso modo de entender as coisas da Terra, as principais características que

³ NAT: O que parece ser o panorama que, naqueles tempos, correspondeu à gênese dos acontecimentos que viriam a transformar-se em mitologia para o conhecimento humano, na verdade correspondeu às primeiras organizações complexas nas quais conviveram muitos humanos com alguns poucos seres portadores de outros traços existenciais.

Com os reinos humanos, teve lugar a transição do conhecimento acumulado, que muitos desses seres repassaram para a espécie humana, como modo de estabelecer parcerias e/ou manter novas estratégias de dominação.

existiam em relação às classes de seres citados ao longo deste relato eram as seguintes:

1. A “história dos biodemos”, na Terra, praticamente acabara, e dos cerca de seis mil seres que chegaram nas “*mastlans*”, há aproximadamente 98 mil anos, e dos 736 Val que aportaram no planeta há uns 620 mil anos, tudo se resumia, então, aos congregados na cidadela de *Alt’Lam Gron* e aos dimensionados na faixa da “realidade prisão” de *Shamb-Aha*. As demais “consciências biodemos” estavam fenecidas, ou “mergulhadas” — pelo renascimento — entre alguns “**seres dos portais**” e entre os humanos, que estavam a crescer em número.

2. Os sirianos-anfíbios estabeleceram todas as suas bases debaixo d’água, e para tanto, lagos, rios e oceanos serviam. Desenvolveram algumas colónias e resolveram não mais associar-se aos seres da superfície. Depois, parece que se viram obrigados a voltar atrás na intenção antes anunciada, com vistas ao apoio a alguns núcleos humanos pelos quais tinham afinidade ou coisa do género.

3. Nesse período, ou seja, entre 9 e 4 mil anos atrás, os *anunnaki* pareciam estar mais envolvidos com as suas bases situadas fora da Terra (na Lua, em Marte e mais alguns poucos satélites deste sistema solar) do que propriamente com o que os seus representantes locais, associados a uns poucos dos originais que permaneceram no planeta, estavam a fazer. Haveria muito mais ainda

para ser dito sobre esses seres e a relação que tinham principalmente com a Lua e Marte, mas que, por decisão do “instrumento humano” do qual me utilizo, aqui não será abordado.

4. Os lugares onde, no nosso mapeamento, costumavam existir os portais de domínio e de trânsito dos seres da outra dimensão paralela, mas sobre a qual muito pouco sabíamos, começavam a parecer desertos quando comparados ao movimento que antes existia em torno dos mesmos. De modo estranho, alguns grupos dos “**seres dos portais**”, estavam a viver espalhados pela Terra, e costumavam isolar-se da convivência com quem quer que fosse.

5. Sobre os “**Seres do Conglomerado de Realidades**”, muito pouco sempre soubemos, nem mesmo tínhamos registos de atividades por parte deles.⁴

Foram tempos em que muitos eventos reais do passado viram-se transformados em narrativas orais no seio de uma cultura humana multifacetada, que passava a existir. **Para os humanos daquela época, todo um passado extremamente complexo era tão somente o que a memória de alguns deles podia reter e repassar adiante.** Na nossa convivência em *Alt'Lam Gron*,

⁴ NAT: Na época deste relato, entre os anos 2002 e 2004, ainda não estava claro para os “autores desta narrativa”, que tanto os “seres dos portais” como os “Seres do Conglomerado de Realidades” pertenciam ao universo antimaterial, paralelo ao que vivemos.

sempre achámos que, no universo, se existia um plano de dar sumiço aos factos acontecidos em diversas etapas da sua história viva, aquilo estava a ser muito bem executado na Terra.

Das quase 40 bases-estados existentes em todos os quadrantes planetários e, notadamente naquelas que, em tempos idos, homenageavam a vinda de Yel Luzbel de *Alt'Lam* — cujos nomes, notadamente os das chamadas bases luciferianas, foram dados de modo a lembrar as lutas do pretérito extraterreno, a saber, *Antlar* (Antártida), *Atlan*, *Atlans* (Portugal, que foi refundada por Poseidon), *Astlan*, *Astlantis*, *Antlartes*, *Astlar*, *Astlartan*, *Astlatan*, dentre outras —, todas elas haviam desaparecido.

O antigo contexto das rememorações do planeta extraterreno *Alt'Lam*, localizado em torno do sistema de Antares — como conhecido pelos humanos terrestres —, hoje, somente viceja na lembrança, como se vindo daqueles dias, **o nome do oceano Atlântico**, além de algumas outras poucas denominações ofertadas a seres e lugares da antiguidade.

Com um **novo divisor de horizontes e de memórias** estabelecido pelo conjunto trágico de ocorrências cataclísmicas ocorridas ao longo de quase **cinco milénios seguidos — entre 14.000 e 9.000 anos atrás —**, estava a surgir uma nova era na qual os reinos humanos assumiam as principais posições no “tabuleiro do jogo” da vida planetária.

Para os principais núcleos de poder que ainda pretendiam dominar a Terra, tornava-se essencial, então, dominar os reinos humanos, a fim de poder atingir os seus objetivos, só que com a **inevitável parceria da componente humana** e, para tanto, **antes, era preciso corrompê-la.**

Poucos o fizeram com a habilidade que Len Mion aplicou a esse processo, construindo, do seu exílio forçado em *Shamb-Aha*, uma **trincheira de luta contra Sophia** — pelo menos assim ele sempre pensou —, cujos resultados marcaram profundamente a história da humanidade, notadamente nos últimos dois milénios. Essa **nova etapa da história humana**, em que a espécie *Homo sapiens*, apesar de manipulada de muitas maneiras, prevaleceu sobre os demais agrupamentos de seres extraterrestres (deste universo) e extrafísicos (“**Seres do Conglomerado de Realidades**” e “**seres dos portais**”) que existiam, começou com o **manifesto que Len Mion conseguiu introduzir na então cultura dos humanos.**

A “**denúncia**” **contra Sophia e o seu governo** “**covardemente oculto**” **ao conhecimento de todos**, passou a ser comentada entre muitos povos da Terra. Esse manifesto de Len Mion foi reproduzido na Terra por um grupo de humanos influenciados pela sua astúcia, e que, com a ajuda de núcleos remanescentes hiperbóreos, conseguiram registá-lo numa espécie de placa de metal. Enquanto existiu, foi o “livro” mais perseguido por alguns seres — que hoje sabemos terem sido os “anjos” do “Comandante do Conglomerado” que atuam por aqui —, que lograram destruí-lo.

Contudo, Len Mion conseguiu, ainda naqueles tempos distantes, semear a cultura dos humanos com a sua “versão dos factos”. Se os efeitos colaterais do seu manifesto não mais existem atualmente na Terra, parece que os mesmos **ainda provocam muitas ondas de revolta** em outros ambientes, o que não nos é dado medir.

CAPÍTULO 2

Esgotamento dos Deuses

Revolta e esgotamento são duas palavras humanas que nós, biodemos, jamais havíamos atinado que pudessem existir tais estados de psiquismo ou de consciência. Na atualidade, conhecemos de perto esses dois panoramas à maneira terráquea de ser, que passaram também a fazer parte do modo como fomos nos adequando para poder dar continuidade à vida que levamos.

Talvez esse aspeto de uma história de caráter sideral, que terminou por envolver a Terra, jamais venha a ser corretamente retratado nas futuras empreitadas do conhecimento planetário, quanto aos eventos ocorridos no passado — estou a referir-me particularmente ao cansaço que se abateu sobre todas as forças envolvidas na colonização que aqui se deu.

O “psiquismo biodemo” não registava o “interromper de alguma ação” como uma desistência, nem muito menos produzia posturas mentais que pudessem gerar alguma reflexão crítica sobre a “interrupção”, o que implica afirmar que nós não sentimos o possível “saudosismo” — que hoje sabemos verificar-se na natureza humana — em relação a alguma coisa que gostaríamos de ter concluído, e não o fizemos.

Ao irromper o cansaço — que jamais havíamos sentido —, no nosso psiquismo, como se tivesse sido lentamente acumulado ao longo do tempo cósmico, esse passou a, literalmente, interromper diversos processos em curso, alguns nos campos da nossa própria “natureza biodemo”, o que nos levou a desistir de muitas realizações e tarefas cujas funções ainda não atinamos de todo. Sobre os biodemos, foi esse o aspeto do cansaço a que me refiro.

Entretanto, quando voltámos a nossa atenção para as demais forças em ação na Terra, ficámos “surpresos” por termos achado que todas elas estavam a padecer de algo parecido com “cansaço”.

Os “**seres dos portais**”, os poucos que podíamos perceber em ação no planeta, pareciam esgotados, e alguns deles chegaram mesmo a morrer, ficando os seus “corpos” ao léu, pois que as feras não os devoravam como faziam com os dos humanos.

Ao contrário dos seres vindos de fora, os humanos demonstravam um padrão de fortalecimento que jamais foi combatido pelas demais forças, talvez exatamente pelo cansaço que atingiu também os “**Seres do Conglomerado de Realidades**”.

Apenas seres que se apresentavam como “anjos do Criador” agiam por meio das suas naves e, ainda assim, muito discretamente, como se imunes ao panorama da lentidão local. Naquela época, enquanto todas as forças originalmente de fora e aqui estabelecidas pareciam estar cansadas, algo esgotadas, os

humanos começavam a organizar os seus centros, os seus reinos, como se aproveitando da letargia dos “predadores extraterrenos” — no seu sentido mais amplo.

Os *anunnaki* continuavam a expor perigosamente os seus núcleos no planeta, enfraquecendo a segurança dos mesmos, preferindo concentrar os seus esforços e ações na Lua e em Marte. Deles, pouco soubemos na época. Os **seres hiperbóreos e as suas linhas de descendência humana e não humana** seguiam o curso das suas vidas, tendo as suas atenções voltadas para uma velha ocorrência algo episódica, mas que, ultimamente, havia assumido ares de importante novidade entre as culturas daqueles povos.

Para nossa surpresa, a partir de *Alt'Lam Gron*, uma figura que sabíamos ser a de Yel Luzbel, estava a ser projetada junto com a de um outro ente que, entre as **linhagens hiperbóreas**, ficou conhecido como sendo a “**face revolucionária de Set**” ou o “**irmão invisível de Set**” — Set, ou Seth, foi o terceiro filho de Adão, cuja história, ocorrida antes dos tempos da grande devastação e mesmo do dilúvio planetário, era do conhecimento das cidades que compunham o contexto atualmente tido como lendário.

Existia, então, uma “lenda” de que Set não havia sido tão obediente ao Senhor que teria subjugado Adão de outra maneira, mesmo ele tendo seguido Eva no sentido de buscar, num primeiro momento, a libertação dos humanos em relação ao jugo que lhes era imposto.

Na verdade, o humano chamado Set, foi alguém muito respeitado durante e após a sua existência. Muitos ensinamentos foram creditados à sua pessoa, ainda que, da nossa parte, jamais tenha sido possível recolhê-los. Todavia, aquele **"Set An"** — nome aproximado na fonética da língua portuguesa — que estava apresentando-se ao lado da figura projetada de Yel Luzbel, era exatamente Len Mion, que estava a ser, então, chamado daquele modo pelos hiperbóreos.

O **"Grande Seguidor de Set"**, outro epíteto que era atribuído a Len Mion, falava da **"rebelião" do passado contra o seu ex-comandante** e tudo o mais que pudesse estar ligado à sua gestão, e situava Set como o único humano híbrido — os primeiros humanos da linhagem de Adão eram assim entendidos — **digno de ser reverenciado**, por ter criado um conceito, **um modelo de "Ente Superior"**, muito acima da posição de Sophia ou de qualquer outro ser vislumbrado por ele.

O que Len Mion ou **Set An** não sabia era a quem exatamente Set se referia nos seus **postulados, quanto a um "Ser muito elevado e superior a tudo o que se conhecia"**, ao deixar o seu legado, milénios atrás, semeado entre alguns povos hiperbóreos e de outros agrupamentos.¹

¹ NAT: O que Set, o terceiro filho de Adão e Eva, produziu no campo da revelação desagradou principalmente a Javé, o que obrigou o Criador a procurar um outro ser humano cujo DNA fosse da sua "confiança", o que pensou ter feito ao tempo de Enoch — que foi filho de Jared —, futuro descendente de Set, na linhagem dos patriarcas bíblicos.

Ao mesmo tempo em que Len Mion promovia as suas fenomenológicas aparições — nem sempre fazia acompanhar-se por Yel Luzbel, provavelmente devido ao esgotamento que ele apresentava —, a descendência de Noé já se encontrava bem estabelecida e em convivência com os demais núcleos que também sobreviveram ao último dilúvio planetário.

Nessa altura dos acontecimentos, pela primeira vez, foi percebido que um dos seres tidos como “Pais Criadores” por algumas culturas, parecia estar afirmando-se como superior aos demais, e que Noé e a sua descendência haviam sido por ele “escolhidos” para, no futuro, dominarem a Terra. Dentre os núcleos terráqueos da época, aquele tipo de aviso não foi muito bem compreendido, o que tornou a situação da descendência de Noé bastante delicada no campo da honorabilidade.

Exceto a própria descendência de Noé, ninguém mais levava a sério aquela história, até porque os humanos não tinham força nem aparelhagem para confrontar qualquer uma das outras potências presentes na Terra. *“Afinal, “seres poderosos” eram assim considerados exatamente por não serem humanos. Em nenhuma hipótese, os descendentes de Noé herdariam a Terra! Que tipo de notícia era aquela? Quem veiculava tal possibilidade nunca antes aventada?”* — esses eram os entendimentos dos núcleos terráqueos não humanos, da época.

De todo modo, aquela havia sido a primeira vez em que os seres humanos apareciam num contexto de “herdeiros da Terra”, ainda que vinculados a um dos **“Entes do Conglomerado de**

Realidades”, ou, pelo menos, foi com aquele tipo de ressaltado que soubemos daquela história: de que um “Ser Poderoso” havia escolhido alguns humanos para fazer deles os futuros líderes do planeta. Era tudo muito estranho!

Muito antes, cerca de 20 mil anos antes do presente, um outro “Ser Poderoso”² havia também se afirmado o mais importante atuando na Terra e, então, outro “**Ser do Conglomerado**” fazia o mesmo, só que apontando representantes humanos.

Já havíamos visto disputas e conflitos por muitas questões na vida universal, mas jamais tínhamos observado aquele tipo de peleja entre Seres ditos “Poderosos”, em qualquer quadrante universal. No nosso conhecimento, Sophia era a expressão máxima naquele sentido, ainda que ele, vez por outra, costumava referir-se a um Ser maior que ele, e que se situava para além das fronteiras da realidade que conhecíamos.

Teriam aqueles Seres algum tipo de vínculo com o que havia sido referido por Sophia? Simplesmente não sabíamos, porém, então, os humanos apareciam como “escolhidos” da parte de um deles, para exercer a função de mando, ainda que comandados, o que nos era absolutamente improvável, por jamais termos notícia de situação parecida com aquela em qualquer outro lugar do universo.

² NAT: Shiva, em uma de suas expressões avatáricas.

Em certo ponto daqueles dias, soubemos que Noé tomou conhecimento de que um ser de outra dimensão — ou que assim parecia — estava “a difamar o nome de Set”, seu antecessor na linhagem dos patriarcas, o que muito o contrariava. Noé reagiu ao afirmar, conforme o seu próprio ponto de vista, que aquele ser que difamava Set era o contrário, o oposto dele, o que, na linguagem de então, correspondia ao nome de Set seguido de um “sufixo” que significava a sua negação, no sentido de diminuição ou mesmo pejorativo.

Assim, para a descendência de Noé, num tempo bem anterior ao do aparecimento do alfabeto hebraico ancestral, o nome do difamador, em vez de “**Set An**”, era “**Set Aten**”, o que levaria Len Mion a ficar conhecido como sendo “**Satã**”, no viés da futura cultura hebraica, associada à dos persas e à dos caldeus, que mais tarde surgiriam.

O “**difamador de Set e dos planos do Senhor**” estava, a partir de então, a ser atacado pela descendência de Noé, e essa disputa o elevava inevitavelmente à posição superlativa de “**inimigo do Senhor**” sempre que os patriarcas precisavam apontar algum culpado por atrapalhar os planos da “linhagem sagrada de Set”.

Len Mion, criticando Sophia e os seus assessores, e sem jamais, naqueles dias, ter se referido a outro ente de modo crítico, a não ser o próprio suserano universal, terminou por ser tido pelos descendentes de Noé como o “antagonista do Senhor”, que escolhera a linhagem de Adão, como sendo o “seu povo”, dentre os que viviam na Terra.

Muitos livros que, na atualidade, não mais existem disponíveis para a cultura humana, chegaram a referir-se aos confrontos entre as forças dos “anjos do Senhor” e as daquele ser cuja feição foi sendo modificada, dependendo de quem lhe dirigisse a crítica. Solitário, Len Mion seguia com a sua vida, assim como os demais seres biodemos “presos” em *Shamb-Aha*, pois não mais havia a ligação que antes existia entre eles.

Tudo o que Len Mion estava a fazer e a produzir era absolutamente unilateral, e nenhum dos outros o apoiava naqueles caminhos que ele, solitariamente, optara por seguir, despertando em si emoções, em relação a Sophia, jamais sentidas pela “frieza biodemo”. Nem mesmo Yel Luzbel o apoiava integralmente, ainda que se visse compelido a posicionar-se ao seu lado, talvez por, no fundo do seu psiquismo, sentir-se responsável pelo roteiro dos acontecimentos — hoje o sabemos.

Como tudo aparenta passar, o cansaço e o esgotamento dos “entes poderosos” pareceu também extinguir-se, e uma avassaladora ambição de civilizações rivais, compostas por algumas ramificações descendentes dos “**seres dos portais**”, que ainda se encontravam atuando na Terra, foi retomada, predispondo-as a um novo período de conflitos constantes e, ao que tudo indica, se dependesse somente delas mesmas, aquilo novamente não teria fim.

Nesse tempo, muitos núcleos humanos, reconstruídos após o dilúvio, compunham a “semente” dos primeiros povos cujas notícias chegaram até os tempos atuais, notadamente, os que se

agrupavam na região da mesopotâmia, em torno do que viriam a ser a Suméria, depois a Acádia e, mais tarde, a Assíria e a Babilónia. Por trás das recém-formadas “células” das futuras civilizações humanas que comporiam a geopolítica planetária, posicionavam-se forças visíveis e outras invisíveis que procuram manipular, a qualquer custo, os desavisados humanos, que já não mais se submetiam docemente ao presumível domínio dos “entes poderosos” e tinham os seus próprios interesses.

Eram muitos os motivos estratégicos que os levavam às guerras, mas, principalmente, o que mais tarde percebemos como sendo questões de sucessão dinástica, parecia ser o fator que, para a nossa incompreensão e “espanto”, facilmente arrastava multidões de seres multiformes, de humanos adestrados e de alguns outros tipos de entes que nunca fomos capazes de classificar, para um morticínio planetário.

Os conflitos voltaram a envolver as “moradas” que pareciam existir situadas além da camuflagem vibratória que, conforme fomos depreendendo, “separa” a faixa de realidade na qual vivemos de outros níveis de realidade com as quais fomos nos acostumando, por experiência própria, a saber que existiam, do tipo *Shamb-Aha* e de outras, que fomos aprendendo a observar no quotidiano da interação dos “**seres dos portais**” com a Terra.

Para os biodemos de *Alt'Lam Gron*, que mal tínhamos a noção de “liderança” entre nós, a não ser para as questões funcionais e de processos, era inimaginável como todos aqueles seres podiam agredir-se mutuamente e destruir incontáveis expressões pela

simples luta em torno do exercício do poder. Entretanto, aquela “doença” que parecia acometer a todos os ramos da descendência dos “**seres dos portais**”, passou também a invadir o psiquismo humano.

O que somente viríamos a descobrir mais tarde era que, com o tempo, novamente estava em curso um enfraquecimento dos biodemos em *Shamb-Aha*, e Len Mion mal conseguia projetar-se para os seres da Terra. Contudo, sua habilidade de aproveitar-se do forçado anonimato, começou a desenvolver-se, e o nosso companheiro biodemo **foi transformando-se no maior manipulador de seres que atuavam na Terra, fossem eles humanos ou não.**

CAPÍTULO 3

Mistérios Não Resolvidos

Veza por outra, as incursões das nossas equipas de trabalho pelos diversos rincões do planeta traziam notícias de prováveis grupos de descendentes de Ostronomos, localizados, principalmente, nas regiões do continente asiático — assim chamado atualmente.

Eles pululavam por rios, lagos, mares e oceanos, porém, no decorrer do tempo, fomos perdendo o contato com eles, que Val Pen magistralmente elaborara, chegando mesmo a sistematizar, para a nossa lógica, uma impressionante quantidade de informações que, na época, surpreendeu-nos mais do que as que, então, tínhamos sobre os humanos ainda não racionalizados.

A consciência de Val Pen, “mergulhada” agora entre os humanos, estava ao tempo da sua trigésima quarta vida, conforme pudemos constatar até àqueles tempos — cerca de 7 mil anos atrás — que era uma média bem superior ao de outras consciências biodemos que haviam perdido os seus corpos em ocasião próxima ao seu fenecimento e que também “mergulharam” na humanidade.

Nos tempos da quarta geração da descendência de Noé, lá estavam ele e a consciência de Val El — ou Val Ellam —, agora como

humanos, fazendo parte das lutas daqueles dias difíceis. Para nossa surpresa, naquela altura dos factos, foi novamente percebida uma grande leva de chegadas de mais seres de outras civilizações cósmicas, muitas delas situadas, inclusive, fora do nosso padrão informativo. Soubemos, mais tarde, que aquilo que observávamos, era tão somente a continuidade de um outro fluxo — porque já havíamos detetado outros anteriormente — que começara há cerca de 5 mil anos, mas que somente naquela ocasião estávamos dando-nos conta.

Isso pode parecer estranho ao senso atual dos terráqueos, mas devo dizer que o trânsito aéreo daqueles dias era muito complexo e intenso sobre todos os sentidos. Por não existir um comando central que efetivamente atuasse como tal, muitas vezes éramos levados a cogitar que um ou outro ajuntamento de seres que pensávamos ser novidade, já ali estava estabelecido há centenas ou mesmo milhares de anos, e somente depois os percebíamos ao mesmo tempo em que descobríamos que a sua origem nos era desconhecida.

Aquele tipo de tráfego era incomum. Jamais, o repito, ao longo do tempo em que acompanhamos a “cultura biodemo”, com os seus cerca de 900 milhões de anos, existiu qualquer registo de notícia de tamanha convergência de fluxo, mesmo para mundos laboratórios, como era o caso da Terra, assim considerado devido à exuberante natureza e por ser “livre de posse”, ou seja, de ocupação de uma raça exclusiva.

A cada vez que detetávamos novas aproximações ou bases já edificadas no planeta, perguntávamos o que poderia ocorrer, sob a perspectiva cósmica, para que um evento, antes episódico, há muito havia se transformado em algo recorrente.

Pelo que depois soubemos, as outras forças estabelecidas no planeta há mais tempo, também se encontravam na mesma situação, sentindo-se “tangidas” para cá por fluxos de circunstâncias cujas causas não eram facilmente detetáveis pelo tirocínio que, então, marcava os seus psiquismos.

Até hoje, procurámos finalizar a catalogação dessas origens. Contudo, como o fluxo jamais diminuiu desde esses tempos, e somente teve uma certa dose de “interrupção” nos últimos quatro milénios, ainda assim, continuaram a ocorrer só que em número indescritivelmente menor do que, até então, usualmente constatávamos.

Acostumem-se, pois sabemos pouco e não temos respostas para muitas das angústias e dúvidas que carregámos ao longo de todo este tempo e, como vocês da Terra, com todo esforço, procuramos ampliar os horizontes da nossa capacidade de compreensão. E penso que qualquer outra espécie extraterrena também saberá pouco, seja a mesma quem for, porque, estranhamente, esse parece ser o grande contexto no qual temos vivido. As próprias perguntas de Yel Luzbel, que deram origem a toda essa ordem de problemas, e que ainda não foram respondidas por Sophia nem pelos seres *Aya* e *Aye*, ilustram muito bem essa questão.

Pelo que temos obrigatoriamente apreendido dos factos ocorridos desde que nos exilámos na Terra, o mais estranho de toda esta história é que os humanos parecem ter surgido com capacidade mental para encontrar as tais respostas. Por quê? Não sabemos, e muito menos compreendemos como tudo chegou até a este ponto. Contudo, aqui estamos, muitos de nós, dentre os seres mais velhos deste universo, espreitando os humanos, à espera de que eles compreendam o que está a passar-se e o que se passou e que, além disso, possam dar-nos alguma pista dos porquês!

Sob esta ótica, observando o passado pela perspectiva do que hoje sabemos, podemos apontar exatamente a quantidade de tipos de raças pensantes que, por muito tempo, coexistiram no planeta como sendo um dos aspetos mais interessantes do que se passou na Terra.

Alguns dentre nós, os agora chamados “biodemos *Gron*” — e naquela altura, já nos encontrávamos há mais de 10 mil anos sob o regime da “experiência *Gron*”, que nos isolou aparentemente da vida planetária — resgatávamos as antigas teses levantadas por alguns Val e Yel que conviveram, durante os últimos milénios, em algumas das cidades hiperbóreas, de modo muito adaptado às circunstâncias da vida, com aqueles povos que **defendiam o ponto de vista de que o tal “conglomerado vibratório”, fixado no planeta, seria a razão para o aumento do tráfego de civilizações diversas para a Terra.**

Decifradas, naquela altura, as comunicações e opiniões dos seres biodemos dimensionados em *Shamb-Aha*, com as de Val El — que

mesmo tendo-se tornado um humano, a sua mente unira-se ao “Processador Val” de tal maneira que o acompanhávamos como se ele estivesse em *Alt’Lam Gron*, expressando as suas opiniões — e mais alguns outros, além das nossas, percebíamos que a tese central das impressões de todas aquelas fontes era a de que o “conglomerado” em questão representava um tipo de comando ao qual Sophia poderia ou mesmo deveria estar relacionado por meio de algum tipo de vínculo.

As teses, de então, variavam no sentido de encontrar uma explicação lógica — que jamais surgiu — e que pudesse relacionar a presença algo recente de Seres que se apresentavam aos que estavam congregados na Terra, como sendo “Criadores”, “Donos” e mesmo “Comandantes” de tudo e de todos os que existiam, fosse nos sistemas de mundos que conhecíamos ou mesmo naqueles ambientes que imaginávamos existir por trás dos portais, com a constatação feita pelas forças presentes no mundo de que algo incompreensível, vindo de fora deste universo, havia se “acoplado” ao mesmo, e a Terra parecia ser um ponto focal daquele processo incompreensível.¹

¹ NAT: Val Eno não sabia, na época, e por isso não nos transmitiu o que agora podemos, da nossa parte, acrescentar à sua narrativa, que dele colhi nos anos 2002 e 2003.

Pelas vivências que mais tarde me envolveram, posso, agora, informar o que consegui constatar de todo esse contexto estranho. A mitologia nórdica sempre se referiu a Yggdrasil como uma espécie de eixo que uniria nove faixas de realidades dimensionais distintas, ainda que muitos historiadores e mesmo mitólogos, jamais tenham compreendido o seu significado da maneira que aqui será superficialmente exposta.

Os nove mundos, na mitologia nórdica, jamais foram “planetas extraterrestres”, no sentido de pertencerem ao mesmo universo em que vivemos.

Como muito bem representado nas produções cinematográficas deste início do século XXI, que relatam algumas aventuras dos deuses do panteão nórdico, a origem desses seres de Asgard, uma das tais nove faixas de realidade, seria melhor classificada pela expressão “extrafísica”, no sentido de ser algo não pertencente a este universo material.

Ao certo, porém, nada se sabia, e o **mistério com o qual aprendemos a conviver** continuou obscuro até estes tempos presentes em que repasso estas informações para a cultura humana. Referindo-me a esse aspeto, ressalto que, como o centro motor da nossa “equipa intersideral” encontra-se, nestes tempos atuais, a viver e a atuar sob a égide da cultura judaico-cristã, é para

Niflheim, Midgard Asgard pertence a outro nível de realidade que não a física, à qual pertencemos — na verdade, trata-se de um universo paralelo, que desde o início desta Criação, surgiu acoplado ao que agora vivemos.

Sob essa perspectiva, Asgard e mais Vanaheim, Svartalfheim, Alfheim, Jotunheim, Niflheim, Muspelheim e Helheim, seriam tão somente oito das dezenas de milhares de “lokas” ou de “genos” que compõem esse universo paralelo antimaterial — onde vivem os seres demos e os chamados anjos-clones —, subjacente ao nosso que, por sua vez, é rico em vida biológica.

Esse universo paralelo, também chamado de Brahmaloka — “morada” de Brahma ou de Javé, tido como o Criador de ambos os universos —, em contrapartida, não possuiria vida biológica, mas demoníaca, nos termos definidos pelas antigas notícias, atualmente, consideradas “mitologias”.

Assim, Odin e demais “deuses” de Asgard, como também os outros seres demos de diversas faixas de realidade, quando passavam a viver no nosso universo por algum tempo, pareciam ser possuidores de uma condição especial, pois os seus corpos antimateriais não se extinguíam ao “passarem” para o mundo material deste “lado de cá” da vida, se é que realmente todos o fizeram. Seguramente, porém, pelo menos alguns conseguiram aquela proeza durante alguns evos, por estranho que isso possa parecer.

Todavia, o que aqui nos importa ressaltar é que a mitologia nórdica coloca Yggdrasil como uma espécie de “eixo” que uniria essas oito realidades paralelas a Midgard — assim é denominado o nosso universo, nessa mitologia. Estranhamente, dentre todos os mundos do universo biológico, a Terra foi o planeta que se viu em “alinhamento vibratório” com essas outras oito faixas de realidade.

Desse modo, Yggdrasil seria uma espécie de “elevador alternativo” que às vezes surgia, dependendo das condições propiciadas pelo “jogo da entropia”, tanto a do nosso universo, como também a de cada uma dessas realidades que coincidiam, em algum ponto das suas expressões locais.

Aquelas conexões especiais ou “sincronicidades vibratórias”, permitiam a formação de “pontes” — bifrost ou “ponte do arco-íris” — que propiciavam condições para seres de uma faixa passarem para outras, inclusive para a Terra.

Sob essa perspectiva, Yggdrasil — o tal eixo ou “elevador” que permitia esse trânsito —, foi uma espécie de subproduto da “acoplagem” do “conglomerado vibratório”, que nada mais seria do que o conjunto desse universo paralelo que teria se “unido” ao nosso, no sentido de criar portais que permitissem o intercâmbio temporário entre as duas grandes faixas de realidade, ou seja, entre os universos antimaterial e material.

No caso do Brahmaloka, muitas seriam as “subfaixas” que comporiam a sua realidade interior. As oito em questão, as da mitologia nórdica, representariam apenas uma pequena, porém, importante fração do que ali existe, todas elas bem diferentes da faixa de realidade que vivemos. Esta que conhecemos, é formada por uma só faixa, que é o que chamamos de espaço-tempo, e que se expande formando muitas galáxias e mundos diversos, que ainda existirão por muitos bilhões de anos, enquanto existir hidrogênio para ser combustível na criação de novas estrelas.

De modo contrário, o Brahmaloka, em vez de se expandir como o nosso, estaria despedaçando-se, contraindo-se de um modo estranho para os padrões da física que conhecemos, e como o mesmo é composto por muitas “moradas” distintas, com as suas faixas de realidade, essas estariam também tendo um fim.

O esforço por trás do tal “acoplamento do conglomerado vibratório” tinha e ainda tem a ver com uma desesperada tentativa de “providenciar alternativas” para o drama dos que vivem no “lado de lá da vida universal”, e que possuem corpos demo, o que lhes confere poderes que os simples mortais do lado de cá não possuem.

Caso seja possível a este “escrevente”, o contexto aqui apresentado será melhor abordado em obras futuras.

o seu meio ocidental que me preocupo em deixar registados os relatos e comentários que, conforme estimo e pretendo, sejam esclarecedores, tanto para “o humano que nos serve de apoio”, como para os demais que um dia vierem a tomar conhecimento do que aqui procurei informar.

Vivendo em *Alt'Lam Gron* ao longo dos já idos cerca de 20 milénios do tempo terrestre, outro aspeto que me obrigo a informar refere-se à quantidade de dilúvios locais, regionais, e de maiores amplitudes ainda e mesmo planetários, que daqui registámos.

Isso o faço por força da citação que fiz sobre Noé, o de ordem bíblica judaico-cristã, cuja vida heroica também foi relatada em outras narrativas feitas por culturas diversas. Ainda assim, realmente, existiram muitos homens e mulheres que lideraram a salvação de grupos de pessoas e de animais ao longo destes milénios, salvando-os da extinção. Factos dessa natureza tiveram lugar em todas as regiões do planeta, em épocas distintas, e outros tantos deverão acontecer enquanto existir biosfera planetária.

Pelo que conhecemos, ao longo dos últimos 20 mil anos, a temperatura do planeta começou a aquecer e muito do gelo acumulado vem-se transformando em água, o que provoca mudanças climáticas tanto locais como mais amplas. Além do que, as correntes que vivem inseridas nas águas dos oceanos, passam por modificações diversas, o que provoca também mais e mais turbulências na superfície, sob a forma de chuvas e de tempestades de diversas categorias.

O Noé da “linhagem dos patriarcas hebreus” é tão somente um desses heróis, contudo, em termos de dilúvio, as histórias mais estarrecedoras e mesmo de maior impacto ambiental não ocorreram com a sua pessoa, mas sim, com outros dois orientais, envolvidos com seres sobre os quais nada sabemos.²

Jamais o género humano poderá saber quanto do que foi ciclicamente destruído e reconstruído, e novamente destruído, efetivamente se perdeu nesse vai e vem das marés da vida cósmica.

Apoiado no senso crítico que hoje possuímos, novamente o afirmo: se existe mesmo um “alguém” por trás disso, ele é um péssimo gestor!

² NAT: Muito provavelmente, Val Eno está a mencionar que Vishnu e Shiva — citados na cultura oriental — também interferiram em episódios de dilúvios, nos quais existiam os “eleitos da hora”, como também se refere às perdas de registos históricos da cultura de seres não humanos, que se extinguíram quando do avanço do mar, o que vem ocorrendo nestes últimos milénios.

CAPÍTULO 4

Fortalecimento de Len Mion

Enquanto o mundo se reorganizava ao longo dos tempos pós-diluvianos, ainda com os seus ciclos de tempestades que continuavam a varrer boa parte do hemisfério norte do planeta, de modo aparentemente estranho, dois focos de sobrevivência humana continuavam como que quase imunes à desgraça, à volta. Aqui refiro-me às terras das atuais Turquia e da Península Ibérica, tendo, esta última, muito provavelmente, passado praticamente intacta pela devastação que destruiu tudo o que não era construído por megálitos em todos os quadrantes planetários.

Enquanto muitos “deuses” se enfraqueciam, o “potencial biodemo” da família Mion, uma das mais temperamentais dentre as do género, estranhamente fortalecia-se, e não era somente em Len Mion, prisioneiro de *Shamb-Aha*. Entre nós, em *Alt’Lam Gron*, residiam três membros da família Mion que haviam se inserido na “experiência *Gron*” e, para nosso “espanto”, eles fortificavam-se junto com Len Mion, o que chegou mesmo a criar-nos problemas, naquela altura dos acontecimentos.

Naquela época, independentemente de Len Mion se encontrar em *Shamb-Aha*, verificámos que os três Mion entre nós e mais dois que permaneceram na Terra, entre os hiperbóreos — os que se

encontravam ainda “vivos” e atuantes —, revigoravam-se por meio de um processo que jamais pudemos compreender.

Len Mion fortalecia-se, não devido a alianças, favores ou troca de informações, mas por sua força no campo da revolta, da indignação, o que o levou a extremos. Jamais soubemos muito bem o porquê, porém, quando Len Mion percebeu que, naquela ocasião, na descendência de Noé encontravam-se — como humanos — várias ex-consciências biodemos, ele começou, literalmente, **a contrapor-se a qualquer aspecto que ele intuísse pudesse ser do interesse dos “seres dos portais” ou dos “Seres do Conglomerado”, notadamente do Senhor a quem Noé venerava.**

Atualmente, pudemos descortinar que, naqueles dias, usando da sua força crescente, **Len Mion conseguiu repassar para Faleg** — descendente de Noé na “linhagem sacerdotal” daquele povo —, **toda a sua revolta contra o “Senhor de Noé”**. Faleg, filho de Héber, o herdeiro da “linhagem”, parece ter simplesmente se recusado a dar continuidade à tarefa de patriarca, o que forçou o “Senhor de Noé” a buscar um outro “escolhido”, fora da linhagem de Sem — Sem, foi filho de Noé, sagrado pelo Senhor, e de quem Héber e Faleg eram descendentes diretos.

Então, a linhagem de Javé, que jamais havia recebido a bênção de “continuidade sacerdotal”, foi a “escolhida” pelo “Senhor de Noé”, que viu em Gomer — neto de Noé e ancestral dos futuros arianos — a sua melhor opção para transferir a sua preferência. Esta, também não resultou: **Len Mion foi para cima de Gomer e**

da sua descendência e, ali, também atrapalhou os planos do “Senhor de Noé”.¹

Hoje, sabemos que, na época, os “Seres da Tríade”, que comandavam o conglomerado, **desconfiaram que existia uma inteligência** — que eles imaginaram estar situada além da Criação que julgavam ser deles — **a agir de modo a atrapalhar os seus desígnios**. Aqui estou a referir-me, como expliquei anteriormente, somente ao enredo judaico-cristão, para dar um vislumbre do contexto, mas Len Mion também começou a imiscuir-se mentalmente nos planos dos demais seres, independentemente de quem pudessem ser.

Por não saber exatamente onde estava ou com quem poderia estar alinhada a personificação da sua revolta, que era Sophia, ele procurou — e o fez implacavelmente — atacar tudo o que não fosse do “interesse dos rebeldes”, conforme os seus próprios critérios.

No princípio, ele viu “traidores” nas consciências biodemos que ele percebeu entre os humanos, que por estarem “esquecidas” dos “objetivos da rebelião”, serviam inconscientemente aos “interesses do Senhor de Noé”. Em algum tempo que não sei precisar, ele

¹ NAT: De acordo com as informações que obtive enquanto escrevia o livro “Homoafetividade: O Segredo Perdido do Éden”, ficou patente que Len Mion estragou os planos do “Senhor de Noé”, o Criador, por duas ocasiões críticas, ao invadir as descendências “escolhidas” com a sua força mental.

A primeira foi na descendência de Noé, em que o “Senhor” apresentou-se à linhagem sagrada advinda de Sem e à sua descendência, ao tempo da vida do patriarca Moisés, como sendo “Javé”. A segunda ocasião foi junto aos arianos, que descendiam de Gomer, via Javé, aos quais o Criador apresentou-se como “Brahma”, epíteto que mais tarde viu-se exportado da mitologia ariana indo-europeia para a hindu.

percebeu que os humanos eram tão somente usados por “outras personalidades”, do mesmo modo que ele também os usava.

Era tudo muito lamentável, ainda que — novamente faço questão de ressaltar —, na época desses factos, os biodemos de *Alt'Lam Gron* não possuíssem esse senso crítico que agora demonstro ao me apoiar na mente “deste humano” para reproduzir estas lembranças.

Aqui baseio-me no que lhe informei anos atrás e nesta oportunidade de “revisão” do texto, empreendida antes desta publicação. A velocidade, porém, com que Len Mion se elevava em poder e em sentimento de revolta, começou a assustar os seus companheiros de *Shamb-Aha* de um modo que jamais soubemos interpretar, quando decodificámos as mensagens referentes a essa questão. Parecia existir uma mutação qualquer a ocorrer no psiquismo de Len Mion, que jamais foi aferida.

Pelo que deduzimos daqueles dias, **Len Mion descobriu algo chocante: os humanos podiam sentir ódio**, um sentimento que, até então, era desconhecido no âmbito de toda a Criação. Ele estudou por demais o fluxo da bioquímica humana que ancorava aquele sentimento que tanto o instigou. Ninguém, que fosse do nosso conhecimento, nenhuma espécie biológica antes do surgimento da humana, **havia concebido o “ódio” — do mesmo modo que nenhuma outra havia sentido o “amor”** — da maneira como os humanos o podem sentir e vivenciar. Isso é o que detetámos!

O pior e o mais terrível dos problemas que nos foi possível verificar, foi que Len Mion aprendeu a importar o “ódio” — a sua sequência genética correspondente no genoma dos terráqueos pensantes — para o ambiente em que vivia, e lá aprendeu ainda mais a manipular as suas formatações a partir da bioquímica dos humanos.

Ele estudou longamente como os terráqueos se comportavam, registou os seus níveis de postura psíquica, e passou a comparar empiricamente com o sequenciamento mapeado por ele, o qual, com o tempo, transformou-se mesmo numa extensão da sua mente. O seu conjunto de sequências genéticas nesse sentido passou a ser tão amplo e complexo que jamais pudemos entender e muito menos analisá-lo sob a luz dos nossos conhecimentos.

Len Mion começou a perturbar grupos de humanos, manipulando as suas vidas de modo a provocar-lhes o máximo de desespero na hora da morte, isso com o objetivo de reencontrar, em um outro corpo humano do futuro, aquela mesma “assinatura biológica” — coisa que os biodemos e outros grupos não humanos aprenderam a fazer muito bem —, como modo de avaliar o processo que acontecia longe dos olhos dos “vivos” e do seu próprio tirocínio, e que vinculava o antigo genoma (do corpo morto) ao que mais tarde ressurgiria (novo corpo).

De tanto provocar aquelas situações, foi criando um “grupo de cobaias” a partir do qual Len Mion aprendeu a como tornar um ser humano bestial e livre dos bons critérios da sua natureza singela.

Não sei se vocês, seres humanos, notam, mas apesar da natureza plenamente animalizada dos seus corpos, os seus psiquismos nascem e renascem como seres inocentes, ingênuos, singelos, e essa singeleza pode ainda permanecer na idade adulta se houver equilíbrio e honestidade entre princípios e propósitos, o que causa um alinhamento bioquímico ainda por ser percebido pela ciência terrestre.

Quem descobriu esse aspecto da natureza humana foi Len Mion, e a sua meta sempre foi a de desalinhar o psiquismo humano para que esse viesse a servir aos seus objetivos. Ao fazer isso, com o tempo, Len Mion gerou o maior dos problemas pois, nesse ponto do enredo, parece que ele causou o surgimento do que a cultura espiritualista chama de “seres trevosos” — os quais nós, de *Alt’Lam Gron*, não conhecemos e somente apresentámos esse aspecto como possibilidade teórica.²

Para o modo como entendemos os acontecimentos daqueles dias, Len Mion passou a odiar tudo e todos, inclusive ele próprio, por não dar à vida uma feição aceitável, fosse a que ele levava em *Shamb-Aha* ou a que ele via os humanos a experienciar, enquanto eram manipulados pelos demais seres, inclusive por ele.

Dos 658 seres biodemos restantes, que não se submeteram à “experiência *Gron*”, nos tempos em que Len Mion começou a

² NAT: Realmente, sabe-se que Len Mion gerou os chamados “exércitos trevosos”, que passaram a atuar nos níveis primários da espiritualidade envolvida com o orbe terrestre. Na verdade, esses grupos promoveram uma ocupação de território na erraticidade, como se faz numa guerra.

exercer o seu comando com o poder que ele então adquiriu, a partir de um certo marco temporal — cerca de 14 mil anos atrás — nenhum mais se encontrava vivo, como biodemo, na Terra. Todos haviam perdido os seus corpos originais e, então, estavam a ser lentamente detetados por ele, na sua busca de psiquismos anteriormente mapeados.

Aos poucos, ele registou aproximadamente noventa dos seus antigos companheiros de “rebelião” entre os humanos, e fez de tudo para “violentá-los” mentalmente ainda naquele tempo, no sentido de se tornarem humanos absolutamente corrompidos pelas aparentes facilidades da vida — pelo menos, assim o deduzimos.

Nem todos, porém, sucumbiram aos seus planos malévolos, e assim registro porque penso ser prudente, doravante, apresentar as cores mais próximas da realidade sobre a deformação psíquica pela qual passou Len Mion. Dos seus companheiros de *Shamb-Aha*, ninguém mais o suportava na função a que ele se arvorara e, além disso, não podiam fazer-lhe oposição quanto ao que ele vinha praticando obstinadamente durante tanto tempo.

Len Mion personificava muito do desespero de todos e da revolta de alguns pelo peso insuportável da solidão que sentíamos a viver na Terra. Nele, todo esse contexto foi explodindo a parte emocional do seu psiquismo, o qual, mesmo desprovido de órgãos biológicos para tanto, funcionava como se os possuísse.

Na sua mente, a descendência de Noé, independentemente do que ramo que fosse, seria atacada até ao seu último potencial de esforço, pois, no seu entendimento, aquele era o inimigo a ser combatido apesar de não conseguir atinar a relação de Sophia com tudo aquilo.

Len Mion, contudo, a partir de um determinado ponto daquela história, compreendendo ou não as relações misteriosas e obscuras entre o ex-comandante dos biodemos e os **“Entes do Conglomerado”**, ele passou a pensar que, quando Sophia, nos tempos idos da convivência capelina, referia-se a um Ser a quem ele chamava de Criador e a quem dizia obedecer — os seus auxiliares das famílias *Aya* e *Aye* também sempre assim o afirmaram —, estava a referir-se a um daqueles **“Seres do Conglomerado”**.

Se Noé havia sido “escolhido” por um **“Ser do Conglomerado”** que, então, se aclamava o Criador dos céus e da Terra, ali estava a face do “inimigo invisível” que jamais enxergara, mas que provavelmente manipulava Sophia e prejudicava a todos.

Foi alinhado com esse julgamento que Len Mion manteve-se atuando e fortalecendo-se por todo o tempo em que esteve à frente da sua própria loucura. Essa começou naqueles dias, mas somente viria ter fim nos primeiros anos da última década do século XX.

CAPÍTULO 5

Tensão em Shamb-Aha

Observando-se o contexto ainda dos últimos 24 mil anos, Len Mion foi o primeiro e o pior “patrulheiro” de “pretensos donos de mundo” que a nossa cultura registou. Ele não prestava muita atenção ao planeta propriamente dito, mas sim, aos que disputavam a sua supremacia.

Na época destes registros, é mesmo fácil perceber a sua estratégia de acompanhar de perto os seres poderosos em posição de liderança, para assim descobrir a sua origem, o enredo por trás daquele personagem, para poder, então, descortinar a existência ou não de possíveis vínculos com Sophia e, depois, com o tempo, também com o Ser que se apresentava como Criador.

Somente nós, os próprios biodemos, fomos dispensados dessa vigilância da sua parte, mas as demais forças que aportaram por aqui, foram estratégica e detalhadamente acompanhadas por ele. Esses 24 mil de anos de atuação como um “general em guerra”, mas sem exército nenhum a seu serviço, pelo menos nos primeiros tempos da sua “gestão local”, poderiam ser divididos em etapas, tão somente para facilitar o entendimento dos terráqueos em torno da questão, conforme mostrado a seguir.

Entre 24 mil e 14 mil anos antes do presente (a.p.), ele foi desligando-se da liderança de Yel Luzbel, mas sem jamais separar-se dele, pois sempre o usou como um comandante. Entretanto, Yel Luzbel nunca pretendeu qualquer coisa parecida, e deixava-se usar até um certo ponto — que pensamos ser o limite do quanto ele sentia-se responsável pelos acontecimentos.

Foi um período em que Yel Luzbel — praticamente influenciado por Len Mion, porém, acima de tudo, porque não queria deixá-lo sozinho numa “luta” que ninguém mais parecia disposto a sequer dela se recordar, quanto mais a dar-lhe continuidade — fez o papel do ente local mais importante, ainda que esse “local” fosse *Shamb-Aha*, que foi transformada, no imaginário dos, então, viventes na Terra, em um tipo de **“morada importante” de um ser que comandava uma não muito bem compreendida “rebelião” contra o “Suserano do Universo”**.

Durante esse tempo, na realidade, o que houve foi uma transição de comando de Yel Luzbel para Len Mion, em torno do discurso e das estratégias do que restava do “movimento rebelde”, ou seja, da “Rebelião de Lúcifer”.

Aqueles anos ficaram também marcados pelo discurso de traição — o qual Len Mion viria a abandonar anos depois, por compreender o seu equívoco — contra as consciências de ex-bio-demos que, então, ele percebia entre os humanos a servir aos desígnios do “Senhor de Noé”, que antes de ser assim conhecido durante e após a vida de Noé, havia sido também chamado como o “Senhor de Adão”, depois o “Senhor de Set” e mais tarde o “Senhor de Enoch”.

Em tempos mais recentes, ele veio, ainda, a ser conhecido como o “Senhor de Abraão”, o “Senhor de Jacó”, o “Senhor de Davi”, o “Senhor de Salomão” e de mais alguns outros personagens da linhagem hebreia. Há cerca de 16 mil anos, Len Mion sofreu um choque ao perceber a consciência de Val El personificando Enoch, o então “escolhido pelo Senhor” para representá-lo perante os demais habitantes da Terra.

Entre 14 mil e 9 mil anos a.p., aproximadamente, Len Mion estudou profundamente a situação dos “**seres dos portais**”, dentre os quais localizou a figura de Zeus — assim nomeado pela cultura grega, e também conhecido como Indra, conforme descrito na mitologia hindu —, como sendo o “principal personagem poderoso” que dele recebeu a atenção.

As devastações ocorridas naqueles anos obrigaram Len Mion a pouco se projetar para os habitantes da Terra, até porque não havia mesmo muito para se dizer, e todos estavam profundamente desgastados. Len Mion ficou surpreso com a quantidade de mentiras que ele percebeu que estavam a ser usadas por alguns seres que se apresentavam ao mundo com o discurso de que o poder deles é que provocava todo o contexto calamitoso, como modo de punir os desobedientes. Ora, nós, os biodemos, conhecíamos as equações da ciência cósmica que demonstravam a aleatoriedade daqueles factos, que estavam atrelados às tais leis que funcionavam independentemente da mente de quem quer que fosse.

Ele classificou como mentirosos a dois dos “**Seres Poderosos do Conglomerado de Realidades**”, como também a Zeus e

alguns outros mais. O interessante é que ele passou a conhecer aqueles seres, não porque os visse, mas pelo que deles se falava nos núcleos terrenos e, de certo modo, deu um jeito de acompanhar algo do que eles faziam ou mandavam fazer.

Por essa época, porém, ninguém conhecia Len Mion, que preferencialmente sempre deixava a figura de Yel Luzbel aparecer como sendo a principal, ainda que não mais comandasse coisa alguma, porque não havia mesmo nada a ser administrado nesse sentido.

Após os cataclismos e o dilúvio, quando diversos núcleos de sobreviventes humanos foram percebidos pelos de *Shamb-Aha* — os quais, como nós, de *Alt'Lam Gron*, procuravam por sobreviventes biodemos dispersos em muitas bases a partir do Sul, mas nenhum sobreviveu —, Len Mion voltou, como já explicado, a sua atenção para Noé e a sua descendência.

Entre 9 mil e 4 mil anos a.p., LenMion, nessa época também conhecido como **Set An**, pois, para os descendentes de Noé — até certo ponto daquela história —, ele era “**o difamador do Grande Set**”, baixou o seu gládio contra tudo o que viesse de qualquer uma das linhagens dos três filhos de Noé, a saber, Sem, Can e Jafé, e desde então, a vida jamais foi fácil para quem quer que fosse, no âmbito das linhagens dele desdobradas.

Len Mion estudou e passou a conhecer como ninguém os maneirismos do “povo escolhido” pelo Ser que ele identificou como

sendo o Criador referido por Sophia, em tempos idos, e essa foi a dedicação da sua vida até atropelar — com nível de inteligência muito acima dos “**seres dos portais**” e dos “**Seres do Conglomerado de Realidades**” — todos os planos dos descendentes de Noé, e assim deu-se até ao tempo de Abraão.

Assim, **entre 4 mil e 2 mil anos a.p.**, Len Mion, taxado pelos hebreus desse tempo como o “príncipe do mal”, o “diabo personificado”, e por inúmeros outros epítetos chulos, comuns àquela época, foi minando o padrão moral do povo descendente de Abraão — pois um novo pacto havia sido firmado pelo Criador com Abraão que, por isso, passou a ser chamado de “Abraão” pelos da sua posteridade.

Nesse período, houve, talvez, o facto mais emblemático de todo aquele processo de perseguição do “diabo invisível” — nem Len Mion, nem Yel Luzbel e ninguém mais de *Shamb-Aha* tinham forças mentais para projetar-se e ser visto pelos humanos — aos descendentes de Abraão, que foi quando começou a surgir, entre os hebreus, a voz profética a anunciar a vinda de um “Messias”, por ordem do Criador, para dominar o mundo em nome dele.

Usando expressões bem terrenas, Len Mion foi “à loucura” com aquela notícia que se repetia sempre, cada vez que um novo profeta aparecia entre os hebreus. Não se sabe ao certo, mas o Criador, que dentro em breve passaria a ser conhecido pelos hebreus como Javé, nessa época, pensava que alguém da Tríade o estava a confrontar — hoje sabemos que, entre os “Seres da *Trimurti*”, a prática de ardis era a tónica daquela estranha convivência, e Javé

pensava que estava a ser atrapalhado por artimanhas do Ser que, na mitologia ariana/hindu, era conhecido como Shiva.

Entretanto, era Len Mion que atrapalhava tudo o quanto podia, e no grau máximo, os planos de Javé para o povo hebreu. Ao que nos pareceu, Len Mion conhecia o Ser chamado de “Javé”, na cultura hebraica/judaica, e de “Brahma”, na ariana/hinduística, desde um episódio ocorrido com Enoch, que fora “escolhido” pelo Senhor, para conviver com ele e os seus anjos no “paraíso”. Contudo, aquilo não era nenhum paraíso, e tudo indica que, de *Shamb-Aha*, Len Mion conseguiu, pela primeira vez, enxergar o Criador e os seus anjos agindo numa faixa de realidade intermediária e alternativa entre o “**conglomerado de realidades**” e a Terra, quando das interferências que aqueles seres promoveram no corpo de Enoch, para que o mesmo sobrevivesse às condições do tal “paraíso”.

Obviamente, mais um plano de Javé terminou por não acontecer, ainda que, antes da morte definitiva do corpo humano de Enoch — que não se deu na Terra, mas sim, em algum daqueles ambientes do “conglomerado” —, a sua condição humana tenha sido aviltada de muitas maneiras. Por quê? A intenção do Criador era fazer dele o seu enviado junto aos humanos, sempre que precisasse. Len Mion, porém, interferiu naquele drama e, finalmente, **Enoch morreu de modo misterioso perante a estupefação do Criador e dos seus anjos**. Dele, restou tão somente o “molde angelical-clonado”, a partir do seu corpo humano, chamado de muitas maneiras, sendo, porém, o seu principal epíteto o de “Metatron”, o qual deveria funcionar após a morte do humano Enoch, se esta viesse a ocorrer um dia. Como já referido, pelo que

sabemos, a forma humana morreu e o clone jamais funcionou a contento.

Voltando ao período dos dois milénios em que a notícia da vinda de um “Messias superpoderoso”, em nome do “Senhor de Abraão”, viria ou apareceria na Terra para dominar os humanos, Len Mion passou a explicar para os seus acompanhantes em *Shamb-Aha* que, se o tal ser viesse de fora, poderia muito bem ser Sophia para prendê-los e iniciar o “conflito final da rebelião”. Contudo, se ele aparecesse na Terra como os “**seres dos portais**” costumavam fazer, não poderia ser Sophia, teria que ser uma outra entidade — assim pensava Len Mion, e defendia, com toda a força do seu ser, que todos se preparassem para o conflito iminente. “*Preparar-se como?*” — perguntavam os demais.

E assim seguiram aqueles dias, até que se iniciou o último período — que veremos mais detalhadamente nos próximos capítulos — da influência efetivamente tenebrosa de Len Mion sobre a Terra, que durou desde o tempo após a crucificação de Jesus, até os primeiros anos, como já referido, da última década do século XX.

Nem Yel Luzbel, nem qualquer outro dos seres biodemos que mantinham as suas vidas a partir de *Shamb-Aha*, entendia o ódio que Len Mion havia dedicado à descendência de Noé, de Héber, de Abraão, e de Jacó e, somente quando da notícia da vinda de um “super-ser”, em nome de Javé, para dominar o mundo, foi que eles **traçaram uma linha de entendimento entre o passado capelino e o presente terrestre.**

Os demais seres biodemos de *Shamb-Aha*, que há cerca de 3 mil anos continuavam a ser de 129 biodemos, obstinadamente permaneciam divididos nos mesmos três grupos já referidos, os quais defendiam posições absolutamente divergentes. O chamado “quartel-general” era, praticamente, ainda comandado por Len Mion, e composto por 87 membros — todos os Mion e Cromon dimensionados e parte dos Yel —, constituindo o maior grupo.

O segundo grupo apoiava a tese de Yel Luzbel de que eles já estavam a ser “castigados”, e que não haveria mais um “confronto final”, porque ele continuava a não perceber sentido de “ganho” para qualquer das partes envolvidas. Defendiam a posição de que os “dimensionados”, como um todo, deveriam congregar os seus esforços no sentido de decodificar a situação na qual se encontravam inseridos — assim pensavam, naquele ponto da história, Yel Luzbel e mais 27 membros da família Yel.

Finalmente, o grupo minoritário, composto pelos seis Val remanescentes e oito Yel, defendia que o esforço concentrado fosse direcionado para o estudo das consciências particularizadas dos três Val que dali “migraram” para a vida entre os “**seres dos portais**”, pois, conforme agora pensavam, fosse para o núcleo daqueles seres ou mesmo para o da espécie humana, que somente crescia, aquele seria o destino de todos os “dimensionados”, tese com a qual Yel Luzbel simpatizava, mas jamais pôs em prática.

Todos percebiam que Yel Luzbel a mais nada aspirava, e meio que influenciados pela sua postura, a maioria dos seres de *Shamb-Aha* também esperavam a vida passar naquele ambiente, na

esperança que a morte dos seus corpos liberasse as suas consciências, fosse lá para onde tivessem de ir. Len Mion, contudo, não dava folga a ninguém, e todos eram praticamente obrigados a escutarem as suas teses intermináveis, sobre as quais Yel Luzbel costumava pontuar que “era o que restava da vida para eles”. Contudo, segundo Len Mion, Yel Luzbel estava enganado!

Len Mion observou que a humanidade havia, estranhamente, se libertado das travas genéticas que a manteve irracional até cerca de 40 milénios atrás, mas ele também percebia que, com a sua própria ajuda, a mesma encontrava-se desagregada e absolutamente refém das lutas, das artimanhas, das estratégias e, acima de tudo, das **mentiras que causavam terror entre os humanos**, promovidas pelas forças que ainda pretendiam dominar a Terra.

A notícia da vinda ou do surgimento, ou mesmo do nascimento de um “super-ser” entre os humanos, para dominar o mundo para Javé, era o tema principal de todas as conversas das elites extraterrenas pretensamente dominantes, que não cessavam de especular sobre como tal evento se daria. As estratégias de Len Mion continuavam em curso enquanto ele procurava distinguir, dentre os humanos, quais os núcleos mais avançados que pudessem apoiar o tal ser, caso ele viesse com todo o seu poderio expresso em algum tipo de frota, com naves poderosas, ou somente surgisse no planeta demonstrando seus poderes e destruindo quem lhe fizesse oposição.

Nascer como um humano, não era bem a opção que Len Mion levasse a sério como sendo o meio ou o modo a ser utilizado pelo “Messias anunciado”, porque ele já havia observado muitos seres, presumivelmente enviados pelas “**Forças do Conglomerado**”, e o último havia sido Krishna, ainda que o mesmo não fosse propriamente *Homo sapiens*. Muito pelo contrário!

Ele jamais havia visto um ser humano com superpoderes, ainda que tivesse visto de sobra tal característica entre os “**seres dos portais**”. Todavia, humano, não! Foi nessa perene tentativa de patrulhar o panorama por ele observado, que Len Mion deu de vista com um grupo cuja importância a cultura humana precisará, um dia, aprofundar o seu nível de conhecimento sobre o mesmo. Ele observou que aqueles humanos eram dos mais habilidosos em sabedoria, decência, boas intenções e capazes de sacrifícios em nome dos ideais escolhidos.

Era, enfim, o que de melhor Len Mion já havia visto em termos de seres humanos habilitados para determinados fins. Aos seus olhos, aqueles terráqueos eram como um produto existencial elaborado pela evolução das espécies que eram obrigadas a existir e que passavam a viver no âmbito da realidade complexa em que todos se viam como protagonistas, sem saber absolutamente nada sobre a aventura na qual estavam inseridos.

“*Viver era estranho!*” — pensava Len Mion ao observar os eventos à sua volta.

CAPÍTULO 6

Os Teurgistas

A partir desse ponto da história terrestre, cerca de 3 mil anos atrás, os biodemos e todos os que se encontravam na Terra começaram mais e mais a perceber a presença opressora das hostes de um Ser que se apresentava como o “Senhor da Criação”, “Senhor do Universo” ou “Senhor do Mundo”, o qual fomos lentamente identificando, com a sucessão dos factos, como sendo o já referido “Brahma”, entre os arianos/dravidianos/hindus, “Javé”, entre os judeus e, mais tarde, “Alá”, entre os muçulmanos.

Ainda que nada fosse muito claro, o contexto de disputa entre seres que se situavam além das fronteiras naturais da vida biológica era tão real para os que viviam na Terra, quanto as suas atividades do quotidiano. Para as atuais gerações de homens e de mulheres do mundo, que sequer sabem que essas coisas tiveram lugar no planeta em que hoje residem, sabemos como deve ser difícil retomar o conhecimento sobre esses tempos imemoriais, ou mesmo resgatar as pistas possíveis sobre os eventos idos e esquecidos — e se torna mais custoso ainda, pelo nível de cansaço e de estresse que observamos como marca do atual modo como se vive na Terra.

Contudo, não pensem os humanos que somente eles entendem de estafa existencial, porque, a essa altura do acumulado do drama

dos que vivem no palco universal, tenham ou não consciência de que há um problema e que somos resultado dele, todos encontram-se fragilizados para seguirem adiante. O que parece tão forte na natureza dos animais irracionais da Terra — o impulso para viver e ir em frente, ainda que na pior das situações —, devido a uma série de circunstâncias cuja magnitude ninguém sabe medir, parece que esse impulso primal, atávico, aparentemente inevitável, está esmaecendo-se milimetricamente, como se enfraquecendo, o que não era mesmo esperado. Todavia, está!

É como se fosse a própria natureza das coisas e dos seres que estivesse se cansando de tanta tentativa estéril que **leva os agentes da vida à exaustão e ao descompromisso, pois não surgem resultados facilitadores e motivadores**. Diante disso, posturas psíquicas como as do estoicismo — que recomenda reação positiva face às adversidades —, poderão, em futuro breve, fazer uma falta absurda na ausência de outras mais harmônicas com as necessidades da Criação.

No estoicismo — uma antiga escola filosófica grega, mas que, curiosamente, teve o seu apogeu na Roma imperial, ao longo dos dois primeiros séculos da era cristã —, havia o conceito de “**logos**”, criado pelo seu fundador, Zenão de Cítio, que apontava como sendo a natureza universal a única realidade a valer de facto, no seio da qual tudo existe em “permanente efemeridade”. Aqui, a **intenção dos estoicos** sempre foi a de **aprender a identificar o que era permanente e essencial à vida, do que era considerado falso e pueril**.

Entretanto, em relação ao essencial, os estoicos eram profundamente dedicados ao exercício do esclarecimento, do questionamento, da reflexão em si, ainda que desprovidos de qualquer preocupação com “Deus” ou de conceitos a seu respeito. Portanto, **procuravam não iludir-se com esquisitices no campo da crença e da fé desarrazoadas.**

Conforme pensamos, eu e o “escrevente do qual me sirvo”, humanos estoicos seriam bem mais produtivos para o conserto universal das coisas da vida do que os crentes do mundo. Pena que muitos parecem estar cansados. Por que essa minha ligação com o estoicismo? Porque foi da **“semente biodemo” do “grupo da epistemologia” que surgiu o estoicismo** na Grécia — quando algumas “consciências biodemos” foram transferidas para viver “como” e “entre” os humanos. Nele, a **“frieza” dos biodemos em observar as coisas da vida** estabeleceu a sua raiz, ainda que, dentre as escolas que existiram na lenta evolução do pensamento humano — e me permitam ainda dizer, do “pensamento biodemo” —, outras raízes também foram fincadas por agentes diversos do fenómeno da vida.

Assim, voltando à marca temporal de cerca de três mil anos atrás, com o esgotamento completo da energia que alguns biodemos dimensionados em *Shamb-Aha* usavam para projetar-se e “marcar presença” na Terra, que era um modo de serem cultuados como “deuses disso e daquilo”, **começou a surgir uma nova maneira de interação entre os seres demos**, que viviam nas suas *lokas*, e os agora **populosos núcleos de humanos**, espalhados pelo planeta.

Por outras palavras, ao mesmo tempo em que, definitivamente, Len Mion e Yel Luzbel desapareciam da vista dos que viviam na superfície do planeta, estranhamente, alguns **“seres dos portais”** apareciam revigorados, como se determinados a, de uma vez por todas, dominar a humanidade e a exercer o controle sobre a Terra. Aquela “leva de deuses” — nessa altura, o epíteto “deus” já estava a ser utilizado pelos humanos em relação aos seres a quem ainda julgavam poderosos — começou a utilizar-se abertamente dos humanos como sendo os seus representantes, os seus reis (sagrados por eles), e os seus mandatários terrenos, dentre outras funções de mando.

Cultos aos deuses foram, então, finalmente estabelecidos, e cada cidade/cultura/etnia importante tinha o seu “deus”, o seu culto, o seu sacerdote, enfim, o seu “protetor e comandante celestial”. Foi ao longo daquela época que um grupo de humanos aprofundou-se decisivamente nas questões relativas à interação com aquele tipo de seres, notadamente os dos portais. Grupos de homens e de mulheres que se dedicavam àquela “disciplina mística” foram-se tornando mais visíveis ao longo dos últimos 800 anos anteriores à época de Jesus, e desse acúmulo de experiências, tanto teóricas como práticas, concentradas mais especificamente na Grécia, foi exatamente onde surgiram os teurgistas, que eram considerados “especialistas” no trato com seres situados além das fronteiras da vida humana.

Hoje em dia, os ocultistas e estudiosos em geral entendem a Teurgia como sendo uma maneira de comunicação com o “mundo não manifestado”, que alguns chamam de “espiritual”, outros de

“astral”. Contudo, para o que aqui estou a relatar, seria mais prudente defini-la como sendo, especificamente, usada para a comunicação com os “seres dos portais”, nesta trilogia já definidos como sendo habitantes do “universo demo”, paralelo ao “universo biológico” em que vivemos nós, os biodemos de *Alt’Lam Gron* e os humanos, nestes tempos atuais.

O problema é que muitos chamavam — e assim ainda classificam — as manifestações dos seres advindos do que se encontra oculto, como sendo algo “divino”, o que distorce o real conceito dos factos então ocorridos, já que o ser humano costuma entender “divino” como sendo um conceito “elevado”, de “padrão superior”, o que, infelizmente, não corresponde à verdade. Mesmo nós, biodemos, na atualidade vivendo em *Alt’Lam Gron*, tivemos muita dificuldade em compreender esse processo que começou a ter lugar naqueles distantes dias (cerca de 8 mil anos até aproximadamente 3 mil anos atrás), quando humanos, com conhecimento e habilidades especiais, aparentemente tinham o poder de invocar esses seres demos e, de algum modo, ajudá-los a tornarem-se visíveis e mesmo atuantes no mundo que, na época, **ainda não estava definido como sendo a “casa dos humanos”**, pois a disputa pela posse do planeta ainda estava em curso.

Se o plano do **“conglomerado de realidades”** ou de algum daqueles Seres fora, no passado, retirar o humano Enoch da Terra, adaptá-lo a uma vida situada além deste mundo e reutilizá-lo para influenciar os humanos sempre que desejado, aquilo parecia não ter dado certo **e o conceito de “divino”, de “sagrado”, de “elevado” e de “superior” foi, assim, substituído pelo de**

“oculto” ou “imanifesto”, o que nivelou por baixo a expressão de qualquer entidade que aparecesse na Terra como sendo de ordem divina.

Desse modo, para os humanos, classificar os seres de fora e de outros rincões como divinos, passou a ser algo vulgarizado e tão desvirtuado se tornou que até mesmo monstros e bestas, pelo simples facto de não serem humanos e terem sido produzidos por engenharia extraterrena, eram tidos como “deuses”. Como ressaltado, para aqueles dias, convergiu uma espécie de última tentativa — algo inconsciente quanto ao que realmente estava a ocorrer — de seres que, provavelmente, baseados nas realidades por trás dos portais, escolhiam e/ou financiavam grupos humanos para, então, “representá-los” no âmbito da geopolítica terrestre.

Era uma nova época que tinha início no contexto da vida terrena e muitos humanos espertos aproveitaram-se da inocência daqueles dias para começarem, por eles mesmos, a aproveitarem-se dos seus pares, que levavam um modo de vida mais simples e eram desinformados. Os “entes dos portais”, que estavam a atuar no sentido de exercer algum comando sobre os humanos, foram aos poucos defrontando-se com homens e mulheres “especiais”, que pareciam ter nascido com resquícios de poderes mentais mais parecidos com os que alguns dentre eles tinham, ainda que em nível bem mais modesto. Por outro lado, aqueles humanos demonstravam interagir com certos seres (NAT: espíritos desencarnados) que se encontravam além dos que se situavam nos portais, o que depois viemos a classificar como aspetos da

mediunidade, que parece ser uma característica ímpar dos terráqueos.

Jamais tivemos notícias de outros seres, no âmbito do universo em que vivemos, que possuam a capacidade apresentada pelos humanos de permitir a comunicação mental telepática e interdimensional, como também a de perceber e a de interagir, de algum modo, com diversos níveis situados além desta realidade aparente. O aspecto comum daqueles humanos era mesmo **a interação com os "seres dos portais"**, o que **levou ao início do hábito da "ingénua adoração" da parte dos terráqueos em relação àquelas entidades.**

Preciso, aqui, novamente ressaltar o aspecto da **ingenuidade humana**, porque, conforme pudemos pesquisar e conhecer posteriormente, para os gregos de então — povo no qual residiu o foco do nosso acompanhamento desde os tempos antigos da sua formação, ainda que **nessa altura da narrativa, esta esteja agora situada nos tempos imediatamente anteriores ao aparecimento de Jesus no mundo** —, o que na época se compreendia sobre a Teurgia, o repito, era um modo de comunicação com o divino, o mundo espiritual com as suas hierarquias gradativas em termos de pureza, sabedoria e poder espiritual.

Nem todo ser humano poderia exercer esse ofício. Somente os melhores, dentre os humanos, a tanto poderiam almejar, e serem adestrados a fim de conseguirem despertar, neles próprios, os poderes psíquicos com vistas a essa tarefa. Com o tempo, a Teurgia

ficou a ser conhecida, fora dos limites dos ciclos iniciáticos, como magia, podendo essa ser, então, vista como sendo baixa ou alta magia¹ sem que ninguém percebesse — na época, nem mesmo nós conseguimos acompanhar aqueles acontecimentos —, um desses entes extrafísicos, ou seja, o próprio Len Mion, aproveitou-se por demais da boa vontade dos humanos que se tornaram especialistas no ofício **teurgista**¹.

Len Mion, chamado naquela altura de uma expressão cujo sentido seria próximo ao de “Satã”, estudava e acompanhava, como ninguém mais, os avisos dados pelo chamado “Deus dos Judeus” através dos profetas do seu povo, sobre a vinda do seu “enviado”, de um “Messias” que dominaria a Terra. Aquele assunto parecia ter o condão de fazer vibrar os mais recônditos núcleos da atomicidade do corpo de Len Mion, e a sua mente ficava plenamente dominada pelo assunto.

Yel Luzbel procurava relevar o assunto à importância dos demais, como sendo a continuação de uma desgraçada destinação daquele grupo, agora “prisioneiro” de *Shamb-Aha*, e que, por isso, nada deveria ser tão importante assim que fizesse coro aos brados por justiça, vindos de Len Mion. A força impressionante que Len Mion conseguira edificar em si mesmo, enquanto os demais enfraqueciam progressivamente, incluindo Yel Luzbel, o distinguia

¹ NAT: atualmente, a compreensão em torno do significado da prática de invocação de seres não humanos, extrafísicos, em torno da magia, divide-se em três ramos, que são a Teurgia, a Magia Negra e a Magia Natural.

dos outros “dimensionados” e, efetivamente, a sua vontade foi, então, prevalecendo de uma maneira avassaladora.

Naquela altura dos factos, ou seja, há cerca de 2 mil e 300 anos, existiam ainda 58 seres biodemos dimensionados em *Shamb-Aha*. Somente para relembrar, dos 129 que existiam na altura de 24 mil anos a.p., 71 haviam fenecido. Dos três grupos antes existentes em *Shamb-Aha*, que defendiam posições absolutamente divergentes — as quais aqui relembramos, a saber, o do “quartel-general”, controlado por Len Mion, o que apoiava a tese de Yel Luzbel de que eles já estavam a ser “castigados”, e que não haveria mais confrontos, e o minoritário, formado por 6 Val e 8 Yel —, somente existia, então, o primeiro, bastante diminuído, ou seja, composto por 55 seres, restando ainda Yel Luzbel e dois Val.

No grupo de comando do que restava da “rebelião”, **além do próprio Len Mion, estavam outros 54 seres das famílias Mion, Cromon e Yel.** Os 2 Val restantes basicamente não participavam de coisa alguma, e passavam os seus dias a cumprir as suas tarefas, sem maiores complicações. **Aqueles 54 seres estavam completamente sob o domínio do psiquismo de Len Mion** e movimentavam as suas consciências nos mesmos padrões dele, só que, com uma diferença: o líder deles parecia fortalecer-se sempre, como se o rancor, a raiva e o sofrimento de ter que existir naquelas condições, sem aceitar e sem conseguir dessas libertar-se, o agigantasse.

Quanto aos demais, parecia que doavam energia constantemente para que ele se tornasse cada vez mais forte, como

se vissem nele a única esperança de “alguém” resolver alguma coisa naquela situação. E o “alguém” com poder mental acumulado no sentido de força e fúria era Len Mion, e não mais **Yel Luzbel, cujo psiquismo jamais enveredou por aquelas posturas**. Para Len Mion, naquela altura dos factos, descobrir o grupo dos **ingénuos teurgistas humanos** foi um achado através do qual ele começou lentamente a interferir, de modo terrivelmente decisivo, na história dos futuros dias terrenos.

Ao longo dos últimos milénios, Len Mion já havia feito muito, e para ele sempre pareceu estar claro que uma outra força invisível — que, acertadamente ele julgava corresponder ao que chamávamos de “**seres dos portais**” — atuava sobre os humanos. Len Mion acompanhara o confronto entre os seres tidos por ele como sendo “**soldados dos Seres do Conglomerado de Realidades**” e o império egípcio, ao tempo do êxodo dos israelitas. Leu facilmente aquilo que tanto demorámos a compreender: a influência sobre o psiquismo das pessoas de Moisés, do faraó e de outros tantos, que os seres que eram tidos como “anjos do Senhor” abertamente aplicaram naqueles dias.

A estratégia de preservar a todo custo as doze linhagens advindas do DNA do patriarca Jacó, como sendo a sobrevivência ou a herança do interesse do “Deus dos Judeus”, de manter entre os humanos, um palco genético para que, através do mesmo, fossem enviados os seus “Messias” e outros missionários humanos (profetas e líderes) em seu nome, estava claramente mantida com a interferência dos seres *Aya* naqueles episódios. Ressalto que Len Mion, apesar de alojado em *Shamb-Aha*, também utilizava-se dos

mesmos padrões culturais dos demais biodemos, como quando classificávamos os que julgávamos “**seres dos portais**” e “**Seres do Conglomerado de Realidades**” não sendo pertencentes ao nosso universo. Assim, todos os biodemos do nosso circuito, devido aos registos que marcávamos no “Processador Val”, usávamos os mesmos termos e definições conceituais.

Os tais “soldados do conglomerado” — mais tarde definidos na “*Bíblia*” judaica como sendo os “anjos do Senhor” — pareciam, à observação de Len Mion, os mesmos seres que assessoravam Sophia, no seu “centro de governo”, em Capela, se não fossem os próprios. Aquilo era tudo muito estranho para ele. Aquela constatação havia fixado definitivamente o foco da sua atenção naquele povo que era libertado de um estágio de escravidão no Egito para o de liberdade, por interferência direta do “Senhor do Conglomerado” ou, como aparecia em outras versões, de um dos “Senhores do Conglomerado”².

Outro evento contemporâneo ao do êxodo israelita que Len Mion também acompanhou com toda atenção foi a guerra de Troia, mas Len Mion não percebeu vínculo de interesse direto do “Senhor dos Judeus” com aquele episódio, ainda que antigas consciências biodemos estivessem a atuar como humanos nos dois lados da contenda. Após um mapeamento geral de todos os principais eventos dos últimos dois milénios antes do aparecimento de Jesus no palco terrestre, Len Mion foi deixando de lado os demais fluxos das disputas humanas para se concentrar no que, a seu ver,

² NAT: ou seja, a Trimurti e os seus níveis aristocráticos.

pudesse ter alguma relação com Sophia, os seus assessores e o tal “Deus”, a quem o seu ex-comandante parecia ter relação de obediência — e que Len Mion entendia ser o “Deus dos Judeus”. A sua atenção, como já informei, estava totalmente voltada para o anúncio profético sobre a vinda do “dominador do mundo”, que nasceria entre os descendentes de Jacó.

Len Mion fez tudo o que lhe foi possível no sentido de revigorar o seu antigo manifesto, que conseguira semear na cultura dos humanos, tempos atrás. Por mais que ele denunciasse Sophia e o “governo do Deus oculto”, no qual o ex-comandante apoiava-se ou dele dizia-se representante, durante os últimos 3 milénios anteriores à era cristã, não conseguiu gerar a ressonância que ele esperava, o que o fez desistir, como razão de fundo, do tema da “rebelião”, procurando, simplesmente, estragar tudo o que vislumbrasse como sendo interesse do “Deus dos Judeus” ou de Sophia, **cujas personalidades permaneciam covardemente ocultas** para os que se congregavam na Terra e arredores, conforme bradava da sua solitária tribuna de *Shamb-Aha*.

CAPÍTULO 7

A Vida em Alt'Lam Gron

Sempre tivemos em mente que a “blindagem *Gron*”, que havíamos criado, tinha como um dos seus objetivos exatamente o de defender também e, especialmente, o “Processador Val”. Apesar de apartados da vida terrena, era nosso dever estratégico procurar estar informados do que se passava no planeta. Nesse mister, e após decorridos tantos milénios, o traço psicológico que foi surgindo em cada um de nós, ao acompanharmos **os biodemos que conviveram com os povos hiperbóreos**, trazia consigo algo inquietante, na medida em que percebíamos a iminência deles, nossos irmãos de espécie, “tornarem-se terráqueos”, ainda que não fossem humanos.

O enredo principal da nossa vida desde a “experiência *Gron*” que, no fundo do nosso psiquismo significava “**estar no planeta**” e, simultaneamente, “**não ser ou pertencer ao mesmo**”, ou seja, **viver na Terra sem ser terráqueo**, ou ainda, **estar na Terra, mas sem assumir a condição humana**, com o tempo, foi enfraquecendo-se, ainda que nenhuma alteração superlativa tenha ocorrido nesses últimos 20 mil anos. Somos, atualmente, o que éramos lá atrás, antes de optarmos pela “experiência *Gron*”, só que com mais ramos de pesquisa e de estudo para realizar.

A experiência, que começou a ser idealizada há cerca de 22.000 anos, e que remodelou e recriou a nossa atual subespécie — que foi então gerada a partir do código genético original da espécie Val —, continuou o seu curso e foi sendo executada através dos “passos severos” que firmaram definitivamente o que hoje somos, e somente completou-se há cerca de 19.700 anos. Ao longo desse tempo, muita coisa aconteceu na Terra, mas em *Alt’Lam Gron*, nada ou muito pouco se transformava.

A esta altura da narrativa, devo confessar que sempre tivemos uma certa dose de discreta esperança de que, um dia, voltaríamos a fazer parte do fluxo dos acontecimentos do mundo terreno, e esse aspeto permanece até agora nos nossos psiquismos. Contudo, tivemos que forçosamente acostumar-nos a um fluxo de notícias e de constatações nada agradáveis, que aos poucos foi obrigando-nos a perceber que, o sacrifício de preservação da nossa situação original de biodemos, quando comparada à das consciências que se viram transferidas para a condição humana — sobejamente, estas últimas —, haviam apresentado um padrão de progresso que os afastava, e muito, em termos de complexidade, do estacionamento que dolorosamente nos afligia.

A tentativa de preservar a noção do que éramos, da nossa cultura e do modo de ser biodemo, foi-nos parecendo, aos poucos, uma atitude pouco produtiva, na medida em que víamos alguns dos nossos ex-companheiros portarem, nas suas consciências, um tipo de brilho e de lucidez nunca observado por nós, nem mesmo em Sophia, pelo menos em relação aos últimos padrões que dele

tínhamos quando da convivência ainda em tempos anteriores ao problema da “rebelião”.¹

A sensação de que algo de muito errado existia com as leis cósmicas, que pouco premiava o esforço dos padrões normais, mas parecia deliciar-se com a aventura do inusitado, ainda que com muitos erros e tragédias, cada vez mais invadia o nosso psiquismo. O mais enigmático era que, dessas adversidades, as tais leis pareciam produzir **adornos mentais**, que eram apropriados pelos poucos que ousavam romper o fator limitante do psiquismo que marca cada espécie cósmica — como Yel Luzbel e Pandora o fizeram. Normalmente, o que ocorre é que as espécies cósmicas são mantidas progredindo lentamente, mas em estágio estacionário, o que talvez facilite o controle dos “fatores” de cada uma delas, que não costumam gostar do “grito de liberdade”.

Observando de outro modo, as espécies biodemos que não se “rebelaram”, pelo que posso deduzir, ainda que sempre bem aquinhoadas no campo do desenvolvimento tecnológico, são hoje bem menos complexas do que as que se “rebelaram”. Por quê? As “rebeladas” tiveram que criar e assumir novos “adornos” nas suas mentes, já que se viram obrigadas a evoluir no campo da necessidade de decifração dos enredos mais profundos por trás da aparência das coisas e dos acontecimentos, como também

¹ NAT: Naquela época, Sophia não havia produzido ainda o seu avatar humano Jesus, nem muito menos recebido toda a herança que, ao ressuscitar, Jesus devolveu ao seu “feitor”, ou seja, a sua forma cósmica.

Ao receber de volta a resultante do que foi produzido pelo seu “filho humano”, esta elevou a situação de Sophia a um padrão vibratório muito superior ao que ele sempre ostentou antes de ter assumido a forma humana, que o dignificou em níveis superlativos.

passaram a “vivenciar emoções” sequer imaginadas pelos biodemos, que desconheciam qualquer tipo de sensação nesse sentido.

Tornando tudo ainda mais complexo e difícil de ser abraçado por qualquer lógica, os eventos que levaram os biodemos alojados na Terra a perderem os seus corpos e verem-se transferidos para a condição humana, como também para outras, fizeram desses os mais avançados dentre todos nós, o que parecia convidar todo o “gênero biodemo” a abandonar aquela condição que nos fazia funcionar quase sempre como uma “família semirrobotizada”, agindo, inexoravelmente, conforme os ditames dos códigos-fonte definidores das nossas espécies.

Imagino que as nossas “famílias coirmãs”, que não se “infetaram” pelo “vírus do progresso” que a “rebelião” terminou por produzir nos seus próprios agentes — que de algum modo conseguiram sobreviver —, acompanharam e acompanham todo o desenrolar desse enredo que está longe de ser concluído, e dificilmente conseguem compreender o **desmantelamento da lógica** que sempre pautou os algoritmos do nosso “psiquismo biodemo”.

Pensar que sair do controle de Sophia, ainda que com toda sorte de infortúnio, no final, parecia produzir frutos tanto para ele próprio como para os que se aventuram pelos caminhos do desconhecido cenário do cosmos, parecia ser o óbvio a ser constatado. No entanto, essa perspectiva destruía o trabalho de cerca de 900 milhões de anos de lenta elaboração de cada uma das quase 250

mil “famílias biodemos” que, em se mantendo disciplinadas e normais, era como se estivessem preparando o futuro para que se tornassem “lixo sideral”, sem nada a contribuir no campo da compreensão e da decifração, apesar de toda a tecnologia que ostentavam.

Em *Alt'Lam Gron*, quando discutíamos esse aspeto — e jamais deixámos de fazê-lo — sempre era necessário o intervalo de “uns poucos dias” de descanso e de refazimento psicológico para continuarmos com a trivial tarefa de sempre repetirmos a mesma agenda, enquanto a vida passava. Por sinal, a necessidade de algum descanso entre os biodemos surgiu connosco, os “aterrados” — os “exilados” na Terra —, porque as demais famílias do nosso género jamais precisaram desse tipo de recurso corporal, e mesmo nós, agora disso dependentes, antes desconhecíamos aquele leve torpor que fazia e faz com que o cérebro cesse de funcionar parte dos seus programas por alguns instantes.

Nesse ponto, dentre os postulados humanos, buscámos alguns padrões que nos pudessem ser úteis à estruturação do nosso psiquismo, vivenciando a solidão a que nos impusemos, enquanto aguardávamos por “sabe-se lá o quê”. Foi quando nos defrontámos, nos nossos estudos em torno da produção filosófica humana, com o “Princípio da Razão Suficiente”¹ de Leibniz, na filosofia crítica de Immanuel Kant.

Começámos, então, a estudar os seus postulados, quando pensámos ter identificado, em Kant, uma das antigas consciências Val do grupo da epistemologia, mas jamais concluímos, com certeza

científica, aquela expectativa. Seja porque somente tomámos do seu trabalho já tendo ocorrido a sua morte, enquanto grande filósofo dentre os humanos, ou mesmo porque a nossa tecnologia para o processo de identificação veio e continua a ser desenvolvida com o passar dos tempos. Em alguns casos, é com certa facilidade que detetamos o *modus operandi* de certas consciências Val, Yel, Cromon, Mion e Shanlum. Em outros, porém, não é tão simples, e muitas vezes permanecemos sem concluir certas questões que, talvez, no futuro, possam ser avaliadas de um modo melhor.

Os milénios terrenos foram se passando e, de vez em quando, notícias que nos diziam diretamente respeito eram veiculadas entre nós como resultado dos nossos diversos grupos de trabalho. Desde que produzimos a notícia — cujo processo de verificação sempre havia sido considerado como excesso de zelo ou a velha “prudência biodemo” de não ir além do que pudéssemos resolver dentro das nossas naves, sem depender de coisa alguma de fora, ou mesmo ficção e exagero da parte de alguns dos nossos melhores expoentes científicos —, a todos os habitantes de *Alt'Lam Gron*, de que estávamos isolados, sem podermos contar com qualquer apoio exterior, essa tornara-se a mais crua realidade.

Apesar de sempre termos vivido daquele modo, essa notícia deveria ter produzido em nós um clima psicológico de tranquilidade ou mesmo de indiferença. Paradoxalmente, porém, o simples facto de nos sentirmos impedidos de fazer algo, causava-nos constrangimento psíquico num grau nunca vislumbrado. Pouco a pouco fomos percebendo que não poderíamos mais conviver objetivamente com os diversos núcleos que formavam a vida física

do planeta, e aquilo não estava pressuposto no nosso previsível modo de reagir aos factos.

O que tivesse que acontecer com a Terra, seria produto da evolução natural dos homens e mulheres da sua espécie dominante. Da mesma maneira, o futuro da nossa cidade-base dimensionada dependeria exclusivamente da condição tecnológica disponível para assim mantê-la. Reajustámos todos os nossos esforços com vistas à nova situação que nos levava a permanecer onde estávamos, sem que vislumbrássemos qualquer opção de interagir com outro grupamento qualquer. O nosso principal temor era o de novamente paralisarmos o nível da evolução conquistado até então, pois sabíamos ser, aquela possível estagnação, a maneira mais fácil de fracassarmos por completo em relação aos ideais originalmente assumidos quando da “experiência *Gron*”.

A “cidade” na qual residíamos e cuja história remontava há mais de 20 mil anos, havia sido transferida, na sua estrutura atômica-molecular, para um ambiente existencial localizado no nível astral primário, literalmente consorciado à esfera física planetária. É como se toda a nossa cidade-base tivesse sido transplantada para a outra dimensão, sem que tivesse saído do lugar. Realmente, havia sido exatamente aquilo que ocorreu.

No momento programado pelo comando do “programa *Gron*”, os habitantes recolheram-se aos módulos de descanso e fomos todos transubstanciados com a matéria inerte vinculada ao nosso modelo existencial de comunidade, assim definido pelo colegiado de *Alt’Lam Gron*. Sob a perspectiva do nosso método científico, era um

procedimento seguro, tendo sido mesmo utilizado em alguns momentos cruciais da história dos descendentes do “núcleo rebelde”, que foi obrigado a fixar residência no único planeta disponível, devido a um processo cumulativo de tragédias, crimes, doenças e equívocos de toda ordem, perpetrados pelos diversos segmentos de “rebeldes” oriundos do que, na Terra, passou a ser conhecida como a “Rebelião de Lúcifer”. Que seja! Entretanto, para nós, os eventos ocorridos naquelas instâncias celestes jamais se enquadrariam nas posturas de um único ser — Yel Luzbel — ou nos desdobramentos do que inicialmente ele fez.

Para nossa surpresa, o conjunto daqueles acontecimentos passou à posteridade de maneira equivocada em relação a Yel Luzbel, tendo o seu conteúdo factual chegado à Terra já distorcido — assim ocorreu porque foram registados, no seu primeiro momento, pelos pares do “quartel-general rebelde”, que aportou neste planeta há cerca de 100 mil anos. Desde a chegada de Yel Luzbel, por diversos motivos, o método de transferência dimensional para o nível astral primário havia sido utilizado sempre com sucesso, apesar de não se controlar, precisamente, o “intervalo psíquico” em que o processo poderia durar, mesmo tendo-se como presumível uma certa escala de tempo em que o retorno ao mundo físico se daria.

Naquela ocasião, porém, perguntávamos uns aos outros, em *Alt’Lam Gron*, se aquela tentativa de perenizar a nós próprios, enquanto tudo o mais se transformava, inclusive os que deixavam de ser biodemos, valeria realmente a pena. **Será que seria melhor nos apartarmos definitivamente do fluxo dos**

acontecimentos cósmicos e viver, o resto da vida, encapsulados no código-fonte definidor da nossa espécie? Na “categoria biodemo”, não mais encontraríamos os nossos antigos companheiros de família. Essa, por sinal, jamais seria refeita! Qual o sentido de continuarmos acompanhando as consciências esquecidas da “condição biodemo”, então mergulhadas entre os humanos?

A nossa expectativa somente se modificou quando, logo após a virada do segundo milênio do calendário terrestre da era cristã, com uma certa dose de inquietação, fui incumbido, pelos meus irmãos de *Alt'Lam Gron*, de tentar contatar um dos nossos elos com o “passado biodemo”, o que, para satisfação geral, resultou nos livros da trilogia “*Queda e Ascensão Espiritual*”, a saber, “*Reintegração Cósmica*”, “*Caminhos Espirituais*”, e “*Carma e Compromisso*”, e da presente trilogia “*Terra Atlantis*”, além de muitos outros desdobramentos difíceis de serem aqui abordados, que foram produzidos pelo “humano do qual me sirvo”, antigo irmão de vivência Val.

O aspeto mais profundo para todos nós foi o da constatação de que, mesmo na condição humana, o “Processador Val” pode continuar a operar junto ao psiquismo terráqueo, sendo a experiência com este “humano do qual nos servimos com a sua total aquiescência”, a retomada de antigos projetos e o início de uma nova etapa para os que se encontram a viver por trás desta **camuflagem de “Espheron”** — a cidade-base de *Alt'Lam Gron*. Observando, nestes tempos presentes, o quanto fomos obrigados a agir e a “caminhar” por nosso próprio discernimento,

desconhecendo as regras da ação e do deslocamento, ainda bem que chegámos até esta retomada de parceria, **para podermos, doravante, visitar as páginas mais estranhas do passado recente, desde que o esperado “Messias”, anunciado pelo “Deus dos Judeus”, se fez humano na pessoa de Jesus** — ainda que nem mesmo os seus contemporâneos o tenham percebido como tal, pois que os judeus da atualidade ainda aguardam pelo cumprimento profético, por não terem aceitado que um homem fraco, derrotado e humilhado, possa ter representado uma promessa que ressaltava a vinda de um “vencedor”, de um **rei que se tornaria o justiceiro e o imperador deste mundo.**

Pode ser que, para o atual modo de pensar dos homens e mulheres deste início do século XXI do calendário terrestre, o que aqui, agora relatarei, não tenha mesmo maior importância. Contudo, apesar da modernidade tecnológica que atualmente marca a vida dos humanos, e que estes encontrem-se maduramente estabelecidos num padrão de compreensão confiável, que lhes garanta a continuada possessão da Terra, o desconhecimento sobre o passado fere perigosamente o alicerce desse pretensível domínio planetário. Alguns factos simplesmente acontecerão num futuro breve, e não nos parece que haja segurança de que as forças externas estejam preocupadas com o que os humanos sabem ou não. **Talvez, o tirocínio que marca as atitudes e posturas dessas forças externas não tenha amparo psíquico que os faça preocuparem-se com as conveniências dos humanos.**

Assim, nós, os que sobrevivemos em *Alt'Lam Gron*, as últimas testemunhas e mesmo atores de parte do processo de tentativa de colonização ocorrido no passado remoto, estamos ainda a tentar arquitetar parcerias com humanos que nos permitam algo esclarecer sobre aqueles dias.

Compreenda, quem porventura estiver a ler a presente narrativa, que nos dois últimos séculos anteriores à vinda de Jesus, no seio das muitas culturas humanas que agora vicejavam em cada nacionalidade, a **vinda de um "agente do além", de um "agente de fora"**, fosse lá o que isso pudesse significar, era assunto que tão somente poderia interessar aos núcleos iniciáticos de então e/ou, no máximo, à fé do povo, em cujo seio, o viés profético vaticinou a tal vinda excecional.

Se assim era na cultura humana, o mesmo não se pode dizer dos outros traços culturais extraterrenos, das equipas que estavam estabelecidas na Terra e vivenciaram aqueles 200 anos que antecederam o início da chamada era cristã. Para os muitos seres de fora, envolvidos com o que se desdobrava no planeta, o facto do domínio humano sobre o mesmo ter atingido proporções difíceis de serem revistas e redimensionadas, a não ser por meio da destruição da humanidade, a notícia veiculada pelos profetas — durante o último milénio em que o povo hebreu se reduziu às duas tribos do reino de Judá, de onde surgiu a expressão "judeu" —, de que, entre os judeus, nasceria ou surgiria um "super-ser", instigou a todos a vigiarem e permanecerem em estado de prontidão para um possível conflito, o próximo a acontecer dentro da cronologia descontrolada de desgraças que sempre vitimou a história local.

Essa atenção foi redobrada porque o esperado “super-ser”, cujos poderes dominariam o planeta, com toda a população humana a ele submetida, e tudo aquilo em nome de um dos Seres que se apresentava como sendo o maior dentre todos, era tão somente a continuidade dos eternos conflitos entre os “**Senhores do Conglomerado**”, vinculados aos problemas dos “**seres dos portais**”. Hoje, sabemos que absolutamente ninguém na Terra observa os factos acontecidos ou por acontecerem sob esta ótica. Entretanto, um dos aspetos reais do problema humano da atualidade é que ninguém, dentre os que vivem na Terra, pode ao menos imaginar que as demais espécies inteligentes aqui alojadas de algum modo, à exceção dos terráqueos, ainda pensam exatamente como se costumava fazer e como foi feito ao longo dos últimos milénios.

Os humanos são os que desconhecem o panorama que continua a envolvê-los — **nascidos no seio de todo esse problema, os humanos foram mantidos na ignorância, e até hoje assim se encontram**. Cuidam do que a lógica atual faz com que pensem ser do seu interesse, mas esquecem de perceber que muito do que não cuidam, porque desconhecem, continua a existir, gerando os seus processos.

Assim, a vigilância sobre os “processos e factos históricos” dos povos terrestres, da parte dos seres de fora e ainda vinculados à disputa pelo domínio do planeta, era e sempre foi superlativa: os terráqueos, desejando ou não, sabendo disso ou não, um dia compreenderão que ela continua a ser aplicada como antes. Dominar a Terra significava também o efetivo controle sobre as

bases construídas na Lua e, principalmente, em Marte, onde, de facto, parece ter começado, em termos locais sistémicos, toda essa história de problemas entre os **“Seres do Conglomerado”** e o que lá foi construído, o que pudemos ver com os nossos próprios olhos biodemos, nas vezes em que tivemos de deslocar-nos até lá.

São panoramas desconhecidos para o atual nível do conhecimento humano, condicionado que o mesmo se encontra devido às manobras de controle exercido por algumas forças vinculadas a centros de poderes extraterrenos, cuja existência e operacionalidade expressam-se sem que as pessoas comuns da Terra percebam claramente. Talvez, a vinda aberta e oficial de Sophia, prometida pela sua face humana, conhecida como Jesus, tenha o condão de colocar um fim a essa etapa da história universal.

Desse modo, por saber que seria na descendência de Jacó que o tal “Messias” nasceria, Len Mion tratou de exercer a partir de um dos ambientes considerados bastidores da vida humana, o seu controle implacável sobre os comandos dos impérios que, ao longo da história das doze tribos de Israel, atacaram sistematicamente os descendentes de Abraão, com a pretensão de aniquilar o “povo escolhido”.

Na ótica de Len Mion, **o objetivo era mesmo o de destruir o código-fonte definidor (DNA) dos judeus**. Se dependesse, pois, da vontade dele, qualquer ser humano pertencente à linhagem dos hebreus/judeus, deveria ser extinto, como forma de impedir o surgimento de um “super-ser”, uma espécie de “superagente” enviado pelo “Deus” que apoiava Sophia, e cuja intenção era a de

fortalecer ou criar um império planetário a partir do genoma dos judeus.

Para Javé, a Terra deveria ser a “cara dos judeus da aliança”: um povo temente a ele, obediente e impiedoso para com os infiéis. Len Mion faria tudo para impedir isso! Inclusive, ele próprio fez muito pior que isso com a humanidade! Len Mion jamais compreendeu a implacabilidade das atitudes de Javé, o que o levou a assumir uma postura correspondente, capaz de se contrapor a ele, por meio das suas estratégias. Na verdade, Len Mion superou em muito a Javé em termos de frieza e de indiferença para com o sofrimento alheio! Pelo menos foi essa a leitura que fizemos, ainda que, nesse ponto, o “autor terreno” sinalize uma disposição contrária em termos de avaliação. Ele acha que não sabemos identificar todos os elementos da questão para traçar com segurança uma avaliação mais aprofundada sobre a frieza e implacabilidade de ambos, na busca dos seus criminosos objetivos.

Praticamente, Len Mion dominou as mentes de todos os reis que passaram pelos impérios assírio, babilônico, persa e romano, dentre outros. E de tudo ele fez para tornar o povo judeu o mais desgraçado possível em termos de possibilidade de progresso. Cada tormento que caía sobre os judeus era motivo de ajuste na conta pessoal que ele determinou existir em relação àquele Ser que se apresentava como o “Criador do Céu e da Terra”.

Jamais houve um só império que tenha dominado ou infernizado a vida dos judeus em toda sua longa e penosa história, que não tivesse a mente de Len Mion por trás. O problema é que, também,

as histórias dos demais povos da antiguidade terráquea, todas elas foram horríveis em termos de dor, desolação e sofrimentos, devido aos desdobramentos da “escolha” de um povo, em detrimento dos outros, feita por um Ser que nunca agiu abertamente, mas sempre por meio do domínio covarde de psiquismos inocentes, como me pontua o senso crítico do “humano que me serve de instrumento”.

Se Javé havia garantido aos judeus uma “terra prometida”, a missão que Len Mion se impunha era a de assegurar que eles jamais teriam terra alguma. Se Javé prometia algo a um rei judeu, ele cuidaria para que aquilo nunca fosse realizado. Neste ponto da narrativa, faz-se necessária uma reflexão sobre o psiquismo de Len Mion. Pessoas há que têm muitas razões para existir; outras há que sequer pensam a respeito de ser necessário ter alguma razão para viver e levam a vida adiante sem maiores preocupações filosóficas ou transcendentais.

Nós, os biodemos, jamais tivemos esse mecanismo psíquico, o que nos esvazia a possibilidade de perceber ou de arquitetar qualquer sentido para a existência que levamos, pois, o código-fonte definidor do nosso gênero predeterminava o fluxo das ações e das reações, e isso era tudo para nós. Nem mesmo Yel Luzbel, que sofreu todos os impactos do movimento que ele começou e dos seus desdobramentos pesadíssimos, desenvolveu qualquer senso nesse sentido.

Len Mion, porém, foi o único biodemo, até àquela época, a ter desenvolvido um senso prático de destinação para além dos objetivos específicos do nosso código-fonte definidor de vida. Do

conjunto dos sentimentos, os quais ele foi inusitadamente desenvolvendo a seu modo, fez a raiz de um projeto de vida que se alimentava da sua obstinada “criatividade maligna” para sempre se contrapor a qualquer fluxo de intenção e de eventos produzidos por Javé e Sophia ou por alguém a eles relacionado.

A força mental de resistência e de sobrevivência que Len Mion construiu em si mesmo, jamais foi sequer compreendida pela ciência que os biodemos sempre tiveram disponível em seus psiquismos.

Detalhe: nós não aprendemos sobre ciência, pois já surgimos para a vida com o compêndio de informações destinado a cada um dos membros da nossa família, o que nos leva a, tão somente, complementar um ou outro aspecto do conjunto do conhecimento do qual somos portadores. Ainda assim, com todo o conhecimento acumulado e disponível, comum à nossa espécie, nenhum de nós jamais conseguiu compreender o que aconteceu com Len Mion, pelo menos até ao tempo em que produziu a presente narrativa.

A meu ver, ele foi “metamorfoseando-se mentalmente” a cada ideia destruidora que conseguia produzir, sempre no sentido de gerar mais caos para se contrapor às tentativas de manipulação e de conquista em torno do cumprimento dos desígnios que ele sempre julgou vir da parte de Sophia e de Javé. Pior do que Len Mion fez com outras etnias ao influenciar diretamente os muitos povos que entraram em conflito com os descendentes de Jacó, somente existe o que ele fez com os próprios judeus, como maneira de eles desobedecerem às ordens de Javé, o que, muitas vezes,

conforme as narrativas bíblicas atestam, levou a que o “Deus dos Judeus” castigasse o “povo escolhido” sempre que esse Ser era dominado pelo estado de fúria, que parece ter marcado o seu estado psíquico, mostrando-se uma Entidade absolutamente descontrolada e bestial, como ele próprio se apresenta nas narrativas que vieram a compor a “*Bíblia*”.

Aquilo era o clímax para Len Mion: ver o “Deus dos Judeus” destruindo e enfraquecendo o seu próprio povo. “*O tal “Messias” não poderia vir naquelas circunstâncias*” — pensava ele, enquanto desenvolvia novas técnicas para enfurecer o inconstante e primitivo “Deus dos Judeus”. Len Mion foi conhecendo, aos poucos, as fraquezas de Javé, e jogou com ele e com outros seres como quis, de modo a humilhá-los repetidas vezes. Nem mesmo nós temos precisão de informação a respeito de quantas e quais foram as oportunidades em que Len Mion intrometeu-se nos últimos planos de Javé, ao longo dos últimos 20 mil anos, aproximadamente. E ele fez bem mais do que isso!

Ele passou a ser o adversário mais enigmático que os três “**Senhores do Conglomerado**”, e os demais chefes dos “**seres dos portais**” jamais tiveram, e não foram poucas as vezes que eles brigaram entre si — e as suas descendências também — provocados por uma “força invisível” que os envolvia, enquanto Len Mion, desprovido de qualquer humor, observava, da sua morada inexpugnável para os demais seres, os efeitos da sua “arte mental”, que a cada dia crescia.

Usando dos termos da mitologia grega, Ares, um dos entes daquele panteão, considerado o “deus da guerra”, destruiu uma quantidade impressionante de seres, dentre humanos e de outras espécies, **pensando que estava a guerrear com os soldados do tal “ser invisível que infernizava a vida dos olímpianos”**. Um outro daqueles deuses, Apolo, utilizando-se da engenharia de Hefesto, quase conseguiu construir uma armadilha que pudesse capturar o tal “ser invisível”, que eles desconfiavam que estava a agir para enfraquecer o poder de Zeus junto aos humanos.

Sim! Len Mion, visando enfraquecer os **“Seres do Conglomerado”** e os **“seres dos portais”**, tudo fazia no sentido de se utilizar dos humanos para contrariar esses “poderosos” que sempre pretenderam dominar a Terra. Indiretamente, ele ajudou os humanos a fortificarem-se, desde que não fossem os “protegidos por Javé”, contudo, nisso, nunca houve senso de fraternidade ou de justiça de qualquer tipo, pois tão somente ele agia de acordo exclusivamente com os seus objetivos.

Como aqueles seres viviam de aplicar ardis uns nos outros, Len Mion aproveitava-se dessa fraqueza para fazer valer a sua “arte” desagregadora e infernal. Ele jamais se preocupou em construir o que quer que fosse! Tudo nele havia se transformado em potencial de destruição, que jamais foi combatido com eficácia por nenhuma outra força, talvez por não ter sido possível identificar um ser atuando a partir de uma realidade alternativa, tecnologicamente edificada, e que não existia como efeito das regras da Criação Universal.

Devo, ainda, levar em consideração que, também por ele ter conseguido manejar os instrumentos da dominação psíquica por muitos milénios, todo aquele processo fez dele um ser indetetável, sem sofrer, assim, qualquer reação direta. Ele somente se fortificava!

Quanto mais colecionávamos partes do que conseguíamos perceber e posteriormente decifrar das estratégias e atitudes vindas de Len Mion, mais percebíamos o cansaço de Yel Luzbel e o progressivo desgaste dos demais seres alojados em *Shamb-Aha*.

O que restava do “quartel-general luciferiano”, que por tanto tempo pelejara em torno de ideais diferentes dos usuais, ou de simples contraposição ao modo de Sophia representar os poderes do “Deus oculto”, nada mais tinha a ver com aquelas questões iniciais, e os factos sucediam-se de acordo com o desenrolar da aleatoriedade e das decisões tomadas por todos os envolvidos.

A pior face dos biodemos, notadamente a da *secura* e a da *frieza* associada à capacidade de foco em objetivos cirurgicamente determinados, estava ainda por aparecer.

Nesse sentido, Yel Luzbel jamais representou problema de qualquer tipo e, caso não tivéssemos passado exilados todo esse tempo, arrisco a pensar que a história de todos nós poderia ter sido bem diferente, inclusive a de Len Mion, este sim, a personificação de um padrão de personalidade cujos temperos ainda estão por ser descortinados.

Não temos como avaliar, nem muito menos julgar, a posição e o nível de responsabilidade de cada um desses seres perante o conjunto das leis morais vistas pelos humanos como sendo o conceito mais nobre de “Deus”, que deve ser utilizado para gerir o fluxo da existência, caso o faça. Contudo, do que até agora pudemos observar, não existe um caso como o de Len Mion, que parece ter gerado o tipo de sentimento mais contrário ao bem viver, que é o que os terráqueos entendem como sendo correspondente ao ódio.

Já pudemos registrar, no passado, os “**Seres do Conglomerado**” pontificarem que os humanos haviam inventado o ódio. Penso que eles assim o afirmaram porque jamais souberam da existência de Len Mion e das suas atividades desenvolvidas a partir de *Shamb-Aha*.

Ninguém, dentre os humanos, o sabe, mas existem algumas sequências extremamente complicadas e complexas no DNA dos homens e mulheres terrestres, que foram lentamente produzidas pela inteligência deformada de Len Mion. Incapaz de senti-las, pela modéstia do tipo de cérebro biodemo, ainda que na condição de “dimensionado”, ele usou os humanos como cobaias para melhor adestrá-los em certas áreas comportamentais, com vistas à dominação e à implementação dos seus planos.

Deve-se a Len Mion o que de pior possa existir no psiquismo humano, e em seus respectivos **lastros genéticos**, no que se refere à maldade e ao campo da cegueira filosófica, intolerância, psicopatia, desequilíbrio, frieza, rancor e ódio, dentre

outros aspetos da tragédia que pudemos mapear. Óbvio que a sua “arte mental” de gerar o caos foi erguida a partir de uma desordem psíquica adrede existente, que resultou no fluxo caótico da vida que conhecemos. Apesar disso, dignificar esta vida é atitude mental das mais preciosas, que alguns humanos aprenderam a fazer, e que os demais seres que habitam no universo em que vivemos e em torno dele, precisam também aprender a praticar.

Esse tem sido o nosso esforço a partir de *Alt'Lam Gron*.

CAPÍTULO 8

Caminhos Inusitados, Encontros Inesperados

Sei que deverá ser difícil para o conhecimento humano entender, mas, enquanto nascerem novos seres humanos a todo momento — e assim, deverá ocorrer enquanto existirem humanos que possam reproduzir-se —, a vida continua, e isso também acontece para as quase 250 mil famílias de biodemos que jamais foram “finalizadas”, só que por outras razões. O género biodemo estava — e achamos que ainda está — em construção até à eclosão da “rebelião”, e não penso que o contexto que sempre nos envolveu nas cercanias do sistema de Capela e de outros mundos tenha mudado alguma coisa nessas centenas de milhares de anos que já existimos. Lá, as coisas quase nunca se modificavam e as transformações eram muito lentas e ainda devem ser, mas continuam.

Um dos aspetos mais enigmáticos é o de que essas cerca de 250 mil espécies que compõem o género biodemo representam um número de individualidades que ultrapassa, em muito, os 7 bilhões da população planetária atual da Terra, e essas vão viver por um longuíssimo tempo, porém o universo não espera por ninguém para levar adiante a sua própria necessidade de se reciclar sempre, para se manter em busca da complexidade.

A questão é que, quanto mais complexa possa a vida tornar-se em tecnologia, pensamos que o que já foi conquistado por algumas civilizações cósmicas — que construíram os seus próprios mundos artificiais e transformaram o universo na sua casa, ou seja, vão para onde desejam, conforme as circunstâncias — representaria o padrão máximo do progresso no campo da inteligência.

Essa era e é a nossa lógica e a de todas as civilizações que até então conhecíamos, antes de vermos surgir o ser terráqueo com outros **padrões no psiquismo, que importam tanto ou mais do que a questão tecnológica. A capacidade do pensamento crítico que permite a arte da decifração, da compreensão, associada a uma habilidade mais complexa ainda, que é a de sentir emoções e de poder valorizá-las**, isso modifica por completo o que, até cerca de 50 mil anos atrás, tudo o que existia e que existe neste universo pensava.

Vocês não sabem, mas ao menos disso nós temos conhecimento: as notícias sobre o aparecimento do ser humano desperto para a racionalidade e independente, como também as diversas etapas do seu progresso, foram e são notícias permanentemente atualizadas por diversos circuitos de fluxo informativo que há muito conseguem capturar o que lhes interessa, em termos do que se passa no globo terráqueo. O que desconhecemos, e não temos como analisar, é o nível da compreensão que, nas origens desses acompanhamentos ou na destinação dessas notícias, poderá existir.

Sabemos, porém, depois de tudo o que fomos obrigados a viver desde que nos vimos exilados para a Terra por força dos

acontecimentos, que os humanos, com possibilidades superiores, existem há cerca de 50 mil anos. Entretanto, nesse espaço de tempo, nenhuma espécie cósmica — nem mesmo as que abduziram terráqueos no sentido de levá-los para os seus mundos com o intuito de transformá-los em “analistas da vida” ou coisa do gênero, como também as que estão a modificar os seus próprios genomas, para introduzir neles certas “condições genéticas” que se observa no DNA humano —, evoluiu em qualquer padrão no campo da compreensão e dos seus desdobramentos.

O problema parece ser bem mais sério do que pensamos, e o “próprio humano do qual me sirvo” é quem me informa que, segundo o que ele consegue discernir a respeito, a questão reside na contraparte espiritual, ou seja, na condição dos espíritos que estão associados a essas civilizações.

Segundo ele, e em outras palavras, a razão crítica, filosófica e emocional não é fator que dependa tão somente do tipo de cérebro biológico, mas também da condição do espírito vinculado (imantado ou encarnado) ao corpo da transitoriedade biológica. Se assim for, daqui até que o gênero biodemo evolua para um estágio de possibilidade de compreensão semelhante à que se encontra disponível no psiquismo humano, sinceramente, penso que muitas gerações de estrelas e de reorganização galáctica terão decorrido.

Quanto da vida valerá a pena se formos questionar-nos até onde é gratificante e útil existir no âmbito deste universo, sem ter a capacidade ou a habilidade mental de compreendê-lo? Não sei se os demais biodemos não envolvidos com a questão da “rebelião”

terão condições, um dia, de se fazerem exatamente essa pergunta que acabei de expor: “*Qual o tipo de vida que vale a pena?*”. Entretanto, quando e se o fizerem, que tipo de resposta o grau da racionalidade biodemo ancestral poderá produzir?

Se o que conseguimos arquitetar a partir da “blindagem *Gron*”, que nos separa artificialmente da Terra, estiver correto, seguramente esse problema não deve ter sido ainda abordado ou mesmo refletido, mas espero que, um dia, a “existência biodemo” possa ser ressignificada. Por quê? Depois de vivenciarmos as experiências a que fomos obrigados, hoje percebo a incapacidade que Sophia e quem mais o estiver assessorando, têm e terão para arquitetar a equação mental, no campo da compreensão, quanto ao pano de fundo por trás da existência biológica ou mesmo biodemo.

Esse nível mais profundo de crítica e de compreensão que a “experiência *Gron*” permitiu-nos concluir sobre certos aspectos da existência, mostra-nos que a realidade, que pensávamos ser constituída apenas pelo nosso universo, é composta também pelo universo paralelo dos “**seres dos portais**” e dos “**Seres do Conglomerado**” e, mais ainda, o nível dimensional que os terráqueos chamam de “Espiritualidade”. Por tudo o que vivemos desde os tempos de Capela até agora, acho que deles, Sophia e a sua assessoria, pobremente, têm notícias sobre o universo antimaterial, nada sabendo sobre a Espiritualidade.

Reafirmo, portanto, que esses seres já teriam resolvido qualquer problema de ordem tecnológica, se fosse o caso, mas compreender o que se encontra em curso de transformação, seja neste universo

ou alhures, pensamos que somente com o concurso dos terráqueos racionalizados e equilibrados, é que análises e o vislumbre de cenários desse tipo serão possíveis de serem produzidos.

Penso ser importante que vocês percebam que, e por isso o ressaltarei, por mais atrasado que os humanos possam estar na percepção correta que o método científico procura produzir sobre a origem da consciência, ainda assim, sobre esse assunto, são os mais adiantados de todo o cosmos.

Não existe sequer senso de crítica e de autocrítica entre as civilizações mais antigas que a que hoje se observa na Terra, quanto mais o uso eficaz de algum padrão científico na busca do vislumbre sobre a consciência. **A maioria dos seres que existem pela Criação afora, não tem a mais remota ideia do uso e do significado do que representa o “eu”, e muito menos do que é individualidade ou ainda individuação.**

Há cerca de 600 mil anos, **não tínhamos a menor ideia do que significava esse “eu” que, depois da doença de Yel Luzbel, nele surgiu,** fazendo com que isso se transformasse numa “questão virótica” a ponto de se tornar uma pandemia, inclusive para seres que viviam em outras dimensões — hoje o sabemos — e que, na época, parece que estavam a começar a estabelecer como normal, um fluxo antes impensável para alguns poucos locais deste universo, e que terminaram “adoecendo” do mesmo fator, quando do entroncamento intersideral e intersistêmico, ocorrido na Terra.

“Adoecer”, aqui, significa assumir **um dos principais efeitos colaterais advindos da “pandemia rebelde”, que foi o estranho surgimento de tipos de “eu”** com algum padrão de racionalidade, ao longo dos últimos 700 mil anos, no seio de algumas classes de seres. Em termos do nosso universo biológico, essa foi **a maior revolução já ocorrida!** Entender esse aspeto é o início para uma compreensão mais ampla e acurada do que significou a “Rebelião de Yel Luzbel”, ainda que esse epíteto não seja o mais apropriado para os primeiros momentos dos difíceis acontecimentos daqueles tempos capelinos.

Compreendam que os tais **“seres dos portais”** e os **“Seres do Conglomerado”** não fixaram os seus portais neste universo, e se tal planeavam não foram hábeis a tal ponto. Muito pelo contrário, os tais portais fecharam-se e, agora, somente soluções tecnológicas — conforme pensamos —, poderão bem contemplar êxito em torno dessa questão. **Hoje, desconfiamos que os tais “Seres do Conglomerado” viram-se “fixados” ou “acoplados” à Terra, independentemente das suas vontades!** E isso ter-se-ia dado em tempo bem anterior ao que aventamos nesta narrativa. Contudo, não temos como verificar, pelo menos por enquanto, essa nossa desconfiança.

Nós mesmos, como já informado superficialmente no início deste livro, quando dos deslocamentos que usualmente fazíamos, jamais havíamos presenciado maiores indícios dessa “vizinhança universal”, ainda que singularidades estranhas sempre eram detetadas aqui e acolá, mas nunca conseguimos maiores definições no campo da conceituação das mesmas.

Na Terra, porém, tudo parece ter convergido e explodido do modo em que se deu, **e que hoje se encontra equivocadamente traduzido para o conhecimento humano como sendo lendas e mitos**. De todo modo, transcorridas algumas centenas de milhares de anos desde que aqui chegámos, eis que, pela primeira vez, o “grupo da epistemologia”¹ se realinha em níveis interessantes, pois que, agora, alguns de nós continuam como biodemos em *Alt’Lam Gron*, outros “mergulhados” na condição humana e, ao que parece, alguns outros no estado de espíritos desembaraçados quanto ao uso do corpo carnal e, portanto, livres para atuar a partir dos tais “ambientes espirituais” que envolvem a Terra.

O que faltava? Que um dos humanos pudesse servir de ponte entre essas dimensões! E eis que as duas trilogias — “*Queda e Ascensão Espiritual*” e “*Terra Atlantis*” — já produzidas pelo antigo grupo, tão somente iniciam um processo de parceria que perdurará, pensamos nós, até o fim das possibilidades universais. Sob a minha perspectiva, é uma lástima que existam outras forças e hostes espirituais que precisam do concurso do “humano do qual nos servimos”, e que respondem por outras ordens de palestras e de livros produzidos por ele.

Confesso que, desde que firmámos o provável início desta parceria logo no início do novo milénio do vosso calendário — trabalhamos bastante para isso desde o ano de 1990 até o de 2004, sem que soubéssemos do apoio espiritual que, conforme parece, recebemos o tempo todo, para podermos envolver o “aparelho humano” —, aquilo que os humanos sentem como sendo

“esperança”, começou a ser o refrigério motivacional que nos manteve atuando firmes, apesar de todas as dificuldades nossas e “daquele que nos apoia com a sua condição de terráqueo”.

Os desdobramentos em torno dos ideais do estudo epistemológico — o de procurar a verdade com honestidade de princípios e de propósitos, que a consciência de Val El, enquanto biodemo e depois humana, sempre perseguiu —, dos quais não abrimos mão até à atualidade, têm sido a nossa motivação para a continuada busca de esforços para enfrentar o porvir.

O que agora estabelecemos por meio deste trajeto que indelevelmente une as nossas mentes em torno do “Processador Val” e de outros circuitos, permite que saibamos que, ainda que todas as demais vozes se calem e todos os sonhos se desfaçam, o ideal da “busca pela verdade”, acalentado pelas famílias biodemos, permanece como sendo a flâmula de uma equipa que jamais deixará de se movimentar.

O que foi um dia sonhado pelos Val, Yel, Mion, Cromon e Shanlum poderá até não se cumprir, mas desfazer-se, deixar de ser perseguido, jamais! Afinal, ainda que “desorganizados” e sem consciência disso, transformámos a nós próprios em uma das forças que agora atuam nesse contexto e, sem a nossa participação, as “Forças Criadoras Originais” de todo esse processo não podem lograr atingir nenhum resultado que as satisfaçam.

Agora, não são somente os descendentes de Ostronomos que agem com algum padrão de senso de respeito, de ética e de justiça neste quadrante universal, pois os humanos da Terra estão também a desenvolver a sua maestria nesse mister, com muito esforço e sofrimento, ainda que açoitados pela ignorância espiritual — conforme atualmente pensamos — das muitas “forças” que atuam no processo da vida. Dos sonhos engendrados por diversos “ex-rebeldes” ao tempo da vida hiperbórea, os processos ali iniciados, ainda que perseguidos por toda sorte de malefícios, geraram os seus frutos, e a sementeira, apesar de dispersa no primeiro momento, hoje converge para um ponto de encontro (na verdade, de reencontro) que, apesar de modesto em sua estruturação, tempo virá em que dele — das novas “sementes” que dele surgirão —, mais um outro período de “semeadura cósmica” terá lugar, o que acontecerá a partir da especiação do ser terráqueo.¹

Somente em tempos mais recentes, descobrimos, a partir de *Alt’Lam Gron*, que Len Mion, desde há muito já havia percebido a existência de ambientes espirituais, por onde as consciências dos seres fluíam antes de nascerem como humanas. Ele, que já havia manipulado mentes de “**seres dos portais**” e de “**Seres do Conglomerado**” no passado, sem que esses o percebessem, passou, então, a **utilizar-se das consciências espirituais desencarnadas — conforme denominado pela “Revelação**

¹ NAT: Esse ponto de encontro a que Val Eno se refere, é o Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA, que no início deste milênio era tão somente uma vaga ideia, mas que, lentamente, fui elaborando, com a ajuda de outros biodemos, agora também feitos humanos, até que ele se tornou o “lugar virtual” no qual passei a esconder livros não publicados e muitas palestras que poderiam escandalizar os “desavisados”.

Espiritual” — e também das encarnadas, pegando boleia, principalmente, nas suas ambições e outras fragilidades.

Por meio de caminhos absolutamente imprevisíveis e inusitados, um determinado grupo de protagonistas vem participando de um mesmíssimo processo cujos vetores problemáticos mudam de sistema, de planeta, de dimensão e até de face temporal, mas os encontros e reencontros sucedem-se ininterruptamente e, o pior, sempre obedecendo aos mesmos padrões problemáticos do tipo de existência que levamos todos nós. Sei que essas expressões são mais humanas do que as dos biodemos, mas me permitam os terráqueos que um dia venham a ler estas páginas, que assim seja devido ao tipo de influência que me obrigo a receber do “amigo terrestre que me serve de apoio”.

Sinceramente, não sabemos por que é assim. Talvez um dia os humanos consigam decifrar o perfil oculto desses eventos definidores do que tem acontecido no âmbito desta Criação. Há cerca de dois mil anos, porém, encontros inesperados — pelo menos para a lógica biodemo — tiveram lugar além da conta neste mundo, em torno da presença de Jesus, tema em relação ao qual, a partir deste ponto da narrativa, me dedicarei.

Diferente do que ainda sou como biodemo — sem maiores emoções, algo frio e indiferente ao futuro, apesar de motivado para seguir adiante —, Len Mion tornou-se um tipo de criatura capaz de odiar outras.

Há cerca de 2000 anos, como desdobramentos do exílio, dos problemas acumulados e da difícil convivência daqueles tempos, **Len Mion detestava Yel Liam, respeitava Val El e adorava Yel Luzbel e os seus irmãos Mion e Cromon**, em especial. Como ele havia conseguido despertar aqueles sentimentos em si mesmo, esse era um dos aspetos da sua personalidade que permanece estranho para os demais biodemos até aos dias atuais. Nós não sentíamos muitas coisas, mas Len Mion, mesmo sem jamais ter sido humano, vivenciava bastante o muito do que os humanos sentem, além de outros panoramas emocionais que só os desgraçadamente pervertidos filosoficamente, dentre os humanos, parecem estar dominados por tais psicopatias e cegueiras.

Junto com a loucura de Len Mion, veio o cansaço sobre todos nós de *Alt'Lam Gron*. Como se fosse uma contaminação geral, todas as bases de seres cujas origens não eram terrestres — mas que convergiram para este mundo, por força do impasse e da ausência de uma autoridade local ou de fora, plenamente percebida e respeitada por todas as componentes da questão —, foram-se enfraquecendo.

Muitas estabeleceram-se além da Terra, em bases anteriormente construídas na Lua, em Marte e em diversos satélites do sistema solar, e nelas encontram-se até os tempos atuais. Algumas poucas fizeram algo parecido com o nosso caso, e encontram-se “disfarçados”, ou mesmo “camuflados”, em lugares específicos da biosfera terrena. Os principais acontecimentos definidores do futuro de todos, porém, ainda estavam por começar.

CAPÍTULO 9

Falência Psíquica e Choque de Naturezas

Todos os que vivem nesta Criação, seguramente foram engendrados para desejar a vida e fugir da morte a qualquer custo. Por singular que possa ser a sua natureza, o seu psiquismo sempre sentirá, inconscientemente, a sensação de apego à vida corporal e usará de todos os meios para fugir à sucumbência física. Assim passou a ser determinado pelo DNA da espécie, como também pela “poluição” dessas marcações no que supostamente entendemos como sendo o espírito de cada ser.

A retroalimentação constante desse processo deu-se e dá-se a cada “momento cósmico”, automatizando o ser nessa busca infindável de eternidade. Ao estudar os organismos unicelulares do universo biológico no qual vivemos, a ciência humana descortinou a premissa ou “lógica” desses pequenos seres, e apontou que, conforme a ótica que lhes marca o comportamento, quando percebem que o ambiente (ou habitat) em que vivem é caótico, insatisfatório, eles fazem de tudo para se tornar eternos, imortais. Curiosamente, ao perceberem que o mesmo é favorável, eles optam por se reproduzirem de alguma maneira — algumas espécies de bactérias, por exemplo, enquanto células vegetativas, apresentam o processo de esporulação em condições adversas, produzindo células esporuladas, também chamadas “esporos”, que sobrevivem

e apenas germinam quando o meio torna-se favorável, surgindo assim novas células vegetativas, que podem nutrir-se e reproduzir-se.

Ao longo dos últimos milénios, desde que passámos a habitar em *Alt'Lam Gron*, procurámos compreender essa aparente constatação da ciência humana, aplicando-a à longa história evolutiva do género biodemo e dos antecessores, como também às classes de seres surgidas animalizadas, com as suas naturezas exuberantes. Mais recentemente, tentámos aplicá-la aos "**seres dos portais**" e aos "**Seres do Conglomerado**", e tudo o que concluímos é que, cada espécie produz um tipo de natureza psíquica, e **todas elas são cativas do comportamento automatizado da sobrevivência**, não lhes sendo dada outra opção, a não ser a de **perseverarem até o fim**. Pelo que viemos a saber mais recentemente, nenhum ser ostentou mais do que Len Mion essa predestinação de procurar superar-se indeterminadamente, no sentido de manter-se vivo e atuante.

Não sendo um ser animalizado, o que o poupava de gastar a sua energia pessoal com os apetites naturais da vida biológica mais complexa, ele enriqueceu-se a tal ponto que, o seu poder, alimentado pela indignação e ódio dedicados a Sophia e ao Ser Criador do qual o seu ex-comandante dizia-se representante, e a tudo o mais vinculado a ambos, tornou-se superlativo, não existindo, então, barreira mental que o impossibilitasse de envolver a sua vítima.

Dizendo de modo claro, anjos-clones, demos, biodemos, biodemol e diversas espécies animalizadas predadoras, todas elas facilmente eram dominadas pelo seu poder mental. Como já dito, e agora acrescentando um panorama, não foram poucas as vezes que **Ares**, sob a perspectiva da mitologia grega, **achou que alguém se aproveitava da fúria e da frieza impressionantes que marcavam o seu psiquismo, quando se motivava a matar.** Esse alguém, ele chegou a achar que era o próprio Zeus, ou os deuses de gerações anteriores ou mesmo os chamados “deuses primordiais”. Entretanto, um “simples e desconhecido” biodemo, que se encontrava preso numa faixa de realidade alternativa, era quem respondia pela autoria mental da despercebida manipulação.

A natureza humana, porém, quando bem utilizada, poderia, sim, oferecer resistência àquele tipo de processo e manter-se livre da sua influência decisiva, ainda que fosse impossível não sentir os seus efeitos — conforme me orienta o “humano do qual me sirvo” —, sob a forma de impulsos no psiquismo. Contudo, aos humanos, era dado contorná-la; a outros tipos de seres, tudo indica que não.

Demorámos muito, na nossa lógica biodemo, a compreender a mais-valia singular da atitude mental do desapego, tão difícil de ser trabalhada entre os humanos, pelo singular potencial emocional que ostentam na sua natureza psíquica. Do nosso posto de observação, não temos muito como perceber o que acontece ao espírito particularizado de alguém que deixa a condição corporal humana e adentra à presumível dimensão espiritual, que parece envolver-nos a todos, mas podemos, sim, facilmente constatar que aqueles cujas

consciências terráqueas, em repetidas encarnações, primam pela arte do apego inteligente às coisas da vida, como também às pessoas amadas, evoluem bem mais substancialmente que os que sofrem com o “jogo das perdas e dos ganhos” — que nos parece profundamente ilusório, hoje o sabemos.

Faço questão de registrar esse aspeto do acompanhamento que conseguimos aplicar em torno da vida humana, porque, doravante, terei que enveredar por um caminho cujos aspetos, tanto históricos como espirituais, apontarão no sentido de narrar **a trajetória de Len Mion e de Yel Luzbel, desde os tempos imediatamente anteriores ao nascimento de Jesus na Terra, até o “aprisionamento espiritual” de Len Mion, ocorrido nos anos 90, do século XX, já findo.**

Por aqueles dias, Len Mion resolvera vigiar todas relações de contato existentes entre os “**seres dos portais**” e os humanos, e para tanto, os já referidos **grupos teurgistas** compunham a trincheira de acompanhamento permanente sobre qualquer notícia importante, possivelmente vinda do “além humano”, para os que viviam na Terra.

Len Mion havia se cansado dos profetas judeus, preferindo patrulhar os grupos dos iniciados na arte da Teurgia e, para tanto, conseguira arrastar Yel Luzbel e os demais membros ativos do seu “quartel-general” — que funcionava sempre honrando Yel Luzbel, mas obedecendo aos nervosos comandos vindos da mente incansável de Len Mion. A frieza comum aos biodemos não mais existia em Len Mion, e aquele aspeto tornara-se um fator de

liderança praticamente irresistível, pois ele conseguia dominar e envolver a todos, inclusive ao próprio Yel Luzbel. Ele somente libertava-se um pouco do inclemente patrulhamento de Len Mion quando “desaparecia”, por algum tempo, nos “caminhos plásticos” de *Shamb-Aha*, que sempre se moldavam e se adequavam ao comando mental dos que de lá, desejavam aproximar a sua percepção pessoal de determinado ponto deste universo e, principalmente, de qualquer coordenada do planeta Terra.

O “ponto preferido” dos desaparecimentos de Yel Luzbel tinha como foco a antiga base Atlan, atualmente submersa, devido ao lento avanço do mar, que se situava ao longo do litoral da atual costa brasileira, na altura da curva que o continente sul-americano faz onde, atualmente, fica o estado do Rio Grande do Norte. Mais especificamente, ele focava-se em duas construções que se situavam em coordenadas geográficas praticamente onde, hoje, se encontram as praias da cidade de Natal e nos seus arredores, principalmente na direção do seu litoral norte.

Yel Luzbel aprendera a sobrepor-se à realidade vibratória alternativa de *Shamb-Aha* envolvendo aquelas duas construções, então submersas, e nelas ficava por longo tempo, sem ser perturbado. Se a questão era “vigiar” a chegada de forças de fora, aquelas centrais de controle que, apesar de submersas, continuavam naturalmente ativas — ainda que ninguém mais, dentre os biodemos, delas cuidassem —, e em permanecendo ali, se alguma força-tarefa se aproximasse da Terra, ele perceberia o inevitável registo das “torres de controle”. As mesmas haviam sido

danificadas em guerras passadas, mas continuavam operantes, ainda que poucos soubessem disso.

Ele o sabia, porque, ainda quando exercendo o comando da “rebelião”, recebera a notícia de que a equipa que ele mandara verificar os estragos advindos de conflitos e de hecatombes ambientais sobre o que restava da capacidade operacional dos biodemos na Terra, confirmara que havia operacionalidade, ainda que fragilizada, da base Atlan equatorial, como também de Benem, situada ao norte. A do Sul, que ficava na Antártida e que terminou se situando no atual Pólo Sul, devido a um estranho deslocamento ocorrido na crosta planetária, não se encontrava operacional no sentido de detetar aproximações, ainda que funcionasse em outros sentidos.

Yel Luzbel, desde que aterrissara no planeta, há cerca de 98 mil anos — e o fizera exatamente onde veio a ser construída posteriormente a base Atlan —, permaneceu muito tempo sem poder sair da “*mastlan*” pousada nas dunas que marcam o relevo daquela região, e durante milénios aprendeu a observar aquela paisagem móvel que, então, se modificava conforme a força dos ventos que eram muito fortes naquele quadrante planetário, e que, na antiguidade, estava situado em outras coordenadas.

Em tempo próximo aos dias em que o império romano havia submetido a palestina ao seu domínio, Yel Luzbel, que acompanhava há algum tempo o modo como aquele novo poderio estava a conseguir manter-se em crescimento constante, ainda que suportando lutas simultâneas em muitos flancos, começou a

desconfiar que, quem quer que viesse de fora, teria que analisar aquele domínio que estava a assumir-se como o maior e mais importante dos últimos havidos na história do planeta.

Perturbava a Yel Luzbel o facto de o império romano nada ter a ver com o único registo repetido das teimosas notícias que vinham dos **“Seres do Conglomerado de Realidades”**, sempre veiculadas por meio da veia judaica, e assim tinha sido por mais de um milénio, quando os impérios que existiam na Terra eram outros, bem diferentes do romano, época em que as vozes dos profetas do povo “escolhido” ecoavam em muitos lugares. Era difícil lidar com o que ele próprio constatava, ao concluir que as **naturezas psíquicas de todas as espécies de seres** que ele conheceu ao longo da sua existência e das que, então, ele observava de *Shamb-Aha*, **havam falido** no sentido de **“poder resolver os seus próprios problemas”**. Todas elas buscavam retirar, extrair, roubar sequências genéticas de certas áreas do genoma humano, como maneira de manipular as condições psíquicas e operativas dos seus corpos.

Em toda a sua experiência de vida, como na nossa, **somente percebíamos ser de interesse geral a espécie humana surgida na Terra**. Pelo universo afora, era bastante conhecida a existência de extrativismos diversos no campo mineral e biológico, com vistas às necessidades operacionais e mesmo alimentar. Entretanto, no campo da manipulação genética, somente com o surgimento da espécie humana terráquea, o processo tornou-se algo comum e começou a acontecer abertamente.

Após aqueles tempos de afastamento, Yel Luzbel retornava ao convívio com os demais de *Shamb-Aha* e, a cada exílio seu nas “dobras dimensionais” que determinadas conjunções magnéticas produziam na base Atlan, Len Mion ocupava decisivamente o espaço de liderança em relação ao qual ele já havia aberto mão há muito tempo. Foi exatamente durante um daqueles longos intervalos temporais em que Yel Luzbel “desaparecia de *Shamb-Aha*” que Len Mion percebeu que a notícia da vinda do tão esperado “Messias” entre os judeus voltou a ser fortemente considerada em um determinado grupo teurgista, que ele mantinha sob a sua vigilância. Logo, conseguiu encontrar a conexão entre alguns outros núcleos que estavam a lidar com o mesmo tipo de informação. Houve, então, a decisão, entre os magos, de verificar *in loco* a possível ocorrência.

Surgiu, assim, o episódio que a cultura humana conhece como sendo o dos “três reis magos”, que seria mais propriamente nominada se fosse a “**viagem de três magos**” para localizar o evento humano profetizado por meio dos processos teurgistas de comunicação com o “além humano”. Len Mion procurou Yel Luzbel para que fossem verificar os factos, mas encontrou nele pouco apoio para a empreitada, e era patente, para os demais membros daquele grupo que se considerava o “quartel-general” do que restava do “movimento rebelde”, a indiferença dele em relação àquela verificação.

Assim, Len Mion e o seu grupo estabeleceram-se em torno da criança com cerca de 4 meses e meio, enquanto procederam alguns experimentos difíceis de serem aqui explicados, mas cujos

resultados não lhes disseram coisa alguma. Nada foi acrescentado ao rol de preocupações naquela ocasião, ainda que tenham percebido e conferido a assinatura da mãe da criança como sendo uma consciência que havia pertencido à família Shanlum, e do pai como condizente à linhagem Val.

Quanto à criança, não foi possível detetar a sua origem com os mecanismos que dispunham naquelas circunstâncias. Tudo o que foi possível perceber era que a mesma não tinha nenhum padrão definido no caso da sua consciência ter pertencido a alguma linhagem biodemo. Enigmaticamente, o código-fonte definidor de vida do seu corpo possuía todos os elementos constitutivos do género, mas detinha ainda outros tantos desconhecidos para os parâmetros da verificação. O que aquilo significava? Eles não sabiam.

Por mais algum tempo, monitoraram a família de Jesus, mas, logo depois, a deixaram de lado. O tempo passava como se nada de especial estivesse a acontecer, o que fez com que, somente alguns anos depois, eles percebessem uma aproximação preocupante nos quadrantes da Palestina: de *Shamb-Aha*, eles puderam notar que os pilares de fixação do "**conglomerado de realidades**" encontravam-se ali estabelecidos, sendo a cidade de Jerusalém o possível foco do acompanhamento.

As forças que, então, atuavam em torno do que se passava no sangue dos judeus daquela época, convergiram a atenção para um homem singular, cuja vibração pessoal "abalava os ares", não somente deste universo, como também em relação às realidades

adjacentes. Fora dos muros de Jerusalém, bem distante do burburinho das cidades e das vilas das terras da Palestina, o profeta João, desprovido de qualquer posse humana, mas rico em energia, fé, autoridade moral e fulgor oratório, convidava a todos para o “grande dia do Senhor”, anunciando que o protagonista, o “Messias” enviado pelo Senhor, já habitava entre os judeus.

Yel Luzbel, Len Mion e os demais seres dimensionados em *Shamb-Aha* foram averiguar a “assinatura daquela consciência particularizada” cujas raízes vibratórias pareciam encontrar-se muito além do que podia ser verificado pelo conhecimento biodemo. É muito difícil retratar o nível de acompanhamento que núcleos diversos da força em ação em torno da disputa de um poder que cada vez mais parecia poder menos.

Ainda assim, essas forças comportavam-se como se estivessem sempre a disputar, louca e furiosamente tudo à sua volta, dedicando cada momento das suas existências a expressar ardis, planos mirabolantes, subjugações e manipulações diversas que pareciam não ter fim. Entretanto, ali estavam várias equipas com agendas distintas, porém todas elas ligadas àquele homem que há pouco se deixara submergir nas águas algo rasas de um determinado ponto do rio Jordão. Depois, enquanto ele caminhava lentamente, solitário, de diversos ambientes paralelos e em torno da sua própria condição humana, algumas equipas pertencentes a este contexto universal, de modo disfarçado, procuravam, também, acompanhar os passos daquele homem.

Alguns de nós mesmos, os biodemos de *Alt'Lam Gron*, também nos deslocámos, naquele dia, exatamente para aquele ponto, motivados por uma estranha sinalização do "Processador Val", que acusou um portentoso acúmulo de sequências genéticas em torno do que, depois, viemos a julgar ter sido o encontro entre o profeta João e Jesus, pelo facto de ter "explodido no Processador" uma quantidade relevante de assinaturas genéticas das famílias Val e Yel em diversas pessoas que, então, acompanhavam o profeta João.

Na verdade, fomos até àquele lugar em um dos nossos artefatos voadores, pertencentes ao sistema operativo de "Espheron", que estava transmutada para uma dimensão de disfarce em relação ao aspeto comum da faixa de realidade que os humanos e todos os que vivem neste universo percecionamos comumente. No que se refere aos factos em torno da pessoa de Jesus, os quais superficialmente ofertámos ao conhecimento do "humano que nos assessora" nos primeiros anos da última década do século XX, quando sequer ainda havíamos mantido contato em *Land's End*, nós os observámos diretamente, levados — como já informado —, pela nossa constante necessidade de verificar as assinaturas das antigas consciências biodemos, nascidas entre os humanos.

Fomos em busca de descobrir e localizar mais seres biodemos a viver como humanos, para melhor compreensão do mapeamento que, há dezenas de milhares de anos, vem sendo feito. Naquela oportunidade, descobrimos o homem Jesus cercado por equipas que o monitoravam de muitas maneiras, inclusive os nossos irmãos biodemos de *Shamb-Aha*. Como perceberíamos mais tarde, o "Processador Val" havia capturado não só as assinaturas de ex-

consciências biodemos nos discípulos de João — que depois tornar-se-iam apóstolos do “Messias” —, como também a presença dos biodemos dimensionados em *Shamb-Aha*, todos eles levados por motivos diversos, a concentrar o foco da atenção na pessoa de Jesus.

O “Processador Val” absorveu a todos e, para nossa surpresa, também as vibrações pessoais do próprio Jesus, aspeto que somente pudemos compreender mais tarde.¹

¹ NAT: Os “Processadores biodemos” formam um padrão de produto advindo da engenharia quântica biodemo, cujo objetivo sempre foi o de procurar mediar a produção das mutações da parte dos membros de cada linhagem com a mente de Sophia, como também com a do Criador e a sua “forma hospedeira do momento”.

Originalmente, os “Processadores biodemos” foram produzidos pela engenharia de Sophia e dos seres das famílias Aya e Aye, influenciados pelos objetivos da Trimurti, como modo de elevar o padrão vibratório de Javé do estado anterior em que se encontrava (puro demo) para um mais avançado, em termos de fixação de personalidade e de forma (biodemo e, mais tarde, demo acrescido do fator bio, ou seja, demo-bio).

O género biodemo, assexuado, foi produzido exatamente para intermediar esse processo com vistas à posterior transferência para o género demo-bio, que tanto pode ser assexuado como sexuado. Isso vinha sendo feito desde que os anjos- clones de Javé perceberam o seu problema de implosão temporal, o que o levava a um período de inanição semelhante à catalepsia nos organismos humanos.

O último desses eventos teve lugar há cerca de 4,5 milhões de anos, quando a sua condição pessoal puramente demo se desconstituiu, num processo que teve início há cerca de 8 milhões de anos, e que chegou no seu ponto máximo de declínio uns 3 milhões e meio de anos mais tarde.

Devido à sua inatividade temporária, que o manteve mais ainda prisioneiro da sua “morada”, paralela a este universo, Sophia, que se encontrava atuando no “lado de cá”, na prática, assumiu o comando dos eventos, pois era e é o “avatar” ou forma Adhyajna de Vishnu/Mohen-So mais “preparada” para a suserania celestial.

Com a eclosão da “Rebelião de Yel Luzbel”, ainda convalescente e “largando a sua condição doentia puramente demo”, Brahma/Javé pôs o foco da sua atenção nos factos inerentes a esse problema, e foi nesse ponto que os “Processadores das famílias biodemos”, envolvidas na questão, atraíram por demais a sua curiosidade.

Após a quebra dos demais “Processadores” dessas famílias ao longo dos desdobramentos da “rebelião”, o Criador ficou meio que refém do “Processador Val”, o único que restou entre as famílias de “rebelados”. Ali, ele focou toda a sua curiosidade. Como Val El era o que mais interagira com esse “Processador”, do outro lado da história, o Criador recém-desperto do “coma” e “entronizado” pelos seus anjos- clones, começou a usá-lo sempre que podia perceber a sua consciência já em outras situações do género Homo — ou seja, desde que o corpo biodemo de Val El feneceu.

O “Processador Val” começou, então, a monitorar a situação, como também a produção mental de cada membro biodemo desgarrado da sua família e alojado no contexto terreno. No caso do “Messias”, ainda que Val Eno e os demais de Alt’Lam Gron não tenham compreendido à época dos factos, o “Processador Val” reconheceu Jesus, ainda que não o tenha decodificado plenamente, porque ele era a face humana de Sophia, exatamente o ser que, com os clones Aya e Aye, produziu os “Processadores biodemos”.

Certa vez, solitário, e em pleno deserto, Jesus encontrava-se sentado próximo à entrada de uma caverna situada numa pequena elevação de terra, enquanto parecia observar um ponto fixo à sua frente — prática que os humanos mais profundos sempre fizeram nas culturas do Oriente. A falange de Yel Luzbel aproximou-se a tal ponto que Jesus voltou o seu rosto na direção do centro vibratório daquele grupo que parecia mesmo movimentar-se como os humanos. A um sinal de Yel Luzbel eles recuaram, deixando-o sozinho à frente da falange, mas por pouco tempo, pois Len Mion logo se posicionou ao seu lado e iniciou um diálogo, cujos termos podemos agora reproduzir.

— Recordas-te dele? — perguntou Len Mion a Yel Luzbel. — Foi dele que verificámos o nascimento vaticinado pelos profetas e oficiadores de mistérios (os teurgistas), porém nada vimos demais. Depois procurei-o em algumas oportunidades, mas parei porque ele parecia notar a minha presença, e não quero ser descoberto, a não ser que eu deseje mostrar-me. Parece que ele está a olhar para nós!

— Ele está a olhar para nós! — afirmou Yel Luzbel. — Ainda duvidas? Como ele faz isso? Também o procurei e ele olhou-me nos olhos. Que eu tenha notado, jamais qualquer humano conseguiu e consegue produzir tamanha energia à sua volta. Estás a detetar as vibrações dele?

— Não me interessa isso! — cortou Len Mion, de modo brusco. — Algumas vezes, pensei em exterminá-lo, e se ele, ainda que de longe, assumir a função de “Messias” libertador, eu o destruirei.

Tenho que admitir que haja a possibilidade de existir um ardil nesse homem, que possa vir com ele um modo de fazer com que os que restam da “rebelião” venham a ser aprisionados e levados de volta para tempos e condições primitivas² o que não suportaríamos. Esquecidos, exilados, condenados, sim, a esse papel me acostumei, e penso que todos nós, mas que tenhamos alguma liberdade. Presos sob a tutela dos criminosos *Aya* e *Aye*, jamais!

— Sei que dominas facilmente as mentes de muitas espécies e, principalmente, tens te adestrado junto aos humanos, mas esse homem não me parece que tu o consigas sobrepujar — alertou Yel Luzbel. — Encerra as tuas expressões, pois ele é possuidor de poderes, e isso é um facto, e pode ser que estejamos a informá-lo gratuitamente sobre o que pensamos. Recua, junta-te aos demais da nossa falange e formem um só estilo de força mental, para que eu o confronte.

Len Mion juntou-se aos demais, e Yel Luzbel dirigiu-se para a entrada da pequena caverna, cujo fundo podia mesmo ver-se de fora. Jesus o acompanhou com os olhos até que Yel Luzbel deteve-se frente a ele. Para sua surpresa, Jesus levantou-se e fitou-o novamente nos olhos. Ali parado, Yel Luzbel refletiu sobre algumas recordações que agora fluíam pela sua mente, mas preferiu não dividi-las com Len Mion.

² NAT: devido ao facto da família Mion ter sido urdida centenas de milhões de anos antes da família Val, nem Val Eno, nem o “autor terreno” compreenderam o sentido dessas palavras, mas assim mesmo é que foram professadas por Len Mion, referindo-se a circunstâncias de tempo e de lugar.

Desde que haviam se congregado ao contexto da vida terrestre, os membros do “quartel-general rebelde” jamais tinham percebido tamanho porte energético vindo de um ser humano. Yel Luzbel decidiu acompanhar pessoalmente, dos ambientes astrais terrenos, aquele homem estranho chamado Jesus, e o fez muito mais do que revelou aos demais membros do grupo, em especial para Len Mion.

“Que enigmática superioridade era aquela que emanava daquele homem, que o fazia sentir-se tão mal e inquieto, quando ele notava a sua presença? Como podia ele, sendo um simples homem terráqueo, percebê-lo no nível astral?” — questionava-se Yel Luzbel. “Alguma coisa, no seu íntimo, dizia que já o havia visto antes. Como? Somente havia percebido e sentido tais sensações inquietantes diante do seu ex-comandante Sophia, que não poderia, conforme entendo, fazer-se humano. E se ele podia vir de modo direto, com toda a força bélica sob o seu comando, não seria de forma indireta, através de um truque qualquer, produzindo um ser humano sob o seu controle, que Sophia agiria. Não! Aquele homem não parecia o tal “Messias” poderoso, anunciado pelo Ser que, nas escrituras da fé dos judeus, anunciou que assim o faria. Portanto, não podia ser ele que estava ali, e sim, talvez alguém de sua hoste” — chegou a pensar Yel Luzbel. Yel Luzbel decidiu confrontá-lo.

— Quem és, e a que te propões? — perguntou Yel Luzbel a Jesus.

— Por que devo te responder? — devolveu Jesus sem expressar nenhum som, enquanto a sua voz mental, dirigida a Yel Luzbel, o fez recuar um pouco mais. — Pergunto-te o mesmo.

— Sou Yel Luzbel, ser biodemo, programado para o discernimento e para a arquitetura de questionamentos — respondeu Yel Luzbel, cedendo. — Pelo que sei, fui criado por uma força celeste obediente ao suserano Sophia. “Rebelado” e, atualmente, exilado neste mundo, aqui me encontro em luta silenciosa contra entidades invisíveis, quase já sem conseguir atinar com o que era a realidade que eu conhecia e a que, agora, me vejo submetido. Nada ou pouco sinto, comparado com os humanos.

Confrontei-te porque te acho o mais estranho dos humanos que até então observei. Dentre os humanos, o teu povo espera um “Messias” que conquistará o mundo. Vocês, humanos, já herdaram este mundo sem terem lutado para tanto. E vejo isso com bons olhos, sempre vi desde que aqui cheguei. Por que é necessário que, nessa divisão de povos, o teu seja o que vai dominar os demais? Tu és esse “Messias”? Por que a sensação em mim de que já o conheço para além do que vejo na tua condição humana?

Jesus desviou a sua atenção da pessoa de Yel Luzbel para o grupo situado um pouco mais atrás, enquanto observava a estranha postura de Len Mion e dos demais.

— Não te preocupes com eles, pois nada farão. — disse Yel Luzbel. Jesus voltou o seu olhar para Yel Luzbel, dizendo:

— Não estejamos certos disso! Tu estás vazio de ódio, ainda que cheio de angústia. Alguns deles, porém, vibram de modo que julgava ser impossível a seres como vocês.

— Pode ser — concordou Yel Luzbel. — São tempos incontáveis de sofrimento que somente foram assim sentidos e entendidos pelos efeitos deste exílio forçado e incompreensível. Pode ser, sim! Pode ser que tu estejas a pressentir o que eu já não mais consigo registrar. Cuidei apenas para não me transformar nesse tipo de ser que vejo em alguns dos meus pares, ainda que eu pense exatamente como eles. Somos um tipo de corrente que se move; somos um só ser, ainda que nos movimentemos como se estivéssemos separados. Contudo, não estamos. Sinto-me responsável pelo desgraçado destino que hoje vivenciamos, sem ter como pôr um fim a isso. Que eu saiba, somos a única e última célula de uma “rebelião” que nem mesmo sei mais por que existe, ainda que dela não possamos abrir mão, pois foi esse o sentido forçado do nosso continuado existir e parece ser o que nos resta viver. O que tu sabes da “rebelião”?

— Tenho percebido a ti e aos demais acompanhando alguns dos meus passos, o que me permitiu constatar origens comuns dos tempos complicados desse “passado rebelde” — disse Jesus, mentalmente. — Entretanto, o que sei sobre aqueles tempos não é o mesmo que tu sabes. Não os vivenciei. Eu, por quem eu sou, sei o que, em me fazendo humano, posso saber, e descortinei, sim, aqueles tempos, mas deles não fiz parte. Vós escrevestes aquelas linhas, cabe-me escrever outras voltadas para o que há de vir. Nasci para construir alternativas para o futuro de todos nós. Sou, sim, aquele que foi vaticinado pelas escrituras do meu povo.

Mal Jesus havia “proferido mentalmente” aquelas expressões, um turbilhão magnético direcionado à sua pessoa foi movimentado

a partir do grupo no qual encontrava-se Len Mion. Ao perceber a “surda explosão” que começava a agredir a condição humana de Jesus, Yel Luzbel interpôs-se entre ele e Len Mion. Ao mesmo tempo, Jesus levantava a sua mão direita, direcionando-a também na direção de Len Mion, que pareceu desfalecer sob um tipo de nuvem vibratória que foi emitida a partir da mente de Yel Luzbel.

Jesus e Yel Luzbel entreolharam-se sem saber se, a partir do acontecido, eles “duelariam vibratoriamente” ou superariam o acontecido, voltando aos termos pacíficos nos quais estava estabelecido aquele estranho contato. Aos poucos, ambos perceberam que não havia sido somente Len Mion a ser agredido pela reverberação da sua própria energia que, como se refletida num espelho gerado pela ação de Jesus e Yel Luzbel, havia-se voltado para ele e alguns dos seus companheiros do “quartel-general rebelde”, que também se viram atingidos pela “pancada vibratória”.

Len Mion havia perdido momentaneamente a visão do seu corpo biodemo, e caído permaneceu até se refazer lentamente.

— Não o agredi, apenas isolei-me da agressão que ele me endereçou, pois não é esta a minha hora de deixar esta minha condição — expressou Jesus, agora deixando soar a sua voz humana. — Não comecei, ainda, os trabalhos que me trouxeram a este mundo.

— Sei que sim, pois fui eu quem o agrediu, ainda que a isso não tenha pretendido, pois vai longe o desentendimento entre mim e Len Mion sobre o significado de ataques traiçoeiros — confirmou Yel Luzbel. — Não os permito, muito menos em meu nome, e tudo que ele faz, diz ele fazer em meu nome. Já o havia advertido. Não aceito isso! Fui eu quem o prejudicou, ainda que esse dano seja temporal. Contudo, penso que ele agora não me respeitará mais, ou, ainda que o faça, será a contragosto. Devo separar-me daqueles que encaminhei, sem o querer, para essa desgraça que hoje vivemos.

Quanto a ti, se és efetivamente o “Messias”, convido-te a ter-me como teu aliado, para que juntos administremos a ordem deste mundo, para que ele não mergulhe em pleno caos.

— Sou o “Messias”, mas não estou preparado para fazer o que de mim é esperado — esclareceu Jesus. — Não posso fazer parcerias contigo nesses termos. Não vim a este mundo para dominar ninguém, e não tenho como fazer isso. Rezarei para que o meu Pai ajuste as suas expetativas quanto ao meu concurso. Assim, não tenho como fazer parceria contigo, pois a nada pretendo dominar.

— Recusas a minha oferta — entendeu Yel Luzbel. — Não é comigo que tens que te preocupar, mas sim com ele, pois tem se adestrado fortemente para o combate mental. Não eu. Há muito cansei de ser quem sou. Ele não! — “disse” Yel Luzbel referindo-se a Len Mion.

— Ofereço-te outro tipo de parceria, pois que vim a este mundo para propor uma nova aliança entre os seres viventes — explicou Jesus. — Talvez seja a única maneira de encerrar uma etapa universal onde todos sofreram.

— Se és realmente o “Messias”, não é bem isso que o teu povo proclama sobre ti — ponderou Yel Luzbel. — Se o que te enviou é o Ente que aparece como “Deus” do teu povo, algo de muito estranho está em curso, e penso que não tens, nem terás autoridade para oferecer o que ora me propões. Aqui me separo de Len Mion, de ti e de todos com os quais muito pelejei em torno dos ideais que foram nascendo em mim.

Pelos vistos, nasceram somente em mim, porque, mesmo os que me rodeiam parecem voltar-se para um projeto de dominação que não me interessa. Se a ti também não te interessa, pouco posso compreender do que viestes fazer a este mundo. **Propor uma nova aliança? Qual o sentido disso? Como desiguais podem fazer uma aliança se um dos lados não abre mão da subjugação? Não pode existir aliança nesses termos! Por que tu insistes nessa quimera?**

— Destruam-me, sob pena de, em me recuperando, venha eu a te destruir, ó

humano — “disse” Len Mion, procurando “alçar voo” para perceber a si mesmo como ele estava, como se agora levitando no âmbito de *Shamb-Aha*, lugar de onde ele jamais veio a sair. Ele fez

o movimento ascendente, pois estava a verificar os efeitos da “pancada vibratória” que retornou para ele.

— Afasta-te, ó Satã, pois esse título que ostentas, como sinal do mal que representas, te habilita para a difamação e para o ódio, mas sobre mim tu não tens, nem terás poder algum — disse Jesus, usando o termo pelo qual aquele ser havia se tornado conhecido desde tempos bem anteriores, como já referido.

— Se a ti não destruir, destruirei toda a tua obra, e se vens em nome desse “Deus”, dele também nada sobrar, a não ser o poder de trevas que se encontra em tudo o que ele fez e faz, pois isso não tenho como destruir, já que sou parte da questão — ameaçou Len Mion. — Se estamos a falar do mesmo Ser, é incompreensível que um humano do teu porte se preste a esse tipo de serviço que é o de representar o que de pior existe, pois até todo mal e ódio que guardo em mim, como tu me acusaste, pouco é perante o incomensurável potencial de tudo o que não presta e que há nesse Ser.

Tu te referes a mim como faziam os antigos, enquanto eu jamais difamei Set (NAT: Len Mion refere-se aqui ao epíteto de “Set An”, que as primeiras gerações descendentes de Noé a ele atribuíram, porque, na oportunidade, Jesus o chamou de Satã, corruptela daquela antiga denominação), mas contigo e com esse Ser a quem conferes a condição de “Deus”, enquanto vida eu tiver, exporei e bradarei a desgraçada verdade que marca a vocês dois e aos demais, que tudo fazem para dominar. Destruirei todas as dominações e passarei eu a controlar, para mais poder destruir os

vossos planos. Não te esqueças: sobre ti posso até não exercer o meu poder, mas sobre os que te rodeiam, facilmente os envolverei como quiser, e se for tua intenção estabelecer na Terra qualquer coisa relacionada com as forças do passado contra as quais eu, Yel Luzbel e os demais lutámos, saibas que não prevalecerás. Yel Luzbel provavelmente nada te fará, mas eu destruirei o que de ti for produzido.

— Basta, Len Mion, já te pedi para permanecer fora do meu circuito com este humano — disse Yel Luzbel, sem que Len Mion demonstrasse qualquer moção de obediência. — Recupera-te! Vai, com os demais, para longe daqui! Voltando-se para Jesus, novamente Yel Luzbel o questionou:

— Desobedecerás àquele que te anunciou e que te enviou, é isso? Se for isso que vieres a fazer, ele te destruirá. Esses Seres se utilizam dos demais. Eu não me utilizo de ninguém, e pelo que vejo em ti, penso que esse é também o teu estilo. Entretanto, eles, os Primordiais, os primeiros que surgiram, fazem isso abertamente. É o que penso agora! Os humanos são apenas os mais novos, e tu és um humano. Tens a certeza de que o “Messias” se faria humano? Os humanos não têm poderes. Tu estás enganado, ainda que sejas diferente dos demais humanos. Tu não és o “Messias”.

— Tu és livre para seres o que estimares — pontificou Jesus. — Eu não. Por quem eu sou, novamente o digo, preciso assumir essa função, pois foi para isso que me fiz humano. Mesmo o profeta João acabou de me batizar para essa destinação, porque é assim que

rezam as escrituras do meu povo. Entretanto, não vejo como transformar a minha natureza na de um alguém dominador.

Estávamos discretamente acompanhando o desenrolar daqueles factos quando uma força operativa, vinculada aos "**Seres do Conglomerado**", fez-se presente, obrigando a que nos afastássemos, ainda que desconfiados de que eles não nos tinham detetado. Todavia, existiam outras hostes presentes, e foi sobre elas que a tal força fez vibrar uma dissonância magnética de extrema potência, também sentida pelo "quartel-general", que efetivamente recolheu a expansão de *Shamb-Aha*, levando consigo Len Mion e os demais a apartarem-se do acontecimento.

Depois soubemos que, desafiando a tudo e a todos, Yel Luzbel permaneceu frente a Jesus, enquanto os "anjos" do "**Senhor do Conglomerado**" emprestavam a sua força no sentido de proteger o "Messias" de qualquer outra agressão, conforme concluímos posteriormente. Pelo "Processador Val", mais tarde, pudemos reconstruir os últimos momentos daquele encontro.

— Realmente não és um ser humano qualquer, pois aqui estão os criminosos capachos clonados dos **Dominadores Primordiais** para te proteger — concluiu Yel Luzbel. — Não represento perigo... Acho mesmo que eles nem me percebem a presença.

— Estás em perigo? — perguntou Yel Luzbel, enquanto procurava perceber algo que estivesse oculto.

— Não, não estou, mas é que existem níveis com vida potencial para além desta faixa a que pertença, como esta a que pertenceis — esclareceu Jesus.

— Algumas delas convergiram para a força que resultou da agressão vinda de Satã e da nossa postura. Essa convergência os atraiu e eles estão a verificar. Não sei se eles estão aqui para me proteger. Não penso que serei protegido nesta vida. Sendo sincero contigo, não preciso mesmo de proteção. O que sou me basta e, por quem sou, basta-me ser como sou.

— Estranhas palavras na boca de humano — observou Yel Luzbel.
— Nada farei contigo, nada farás comigo. Não desejas a minha parceria, o meu concurso, e afirmas que não aplicarás a dominação como sendo o teu instrumento de ação. Estou ainda por ver o que de ti virá, ó humano. Penso, porém, que a tua recusa é a opção segura para o caos. **Não chames o meu irmão de luta, Len Mion, de Satã, pois esse conceito parece levar a tua mente para o mesmo equívoco dos antigos quanto a ele. Acautela-te!** Se de um modo ou de outro, tu és esse “Messias”, tu e ele construirão um inferno na Terra. Se, de uma forma ou de outra, tu enganas a ti mesmo e faltas à verdade comigo, o problema será teu e dos que o seguirem. O meu fardo já é pesado e está consumado sobre mim. Sinto o seu peso! O teu fardo, ó humano, virá das tuas crenças, da tua ausência de opção por não seres um homem livre, preso que estás a essa função de “Messias” e ao Ser que te encabresta. Maldito seja esse teu mister!

— Tenho os desígnios daquele que me enviou para cumprir — ponderou Jesus em voz alta. — Enxergue-os como puder.

— Nada quereis connosco, os que lutaram e lutam contra a opressão — disse Yel Luzbel. — Pois bem! Deixo-te com os teus desígnios e as sombras que te perseguem. O teu fardo ainda está por ser construído. Tentei sofrer sozinho, sem distribuir desconforto para os que contaminei com a minha desdita vibratória, ainda que jamais tenha pretendido a tanto. Cuida para não fazer algo parecido. Desgraçadamente, parece que sou imortal, que somos imortais, e mesmo nos humanos, cujas vidas são curtas, parece existir algo que também é imortal. Não sei se voltaremos a encontrar-nos e, confesso, não entendo exatamente o porquê, mas algo em mim se incomoda por ter que te deixar, por ter que me afastar de ti, como se permanecer contigo, fosse algo que desejo. Estranho! Se voltarmos a encontrar-nos, lembra-te que agi contigo de modo aberto, límpido. Tu, porém, pareces impedido de assim agires. És prisioneiro das tuas certezas ou dos teus enganos. Aparto-me de ti!

Jesus observou em silêncio o afastamento de Yel Luzbel enquanto se dirigiu para o interior da pequena caverna, voltando a sentar-se, aparentemente entrando em estado meditativo.

Lá fora, o dia parecia chegar próximo ao seu término, enquanto o universo movia-se nas suas infindáveis transformações, ainda que alguns protagonistas da vida, alojados na Terra, pareciam defrontar-se com situações-limites, advindas do acúmulo estéril das decisões de Seres que se pretendem poderosos, mas que jamais se

modificam, como se estivessem permanentemente cegos ao destino caótico imposto a todos.

CAPÍTULO 10

Por trás da Natureza Humana

Realmente, os tempos vividos por Jesus e os seus significados parecem compor uma ciência à parte no conhecimento humano, que somente no futuro poderá ser descortinada. Para aqueles momentos, hoje o sabemos, convergiram diversas naturezas psíquicas distintas, e muitas delas faliram ali mesmo. Parecia que, por trás da natureza humana, havia um “vírus contagioso”, que em todos “inoculava-se”, causando a sensação de que, se não se conseguia sentir a vida nos moldes em que os humanos faziam, alguma coisa havia de muito errada com quem tal não alcançava.

Yel Luzbel já registara aquele tipo de sensação que colocava os humanos num patamar evolutivo que ele nem ninguém mais compreendia, e tudo piorou para o seu lado após o encontro com Jesus. Ele até que tentou voltar-se para Len Mion, para ajudar nos cuidados que a recuperação dele necessitava, mas não conseguiu, resolvendo afastar-se por um tempo, para poder reorganizar os pensamentos.

Daquela vez, resolveu antes de desaparecer, avisar aos demais que o faria porque não estava mais a saber lidar com Len Mion e alguns outros daquele grupo. Reunidos em torno de Len Mion, que repousava — algo que forçado, numa espécie de “máquina iónica-

magnética”¹, construída para fins de refazimento e recomposição de certos órgãos biodemos —, os dimensionados em *Shamb-Aha* olhavam para Yel Luzbel enquanto ele dizia:

— Vou retirar-me para a dobra mais extrema desta nossa faixa, pois lá a convergência das energias faz-me bem. Não desejo mais acompanhar o que se passa no mundo ao qual estamos vinculados. Não consigo mais despender energia com essas querelas em torno de Sophia, dos *Ayas* que nos perseguem e, agora, desse humano que é um ponto fora do contexto que conseguimos analisar. Que ele cumpra o seu destino!

Nada farei! Quanto a vós, meus sócios nesta desdita que vivemos, ajam como bem lhes aprouver. Talvez a minha presença os paralise, quando necessário é agir. Len Mion, ao refazer-se, agirá, ainda que o sentido das suas ações, se parecidas com o que até agora fez, mesmo sem a nada pretender para ele mesmo, talvez ele inunde esse mundo com o sangue, o suor e as lágrimas dos humanos, a começar com a sua marcação em torno do que Jesus vier a fazer, caso seja ele realmente o “Messias” esperado pelos judeus. Para mim, somente haveria uma maneira de impedi-lo, que seria o inabilitando para o combate mental, mas não tenho estatura nem vontade de isso fazer, nem com ele nem convosco. Desde o início, sempre fomos um só corpo, uma só desdita, uma só temperança, um só destino e que assim continue.

¹ NAT: desculpem o modo de expressão, mas não sei exatamente como classificá-la.

Após mais alguns dias, onde ministrou os cuidados que pôde para que Len Mion não apresentasse maiores sequelas devido ao confronto mental ocorrido, Yel Luzbel retirou-se para a base Atlan, que jazia sob as águas do atual Oceano Atlântico. A sobreposição de algumas faixas de realidade que, naquele tempo, para ali convergiam, associada ao magnetismo das instalações submersas, imprimia no seu ser uma sensação de raro bem-estar, aspecto que, para ele, era mais importante do que ele julgava como sendo o lado inexorável dos eventos da vida planetária de um mundo que, lentamente, ele passou a estimar nos padrões do seu modo biodemo de ser.

Ali alojado, a sua mente passeava pelo passado longínquo do qual preferia jamais recordar-se, mas talvez por ter se encontrado com o humano Jesus, que despertava nele sensações julgadas por ele como adormecidas, agora permitia-se rever os tempos em que os “pacotes de percepções feitas pensamentos” fluíam pela sua mente, sem estarem associados a qualquer tipo de sensação ou emoção. Tempos em que, quando a percepção do seu modo de ser biodemo constatava algo, no impulso consequente vinha a formulação dos algoritmos para registrar na mente o que acabara de ser percebido, e isso era tudo o que o seu psiquismo fazia, até que o “mentor” dos Yel ou alguém o orientasse de como gerar a próxima atitude mental que, conforme a situação, analisaria e estudaria os parâmetros da evolução, do comportamento e das consequências produzidas pelo movimento psíquico do ser, se fosse o caso.

Recordava que a participação do “mentor” ou de algum outro agente biodemo era fundamental para as próximas etapas da vida

mental da família Yel. Essa parecia somente guardar e memorizar o contexto perceptivo, enquanto outras verificavam o que valia a pena ser refletido sob a ótica da ciência biodemo. Dentre as **famílias verificadoras**, Yel Luzbel preferia apresentar as suas percepções aos Val, pois era a mais moderna das equipas do género, além do que, tinha preferencial afeição por eles devido ao modo mais “livre” que aparentemente pareciam possuir. Lembrou-se das vezes em que, num estranho movimento de consciência para ele mesmo, quase sempre preferia esconder as suas descobertas perceptivas dos membros das famílias Mion e Cromon, porque algo de inapropriado passava a existir com o tratamento que eles aplicavam às suas percepções.

Revivendo aquelas épocas difíceis, a sua mente voltou ao momento em que, sozinho, viu-se já pensando sobre uma das suas percepções, sem que tivesse para tanto recebido estímulo, orientação ou mesmo ordem para sequenciar aquele problema: se um organismo já “doente” foi gerado por naturezas planetárias, isso implicava que o código-fonte gerador da realidade daquelas naturezas estava “adoentado” *de per si*. Todavia, ele pensava que aquilo era impossível, pois a vida microbiana de todo o universo e, portanto, de todas as naturezas planetárias, emergia a partir do mesmo código-fonte gerador de vida!

Aquilo havia sido a sua desgraça: descobrir ou perceber aquele panorama contrastante com relação a todas as demais teses sobre a realidade. Todas, menos uma! Resolveu procurar Val El, com quem mantinha relação profícua no campo da troca de experiências e que compunha os quadros da “escola de decifração do Mestre

Codificador de Zion”, além de pertencer à “família verificadora” dos Val.

Val El explicou que a percepção de Yel Luzbel poderia estar correta, já que o Mestre Codificador há muito pontificava sobre o facto de a realidade parecer estar com “ferimentos”, e criara aquele centro de estudo e de pesquisa também com o objetivo de descortinar as possíveis “feridas da realidade”. Aquele poderia ser o melhor indício já verificado por alguém do género biodemo da “doença da realidade”. Val El e Yel Luzbel ficaram de procurar o Codificador, mas não o localizaram, após algumas tentativas.

Como se o destino universal parecesse mesmo descuidado em relação ao tormentoso desdobramento daquele simples facto, por aqueles tempos, o Mestre Codificador de Zion não se encontrava no sistema de Capela, nem muito menos Sophia.

Yel Luzbel apresentou a sua questão a outras tantas inteligências biodemos, chegando mesmo a fazê-lo para alguns membros da família Mion e Cromon. Nesse ponto, recordava-se sofregamente que a sua mente “adoecera” ou, pelo menos, assim ele foi posteriormente classificado: como um ser cujo fluxo mental havia perdido a naturalidade, a simplicidade, fosse lá o que aquele entendimento pudesse representar.

“O código-fonte da realidade na qual vivíamos estava infetado já na sua origem”, declarou várias vezes, contrastando com o facto de que, em outras oportunidades, Sophia havia expressado que “o

código-fonte da nossa realidade havia sido forjado pelo Criador desconhecido, que vivia alhures”.

O problema estava criado: **Yel Luzbel foi acusado, pelos membros da família Aya** — que não eram de origem biodemo — **de afirmar que o Criador estava “doente” e “infetado” desde sempre**, e que, talvez, tudo neste universo fosse manipulação dos “fatores da doença” inoculados nos seres, pois, até mesmo os micro-organismos padeciam do problema.

Nesse ponto da recordação, Yel Luzbel desfaleceu, permanecendo num estágio semelhante ao sono fisiológico dos animais e mesmo dos humanos, o que para ele foi uma surpresa quando, ao acordar, muito tempo depois, teve certa consciência do que lhe aconteceu e retomou o curso das suas memórias e dos seus pensamentos.

“Ah, se tivesse permanecido com a análise do problema apenas no âmbito da família Val até o retorno do Mestre Codificador ou mesmo de Sophia, talvez nada daquilo tivesse acontecido” — repensava Yel Luzbel. “Contudo, com os seres Aya, nada tinha mesmo como funcionar bem” — concluiu ele, como se oferecendo uma desculpa ou justificativa para si mesmo, em relação aos difíceis acontecimentos daqueles “dias capelinos”.

Tornou a lembrar-se de Jesus, enquanto se perguntava o que teria acontecido durante o tempo em que desfalecera. Afinal, desde que o vira já havia decorrido quase três anos do tempo terrestre.

Decidiu sair do seu “refúgio de convergência”, que tanto o refazia, e projetou-se novamente, no âmbito da sua dimensão, para os ambientes da Palestina. Começou a procurar por Jesus e, enquanto o fazia, sensações diversas eclodiam no seu psiquismo, o que muito o inquietava.

“Como aquele homem não poderia ser um alguém livre para agir conforme os seus princípios, pois isso os humanos tinham e os colecionavam sob o sistema de leis?” — questionava Yel Luzbel, que sempre achou louvável nos humanos exatamente a faculdade mental de poder agir com base no seu próprio tirocínio.

“Lá atrás, eu não sabia quão variável era o poder de criação de novos seres a partir do código-fonte original, mas, agora, observando estes humanos, vejo como podem surgir seres muito mais complexos do que tudo o que sempre existiu. E, entre eles, surge esse homem que diz não ter liberdade de ação. O que isso significa? Afinal, os humanos foram os únicos a construírem o altruísmo em pleno código-fonte, cujo principal alicerce sempre foi o do egoísmo, o do instinto de sobrevivência” — pensava Yel Luzbel.

Na época, nem Yel Luzbel, nem ninguém, poderia realmente descortinar o “compromisso” que o ser humano Jesus trazia coobrigado no seu DNA pessoal. O código genético de Jesus lhe “impunha” o dever de confirmar Javé como Criador Universal, de reafirmar o comando dele sobre os demais **(NAT: que era um antigo compromisso de Vishnu de reafirmar a autoridade de Brahma/Javé sobre ele e Shiva e, portanto, sobre a descendência de ambos)** e de reconquistar os humanos para

que, sobre eles, o domínio/controlado de Javé, perdido desde os tempos de Adão e de Eva, no Jardim do Éden, voltasse a ser aplicado.

A grande questão era a de que o “Messias” deveria fazer isso pelo uso da força, que é o método natural dos **“Entes ou Deuses Primordiais”**, e não amorosamente, convidando os humanos, e não os obrigando a tanto. **Esse sempre foi o cerne da questão**, porém, a cultura dos humanos jamais conseguiu compreender o pano de fundo dos acontecimentos, nem muito menos **a diferença do que o “Messias” anunciado pelos judeus deveria ter feito e o que Jesus fez.**

Pode parecer simples, mas não é: **o homem Jesus nasceu “prisioneiro” de um destino que ele se viu impossibilitado de cumprir**, exatamente devido aos seus bons pendores, e por isso foi crucificado — pois o “Pai dele” não o poupou do “cálice da crucificação”, apesar dele ter “suado sangue” na hora em que tal pediu, tão grande era o natural terror que se instala no psiquismo de um humano que sabe que vai passar por tamanho suplício.

“Entretanto, sempre foi assim!” — invade a minha narrativa, o “humano do qual me utilizo”. Ele ainda faz questão de frisar: “Ignomínia — ou seja, grande desonra pública — para os que descumprem alguns termos dos desígnios de Javé, foi o que sempre ele covardemente aplicou sobre os humanos libertos”. Que seja! Nós, biodemos, nada sabemos sobre espíritos e encarnação, e tão somente temos colecionado o que nos apropriamos da experiência dos humanos — notadamente daqueles a quem monitoramos,

devido ao passado comum — por força da capacidade deles em se comunicarem com consciências a que chamam de espirituais. Ainda assim, por tanto analisar o fluxo de informações vindas das nossas observações das consciências particularizadas Val entre a espécie *Homo sapiens*, um aspeto nos chama atenção, o qual faço questão de dividir com os humanos da Terra.

A questão é a seguinte: quando alguém vai nascer, o seu espírito, a sua força consciencial, ou outros seres que disso cuidam, podem definir com precisão o novo ser gerado? Quando o humano que me apoia, produziu o livro "*Reintegração Cósmica*", nele informou que Maria havia concebido virgem, já que o "ser cósmico" — que, hoje, sabemos ter sido Sophia — que "encomendou" e "projetou" Jesus, diminuiu-se a ponto de ter o seu DNA cósmico inserido no óvulo virginal da futura mãe, nascendo, assim, esse ser especial.

A questão permanece: Sophia e os seres *Aya*, que o assessoram, tinham certeza ou precisão de como seria o aspeto terreno desse projeto que terminou por produzir o ser humano Jesus? Por outras palavras: **Jesus foi exatamente o tipo de ser humano que Sophia esperava utilizar na sua tarefa terrestre? A natureza de Jesus foi exatamente a que Sophia esperava operar ou gerir na sua expressão humana, entre os que viviam na Terra?**

Esse parece-nos ser o maior enigma jamais refletido pela condição humana nem por nenhuma outra, mas, agora, nesta parceria "biodemo — homo" que nos vemos forçados a fazer para

levar a presente obra a bom termo, podemos tranquila e cuidadosamente responder: *“Não, não foi!”* **Essa é uma mera constatação, porém, o homem Jesus, que aflorou do processo de produção avatárica, saiu-se bem mais complexo, bem mais sofisticado que qualquer programação possível de ser feita pelos seres Aya, por Sophia, por Javé, e pensamos mesmo, que também pela Espiritualidade.** Surpreendeu a todas as mentes e a todos os parâmetros de análise possíveis. Tempo virá em que toda essa questão será melhor analisada e compreendida, não somente pela ótica terrena, mas também pelas demais envolvidas, direta ou indiretamente, com a “vida de Jesus e os seus significados”.

Ao final de certa tarde, quando Jesus descansava em casa de amigos, junto a alguns familiares, percebeu que Yel Luzbel o observava continuamente, como se desejando ser por ele visto. Após algum tempo, retirando-se discretamente, Jesus dirigiu-se ao seu encontro em um campo próximo.

Lá chegando, Yel Luzbel o observou detalhadamente e, em atitude respeitosa, porém, desafiadora, solicitou-lhe novamente explicações quanto à sua procedência e intenções e, em especial, quanto a “certa história” que se havia espalhado naqueles três anos, referente ao facto de que Jesus seria o “Filho do Deus vivo”, encarnado como um simples homem terreno.

— “Filho de Deus”? Que “Deus” é esse? — perguntava Yel Luzbel, enquanto complementava, afirmando que havia decidido não mais procurá-lo. Contudo, diante daquelas circunstâncias e, agora,

atordoado pela mansidão e poder inerentes àquele homem, instigava-o a ser mais objetivo nas suas informações sobre si mesmo e, em especial, se ele assumiria ou não o papel de “Messias” que, desde que iniciara o seu ministério público, todos esperavam dele, inclusive os seus próprios familiares, como Yel Luzbel mesmo pôde, posteriormente, avaliar.

— Serias tu alguma espécie de irmão cósmico do meu ex-comandante, que também falava de “Deus”? — expôs Yel Luzbel, como se exigindo respostas diretas de Jesus sobre aquela questão e outras.

— Até quando esse “Deus” ou o seu anúncio me perseguirá? A que hierarquia tu pertences e por que Sophia não se potencializou diretamente, sem ter que assumir um corpo modesto e pesado como este teu? Se és emissário divino e desejas tomar-me o domínio da Terra, onde estão os exércitos celestiais para submeter-nos e prender-nos, a mim e aos meus seguidores?

O Mestre, em atitude de respeito pleno à posição de Yel Luzbel, a tudo escutou e ao final disse simplesmente:

— Irmão amado, vim abraçar-te, não prender-te! A autoridade da qual me invisto repousa apenas no amor que trago comigo. Se investido da “capacidade cósmica” de acompanhar os meus irmãos em evolução não usei de nenhuma postura que fugisse à vontade amorosa do meu Pai, como posso, agora, como um simples homem mortal, render-me ao culto equivocado do domínio mental? Por

quem sou, devo e posso apenas amar. Nada mais posso e, entre os que se amam, não há vitórias e derrotas. Acompanha, pois, amado Yel Luzbel, o meu testemunho, porque despi-me de tudo para nada poder, posto que aqui sou igual ou menos que qualquer um. Segue-me! Acompanha-me ao momento em que devo finalizar em mim mesmo um processo por ti iniciado. Honro o teu livre-arbítrio e postura pessoal. Honra-me da mesma maneira, na condição de homem menor terrestre. O que faço, faço por amor. Faze tu o mesmo! Ama, em especial, aqueles que o seguirão, e honra-me no esforço de a todos abraçar como irmão cósmico.

Yel Luzbel sentiu-se num estado mental inusitado para ele, jamais experimentado, mesmo nos momentos mais difíceis da sua vida de “ser rebelde”, uma espécie de choque psíquico que o mortificava por completo.

Fugiu da presença de Jesus, perguntando-se sobre o que haveria por trás da natureza humana daquele homem! **“Não existia, em nenhum lugar do universo, naturezas psíquicas imprevisíveis”** — refletia Yel Luzbel. *“Por que só a natureza humana trazia consigo segredos sobre o passado, nela embutido, e esse não podia ser claramente percebido por ninguém, nem mesmo pelos próprios humanos? De onde é que eu acho que já conheço essa consciência que parece esconder-se na natureza humana de Jesus?”* — perguntava a si mesmo, em plena inquietação.

CAPÍTULO 11

O Calvário de um Inocente

Yel Luzbel retirou-se atordoado e, a partir daquele momento, não mais voltou ao convívio dos seus pares, que passaram a procurá-lo desesperadamente. Desde aquele instante, Lúcifer isolou-se, e não mais comandou a sua falange ou o que dela restava. A base Atlan voltou a ser o seu “refúgio”. Os demais biodemos dimensionados começaram a defender a tese de que Yel Luzbel havia sido sequestrado por manobras das forças invisíveis. Para eles, o que já era ruim, tornou-se exponencialmente muito pior!

Permaneceram, desde então, como se psiquicamente estivessem em guerra com adversários invisíveis, que supostamente agiam no âmbito da dimensão em que se encontravam. Observando a tudo o mais que existia, Len Mion foi construindo a certeza de que, **dia após dia, o tempo das grandes privações e horrores — pelos quais todos os seres, que por motivos diversos se encontravam na Terra, tinham passado —, correspondia exatamente àquele miserável e natural contexto a que estavam condenados: o de esperar por uma ajuda que nunca veio, apesar de tantas preces da parte dos humanos,** e por outro lado, de tantos “deuses” desaparecidos ou escondidos sabe-se lá onde.

“Aquela parecia ser a condenação. Paradoxalmente, era muita coisa acumulada para que tudo continuasse da mesma forma.” — pensava Len Mion. “Que, pelos menos, tivessem a decência biodemo e viessem guerrear abertamente” — cogitava Len Mion, quando, alternadamente, procurava analisar outros possíveis cenários. Por outro lado, dentre todos os núcleos que se encontravam na Terra, **os humanos tornaram-se especialistas em rezar, em ter fé, em ter certezas sobre coisas e aspetos cujo teor real não se podia mensurar.**

“Como tal comportamento era possível? De onde os humanos haviam tirado aquele hábito que os diminuía destrutivamente?” — questionou-se Len Mion por muito tempo, até atentar para o aspeto de que ele próprio havia sido o iniciador, numa época lá atrás, e talvez o principal motivador, quando ele propôs a Yel Luzbel a projetarem-se da dimensão em que se encontravam “prisioneiros”, acostumando os humanos e os demais de então, a considerá-los tipos de “deuses”. ***“Essa deve ser mesmo a perdição dos humanos: a de gastar as suas vidas rezando para deuses inexistentes, como modo de serem controlados.”*** — refletia Len Mion.

“Deve ser pelo facto de serem de uma espécie destituída de faculdades para a expressão de poderes mentais pois, caso os tivessem, e ainda apoiados na sagacidade e na mais estranha capacidade de procurar compreender, tanto o aspeto científico da vida, mas também de formular especulativamente sobre o que não está à vista, eles seriam imbatíveis, incontrolláveis, superiores a todos os seres em perceção, discernimento e compreensão

elaborada, inclusive a Sophia e aos seres Aya e aos demais.” — pensava, pasmado, Len Mion.

E concluía interrogativamente as suas reflexões: “*Que relação de causa e efeito, de origem e de resultado, poderia explicar o surgimento de uma espécie como a dos humanos?*” Len Mion resolveu estudar mais uma vez os apontamentos que alguns grupos de estudo dos Val produziram sobre a “pacificação mental”, porque, desde a eclosão da “rebelião”, o que, atualmente, os humanos chamam de ansiedade inexplicavelmente presente nos psiquismos biológicos, ainda que sem motivos aparentes para tanto, foi um dos primeiros subprodutos de mutação no genoma dos seres biodemos. Conforme o grupo de estudo Val havia percebido, a prática da “pacificação mental” em alguns grupos miscigenados no Norte Hiperbóreo e no Oriente, de deixar fluir a mente, ao mesmo tempo em que cessava a movimentação corporal, parecia ser a única maneira de “isolar” e estudar as sequências surgidas junto com as vivências “pós-rebelião”.

Uma dessas sequências relacionava-se com o pensamento obsessivo em torno de alguma coisa, aspeto mental produzido por Yel Luzbel nos seus primeiros momentos, nos chamados “tempos rebeldes”, quando ele não conseguiu parar de pensar sobre a sua constatação de que existiam “problemas na realidade”. A obstinação mental gerou uma mutação que **destravou o genoma biodemo**, o que fez surgir **pequenos “pacotes de símbolos e de ideias”**, num primeiro momento, e mais tarde os estranhíssimos **“pacotes de sensações incontroláveis”**.

Utilizando as palavras comuns aos humanos, vários tipos de “vírus” surgiram desde então. Conforme eram percebidos, tornaram-se tema de estudo para diversos grupos oriundos não somente das famílias envolvidas com a “rebelião”, mas também para as que se mantiveram alheias a esse processo. Os Val consideraram o que, na atualidade, parece ser o óbvio para os que estudam as questões da mente e do psiquismo: o “vírus memético” ou “pacote de pensamentos” que atacava — era assim que se pensava a respeito — o circuito mental de cada ser, somente poderia ser percebido e, então desconstituído, destruído, ou usando a linguagem moderna destes dias terrenos, deletado, por meio de uma atitude mental pacífica e criativa.

“Sim, aquele comportamento dos humanos somente podia ser produzido pela presença de uma sequência genética neles “inoculada” por alguma “engenharia mental” desconhecida ou, pelo menos, ainda não detetada. Ou será que eles mesmos haviam criado aquela disposição temperamental e, por consequência, novas sequências genéticas (mutações), por meio de algum direcionamento mental especial?” — perguntava-se Len Mion.

“Nem todos os humanos conseguem, principalmente os nervosos, mas alguns, sim, não eram movidos por aqueles pensamentos perdidos e perturbados que assaltavam o psiquismo deles. Jesus conseguia manter-se como se a sua âncora de equilíbrio estivesse situada além do contexto da vida humana.” — pensava Len Mion.

Perambulando pelas interseções existentes entre a dimensão na qual se encontrava e o planeta — então, intensamente povoado pelos humanos —, Len Mion decidiu novamente ir procurar o “mais enigmático” dos seres humanos. Sem maiores dificuldades, logo o localizou quando ele caminhava pensativo, cercado por algumas pessoas. Postando-se à frente de Jesus, Len Mion novamente o provocou:

— Caminhas sem teres para onde ir? Que importa a ti se vais nessa ou naquela direção? Qual será o teu destino? E desses, que te acompanham? E o meu? Para quê tudo isso? E eles ainda rezam! Tu rezas, ó distinto entre os humanos? Tu és o único a deter faculdades que te permitem expressar poderes ocultos da mente. Isso já percebi. Sei que és poderoso! Contudo, para que te serve essa força? Não pelejarás com ninguém? Se és o “Messias”, que tipo de “Messias” és tu? Qual a serventia do teu poder? Tu rezas? Se o fazes, para quem endereças o que a tua condição humana postula e deseja?

Jesus não se deteve e apenas o olhou nos olhos, enquanto continuava a caminhada na direção de um povoado cujas casas já se avizinhavam por entre a vegetação rasteira. Len Mion continuou à volta do grupo e com eles permaneceu por alguns dias. No início de uma certa manhã, Len Mion pensou ter percebido um choque vibratório que ele interpretou como sendo uma tentativa de invasão na dimensão onde se encontrava.

Pensou em acionar os demais companheiros, mas, para sua surpresa, notou a aproximação de várias naves — sendo que duas

delas estavam claríssimas à sua percepção — que lhe eram desconhecidas, notando que as mesmas permaneciam disfarçadas para os humanos, pois estavam deles muito próximas e ninguém as percebia, a não ser Jesus, que já dera notas de as ter avistado.

Len Mion constatou, com clareza, uma certa contrariedade da parte de Jesus com a presença daquelas naves que, com o tempo, aumentavam em quantidade, demonstrando ali encontrar-se, na verdade, uma frota de potencial respeitável. Alguns dias depois, observou que, num certo fim de tarde, Jesus e outros três companheiros subiram a um monte e ali se estabeleceram, como se fossem passar a noite. Observou por mais um tempo e tão somente verificou que os demais haviam dormido, enquanto Jesus permanecia de pé, como se olhando além.

Como outras vezes já o havia visto naquela postura, Len Mion começou a retirar de Jesus o seu foco de observação quando, sem maiores avisos, novamente o ambiente em que se encontrava foi sacudido e mesmo invadido por certas “torções” no tecido da dimensão em que vivia, ao mesmo tempo em que a sua mente explodia numa certeza de primeiro momento: *“São eles... Eu conheço essas vibrações... São os seres Aya e Aye da força-tarefa de Sophia. Eles chegaram! Preciso avisar os demais.”*

Ao ver, porém, alguns daqueles seres projetando-se próximos a Jesus e, mais ainda, ao perceber a quantidade dos que não se projetaram, mas que estavam a acompanhar o desenrolar dos factos em torno dele, Len Mion resolveu permanecer onde estava, e assistir. Notou que os seres sintonizaram os seus equipamentos,

pois as expressões da comunicação primeiro fluíram com os símbolos e o linguajar pertinentes à condição judaica de Jesus. Uma aparente explosão luminosa, que tanto podia ser percebida como de teor azulado como cinzento, espalhou-se pelo ambiente, chegando a iluminar o campo visual do próprio Len Mion, que se encontrava situado em outra dimensão, enquanto sete seres projetavam-se numa espécie de primeira leva vibratória e os outros os seguiram formando como se fosse uma outra corrente.

Len Mion localizou o ser que estava à frente daquele evento como sendo o profeta que ele e Yel Luzbel viram anunciando a vinda do "Messias". "Aproximou-se mentalmente", o máximo que pôde, e tudo o que podia compreender era a preocupação daqueles seres com o facto de a condição humana de Jesus atrapalhar a sua percepção dos eventos à sua volta. Falaram da violência a ser praticada contra Jesus, de como aquilo poderia implicar problemas vibratórios para a sua consciência profunda, que o inabilitaria a desenvolver o seu mister além da Terra, e que eles gostariam de retirá-lo do planeta e de protegê-lo para que o mesmo não viesse a sofrer escândalos e vexames. Contudo, após muito tempo em silêncio, Jesus ordenou-lhes que não interferissem, explicando que ele mesmo, caso o desejasse, poderia resolver a questão de outra maneira, o que deixou Leon Mion profundamente intrigado.

Os companheiros de Jesus, que se encontravam adormecidos, começaram a acordar o que, na visão de Len Mion, atrapalhou o desenrolar do encontro.

“Esse homem, seja lá ele quem for, parece exercer algum tipo de poder situado além da condição humana, pois até aqueles seres pareciam obedecer-lhe, respeitavam-no, mas qual tipo de poder?” — perguntava-se Len Mion. Ainda que sobrassem indicativos de que Jesus era realmente um ser especial, e aquilo estava claro tanto para Yel Luzbel como para ele, **nenhum dos dois jamais atinou que aquele ser era uma personificação de Sophia feito homem**, o que somente tornava mais febril o psiquismo de Len Mion na tentativa de descortinar os factos que se desenrolavam à sua frente.

Depois do encontro, no qual houve o fenómeno da transfiguração, Jesus começou a dizer abertamente para os apóstolos que morreria, mas que ressuscitaria dias depois, o que deixava Len Mion absolutamente fixado na sua pessoa. Naquela altura dos acontecimentos, muitas eram as consciências situadas além do palco terreno, que estavam com a atenção voltada para o estranho humano que surgira na ponta final do novelo profético do povo judeu. Pensaram, antes, ser João, o Batista, o tal “Messias” profetizado, porém, nas ocasiões em que fora perquirido sobre a questão, ele afirmara claramente que o “anunciado do alto” ainda estava por vir. Após o aparecimento de Jesus, ele inclusive o apontara como sendo o personagem cantado pelos profetas, a quem se devia esperar.

Daí a imensa, porém, discreta assistência de muitas forças e hostes extra-humanas observando o modo inusitado e bem diferente com que Jesus agia, do que fora anunciado em termos de dominar os povos e estabelecer um império planetário no qual os

judeus liderariam as demais nações como “povo escolhido”. Uma certeza, entretanto, encontrava-se na posse da mente poderosa de Len Mion: se a família *Aya* era uma das forças que tão claramente atuara naquele encontro com Jesus, Sophia deveria ter algum interesse em relação àquele humano, e mais uma vez ele decidiu “infernizar”, no que fosse possível, a vida daquele “protegido”.

Aproximou-se definitivamente dos apóstolos e das demais pessoas que conviviam com Jesus e rapidamente percebeu, no ego de Judas, o psiquismo mais inflamado e, para ele, facilmente manipulável — até porque já bem conhecia os pontos fortes e fracos daquela consciência feita humana, mas cujos traços e maneirismos logo o levaram a reconhecer Yel Liam, encarnado como o mais inquieto dos apóstolos de Jesus. Facilmente, Len Mion percebeu que, tanto Jesus quanto Judas estavam a viver dramas pessoais bem distintos, mas que ele faria com que o nervosismo de ambos convergissem para o limite estipulado pelos membros do Sinédrio, para que esse apóstolo, das duas, uma: silenciasse o Mestre para que ele parasse de criticar os membros do Sinédrio ou o fizesse assumir de vez a sua posição de “Messias poderoso”, agindo de acordo com os critérios políticos dos doutores da lei e dos demais escribas e autoridades do povo judeu.

Judas, por possuir uma mente brilhante, antes de se tornar seguidor de Jesus, dos doze apóstolos havia sido o único que frequentara o Sinédrio como aluno aplicado, com grande futuro à sua frente, para um dia pertencer à sua elite. Largara tudo aquilo quando se defrontara com Jesus, que o convidara a segui-lo, como sendo o único proveniente da Judeia — a região da elite judaica —,

para compor os apóstolos, já que todos os outros onze eram oriundos da Galileia, lar de pessoas simples e mal eram tidos como “judeus originais”, de boa cepa.

Judas havia convencido os doutores da lei e demais escribas e autoridades do Sinédrio, de que Jesus era efetivamente o “Messias”, pois ele próprio tinha visto os seus poderes em diversas oportunidades, mas que ele somente os usaria para exercer o seu papel político quando fosse chegada a hora. O problema era que, enquanto aquele momento não chegava, Jesus passara a criticar duramente os fariseus e as demais fações que compunham o Sinédrio. Eles somente não haviam mandado prendê-lo porque Judas afiançara que Jesus não era problema, muito pelo contrário: era a solução.

Len Mion logo descobriu que o “prazo máximo” que os membros do Sinédrio haviam dado a Judas era a sexta-feira antes da festa pascoal, a ocorrer no sábado, quando inúmeras delegações chegavam a Jerusalém, e eles não queriam discursos inflamados de quem quer fosse, naquele período. Estranhamente, Jesus, que era a discricção em pessoa, resolvera entrar em Jerusalém no último domingo, montado num burrico, para fazer cumprir a antiga profecia de Malaquias sobre a entrada do “Messias” na cidade santa, montado num filho de uma jumenta.

Desde aquele dia, Judas ficara absolutamente certo de que Jesus estava a apontar, como sendo a páscoa, o seu grande momento de se assumir como o “Messias” esperado, exatamente naquela data comemorativa que era tão importante. Como Jesus conhecia os

pensamentos de Judas, e também o prazo que lhe fora dado pelo Sinédrio, ainda chegou a adverti-lo, em um dos dias daquela fatídica semana que se findava, de que ele não faria o papel apontado nas escrituras. Judas, mais uma vez, achou que aquilo era um ardil do seu mestre que, na hora apropriada, cumpriria com a sua função há muito profetizada. Afinal, Jesus já não havia cumprido com outras tantas, por que não assumiria exatamente a atribuição para a qual ele nascera? Ao longo dos dias daquela semana, desde que chegaram em Jerusalém, Judas não passava um só momento sem que Len Mion não estivesse praticamente imantado à sua condição humana.

Jesus percebera o envolvimento de Judas nas teias mentais de Len Mion, mas como já tinha mesmo ciência de que o “mal-entendido” entre ele e o “Deus de Israel” — que exigia que ele se tornasse o “imperador” dos judeus e, depois, dos terráqueos, cumprindo assim a destinação que Javé havia estabelecido — não tinha como acabar bem, deixou o “jogo da vida” seguir com o seu resultado previsível, no qual até mesmo os anjos o haviam alertado há alguns poucos dias.

Na quinta-feira à noite, não eram somente Jesus e os doze apóstolos que se encontravam no ambiente da chamada “última ceia”, pois Len Mion e mais algumas outras entidades também ali estavam alojadas, a partir dos seus ambientes de atuação. Perante o inevitável e com o coração pesado pela dor que viria e que causaria a todos a quem amava, Jesus comunicou aos presentes o que estava para acontecer, provocando nos apóstolos um misto de incredulidade e de desespero.

Len Mion percebia — mas não compreendia — como Jesus, que tinha poderes de sobra para jamais ser preso ou morto por quem quer que fosse na Terra, além de não usá-los, ainda precipitara os acontecimentos, parecendo desejoso de pôr logo um fim naquele processo que tinha nele o foco central de tudo. Eu mesmo ali me encontrava também, porque, periodicamente, os biodemos de *Alt'Lam Gron* procuravam observar tudo o que fosse do interesse indisfarçável de Yel Luzbel, e nós sabíamos que Jesus era o centro de preocupação e de interesse dele.

Para minha surpresa, o nosso equipamento vinculado ao "Processador Val" detetou a vibração mental de Len Mion no ambiente, e comecei a desconfiar do óbvio: pelos discursos que conhecíamos de Len Mion, ele sempre jurara fazer de tudo para atrapalhar qualquer processo que fosse relacionado a Sophia ou do interesse dele e, ainda que de modo incerto, o homem Jesus era o epicentro daquela questão e precisava ser impedido de assumir o "controle da Terra" — até porque Len Mion, sempre usando o nome de Yel Luzbel, passara a proclamar que os "rebelados" tinham direito inalienável ao planeta, junto com outras forças que também aqui se encontravam desde mesmo antes do aparecimento dos humanos.

Para mim, porém, era suficiente apenas acompanhar o olhar de Jesus para saber onde Len Mion se encontrava, pois, aquele momento correspondeu exatamente ao início do "novo confronto" decretado por ele, ao perceber que Judas "estava nas suas mãos".

— Sabes que ele te ama, mas à minha ordem ele daí se levantará e correrá a dar notícias de que a posição que sempre defendeu será por ti assumida — desafiou Len Mion, dirigindo-se mentalmente a Jesus.

— Entretanto, não quero fazer isso porque não sei como tu reagirás. Se fores esse tal “Messias”, eu terei que me esforçar por te destruir. Como, até agora, não assumistes posição de confronto contra os romanos, deduzo que não és, pois já registei até as tuas bênçãos para com cidadãos romanos destituídos de importância. Tu não desejas mal aos romanos nem a ninguém. Eu também não! Contudo, farei todo o mal que puder a ti e a quem atrapalhar os termos da minha luta, pois sou eu quem combate o mal que nos condenou, há muito tempo, ao sofrimento e à desgraça, e a cada vez que te olho, relaciono-te com o que de mais perverso conheço, que é o suserano deste universo, porém não sei como traçar essa correlação. Diga-me: se Judas for avisar aos líderes do teu povo que tu és o “Messias”, e eles vierem levar-te para a verificação, tu demonstrarás a eles a tua força? Não vou querer confrontar-te, tu que estás aí sentado, cercado desses que te acompanham, mas que não são como tu és!

Jesus “escutava” o que Len Mion lhe transmitia, mas agora, visivelmente perturbado e esgotado, olhava alternadamente para Pedro e Judas, que também sentados, discutiam sobre a “traição” que ele sofreria, e à qual havia se referido momentos antes.

— Esses que te acompanham não têm mesmo culpa nenhuma pelo facto de não cumprires o que de ti sempre foi esperado —

continuou Len Mion. — Está escrito, eu mesmo li, e sei que está há muito profetizado, pois também tenho vigiado essa hora, à espera desse maldito “Messias” anunciado pelo Ser que julgo ainda mais criminoso, que é o que se apresenta como “Criador Universal” e “Pai” dos judeus. Levanta-te e age corretamente com estes inocentes que aqui estão.

Repentinamente, sem que Jesus abrisse a sua boca, escutei, e sei que Len Mion também — e penso que todos os que estavam de algum modo a acompanhar aquele evento —, uma espécie de voz mental, emanada a partir da sua pessoa, dizendo:

— Nem eles, nem tu, nem ninguém, e desconfio que nem eu mesmo, podemos compreender como chegámos todos a esta hora! Aje como quiseres. Definitivamente, não tenho como me comportar do modo que esperam do “Messias”, mas eu o sou! Sou eu aquele que haveria de vir! Entretanto, nada na minha consciência se assume como tendo que cumprir com o que por mim jamais foi prometido. O impasse está estabelecido!

Naquele momento, Pedro levantou-se abruptamente, dirigindo-se a outros dois apóstolos que também, de modo efusivo, discutiam o mesmo tema, deixando Judas sentado à frente de Jesus.

Judas começou a exigir de Jesus uma explicação quanto ao que ele estava a promover com aquele tipo de aviso, quando viu a sua mão levantada como se solicitando que ele se calasse.

— Ah! Eis que sobre mim impera a inevitabilidade! — disse Jesus, de modo enigmático, enquanto olhava para o chão. — Que peso ela tem!

A discussão continuava entre os apóstolos. Jesus tornou a olhar para Judas e disse-lhe:

— Posto que inevitável, faz logo o que tens a fazer!

Len Mion ficou surpreso por não ter sido sequer necessário impor sobre Judas o peso da sua força mental para o instigar a fazer isso ou aquilo. Com a ordem de Jesus, ele simplesmente levantou-se e fez valer o seu plano, que supunha ser o grande momento da sua vida, da de Jesus e dos judeus.

“Ah!, a imaginação humana...!” — pensou Len Mion que, caso soubesse sorrir, teria ostentado na sua face deplorável o melhor dos sorrisos. Todavia, tudo o que surgiu foi um esgar, que tanto poderia ser de prazer ou de ódio. Devido à questão do psiquismo afetado daquele que foi Yel Liam, do seu orgulho intelectual, da sua expectativa de ser uma espécie de “primeiro-ministro no reino” a ser assumido por Jesus, na sua função de “Messias”, nada do que Len Mion preparara como receituário do caos na vida de Judas foi necessário ele acionar. Já estava feito, e Jesus foi quem pessoalmente cuidou para que o engano do seu apóstolo lhe servisse de mortalha moral pouco recomendável, com as **“cores de uma traição” que nunca houve!**

Judas ambicionara algo do que ele mesmo vislumbrou ao projetar em Jesus a roupagem profética de que ele seria, um dia, “rei ou imperador do mundo” e, nesse governo, também idealizou o seu lugar pois, dentre os apóstolos, ele era o único a ter visão geral das coisas, além de ser bem querido no Sinédrio.

Jesus havia falado com Judas por entre o vozerio que reinava no ambiente, o que levou a que os demais sequer percebessem a saída rápida de Judas, cuja intenção era a de provar aos membros do Sinédrio que ele tinha razão e, assim, ganhar a comenda pelo seu grande feito prestado a Israel, de ter encontrado e conduzido o “Messias” até aos líderes do Sinédrio. Foi essa a leitura dos factos que nós, de *Alt’Lam Gron*, pudemos fazer. Len Mion mal podia aceitar que, o que ele intentava fazer, mas tivera dúvidas, o próprio Jesus providenciara ao mandar Judas cumprir com o que, na sua inocência, forçaria o seu mestre a assumir-se como o “Messias” esperado.

Tomando emprestada uma expressão que o meu “apoio terráqueo” costuma usar, diria que, desde que comecei a assumir o padrão da crítica humana e, em observando os factos da vida planetária, muitas vezes registei, na minha consciência, como a estupidez cósmica havia convergido para os acontecimentos terrestres. Por questões de ancestralidade biodemo, já havia assistido, desde *Alt’Lam Gron*, o padecimento de Sócrates quando, com um padrão de dignidade que desconhecíamos, tomou o veneno que lhe fora preceituado como penalidade pelo tribunal ateniense.

Aquilo doeu em nossa sensibilidade, mas a atitude daquele ser humano singular como que encobriu a miserável condenação e, o facto em si, foi algo discreto.

O caso de Jesus, porém, superou em tudo o horror da ausência de mais-valia creditada à vida humana porque, ali, pareceu que efetivamente a estupidez cósmica e a de ordem humana haviam-se encontrado de modo tristemente emblemático.

A miserável condição da existência cósmica acumulada até então, expressou-se por meio da desavisada face humana quando fez com que a massa popular, os governantes, tanto do lado judeu como romano, os próprios seguidores, amigos e familiares, mostrassem o lado mais "modesto" da natureza dos terráqueos, que assustados com o inopinado acontecimento, perderam-se em julgamentos, comentários inapropriados e atitudes de toda ordem. Como que, para compensar o lado tétrico do episódio, o heroísmo de uns poucos fez valer algum padrão de homenagem àquele homem que, independentemente do que ou de quem pudesse representar, o tempo todo, agiu com uma dignidade também jamais vista em caso tão escandaloso como aquele.

Acostumado com o que comumente observávamos passar-se na Terra, para a nossa lógica, o que estávamos a presenciar era tão somente mais um evento absurdamente desagradável, típico do não menos absurdo padrão de violência que imperava na natureza planetária, cuja face representa a de ordem universal. Os acontecimentos em torno da crucificação de Jesus foram ficando

ainda mais estranhos quanto mais percebíamos ex-consciências biodemos envolvidas direta e indiretamente com o mesmo.

Por quê aquela convergência, a qual somente mais tarde pudemos verificar no seu todo, que fazia com que os familiares, apóstolos, discípulos, amigos, autoridades romanas e inclusive a guarda romana que o crucificou fossem todos ex-bio-demos, então mergulhados na condição humana? Yel Luzbel reconheceu a consciência de Val El personificando um soldado romano que comandava a crucificação, e observou também que os demais soldados que se envolveram na *via crucis*, como ainda nos dois que foram crucificados ao lado de Jesus, todos eles eram ex-consciências biodemos, participando como atores daquele drama. “*Por que isso está a acontecer, e por quê dessa maneira?*” — perguntava-se Yel Luzbel.

Por um momento fugidio, repercutiu na mente de Yel Luzbel: “Será que os humanos foram engendrados para receber o ônus do acumulado da “rebelião” e acabar com a mesma por meio da sua natureza única? Será que a “rebelião” tinha sido transferida para o psiquismo humano dos terráqueos? Que processo era aquele que se desenrolava frente aos seus olhos?”.

Len Mion questionava-se a respeito da mesma questão, já que também lhe foi possível reconhecer os seus ex-companheiros sendo protagonistas do drama que envolveu Jesus. Nos nossos registros de como os humanos, preferencialmente, ao longo das épocas, matavam-se uns aos outros, encontrava-se a crucificação, o que não era mesmo novidade, pois já havíamos observado muitas. No

entanto, um ser humano havia enfrentado todo aquele cortejo de atitudes torpes e ultrajantes, aparentando um padrão de pacificação mental nunca observado por nós, nem muito menos por Len Mion.

Não sei muito bem como ressaltar esse episódio, de modo a fazer justiça ao aspeto do comportamento inusitado de Jesus, para o nosso modo de registrar e de compreender as coisas da vida. Começando pelo **“Processador Val” que, “sozinho”, por ele mesmo, começou a registrar, a partir de um certo ponto da história — a transfiguração pela qual ele passou pouco antes da sua morte — a consciência de Jesus como se ele fosse um biodemo**, o que nos surpreendeu profundamente, e também o que nos levou a vislumbrar algum tipo de relação entre a pessoa de Jesus e Sophia. Contudo, desse aspeto, Len Mion não tomou conhecimento na época dos factos, nem muito menos Yel Luzbel. Somente os exilados em *Alt’Lam Gron* acompanharam aqueles eventos, tendo acesso aos aspetos e panoramas reproduzidos pelo “Processador Val”.

Até àqueles tempos, o que entendemos por “pacificação mental”, por “imperturbabilidade do psiquismo”, era atitude pessoal quase impossível de ser percebida, como ainda hoje é difícil para quase a totalidade dos seres, independentemente de que tipo sejam, poder ostentá-la. Poucos, realmente, conseguem transcender o peso acumulado que cada ser carrega da “herança dos problemas que se conjugaram”, do que, atualmente, o “aparelho humano” que usamos afirma ser a “doença” advinda da mente do Criador, e todo o conjunto de desdobramentos “doentios” que foi sendo produzido

à medida que as novas espécies cósmicas foram surgindo. Contudo, o “fator doença” produzido pelo “efeito mental” de Yel Luzbel, na verdade, foi tão somente a replicação da que já grassava entre os seres bem mais antigos que os biodemos.¹

Nos últimos anos, antes da composição da versão final do presente livro, nós, de *Alt'Lam Gron*, pudemos apreender que, quando o fenómeno da vida foi semeado neste universo, já trouxe consigo o “germe do vírus limitante e deformador”, cujo “lacre genético”, para ser rompido, somente o poderia ser por meio de uma atitude mental descontínua, inovadora, forte, que pudesse provocar um “outro tipo de vírus” que induzisse uma mutação na arquitetura de como o mesmo havia sido composto.

Quando somente existiam espécies já nascidas para serem controladas, esse “germe” nada produzia porque os “lacres mentais” de cada uma delas impediam qualquer tipo de modificação na maneira como o genoma das mesmas se movimentava na “dança da vida”. Ao que tudo leva a pensar, foi necessário que surgisse uma espécie que, devido a uma atitude mental específica de um dos seus membros, despertasse um tipo de “vírus antagónico” no circuito do seu psiquismo pessoal, que o libertasse do padrão ordenado-robotizado, previsto no seu genoma.

O género biodemo foi um dos muitos que introduziu a vida biológica neste universo, e o fez portadora, como se hospedeira

¹ NAT: Val Eno refere-se aos seres demonizados, que habitavam e habitam o universo paralelo ao nosso, e aos primeiros problemas surgidos entre Brahma e Shiva, oportunidade em que o género demo surgiu em toda sua complexidade.

fosse, ao que parece, de uma série de “vírus neutros”, alguns deles capazes de serem despertados por uma dada atitude mental característica — é o que, na atualidade, a nossa cultura em *Alt’Lam Gron* pensa a respeito! E como decorrência da chamada “Rebelião de Lúcifer”, isso foi repassado para o gênero *Homo*!

No dia do calvário, Yel Luzbel, Len Mion e demais biodemos de *Shamb-Aha* seguiam, como podiam, os passos de Jesus, sendo que ninguém dentre eles — nem entre nós, que também acompanhávamos os acontecimentos da nossa base em *Alt’Lam Gron* — tinha a menor ideia de que aquele homem, apesar dos indicativos, pudesse ser uma encarnação terrena de Sophia. Talvez, se naquele tempo fôssemos espiritualizados, o tivéssemos compreendido. Contudo, a “Revelação Espiritual”, que nos descortinou uma visão mais ampla da questão, ainda não havia sido produzida nos dias da vida de Jesus.

“Fosse lá quem fosse, aquele homem tinha poder pessoal suficiente para se ter livrado de todos os problemas que terminaram por levá-lo à brutal crucificação. Por que não o fizera?” — pensava Yel Luzbel.

Alguns instantes antes de expirar, Jesus voltou suavemente os seus olhos para Yel Luzbel e dirigiu-lhe uma rápida mensagem em língua diferente do padrão terrestre. Somente ali e, apenas naquele instante, após perceber a mensagem que Jesus lhe endereçara em padrão de linguagem apenas conhecida nos mundos de Capela, Yel Luzbel quedou-se sobre o chão próximo à cruz e, **pela primeira vez, um ser biodemo chorou.** Em pranto desesperado e

silencioso, compreendeu, finalmente, quem era aquele que se deixara crucificar como o mais modesto e humilde dos seres.

Percebeu a majestosa condição de preposto maior de um alguém a quem ele não conhecia, mas fosse lá quem pudesse ser, percebera, finalmente, que, independentemente do que ele julgava ser a figura ou mito do Criador ou Pai Universal, Jesus deveria ser a expressão maior do que porventura existisse em termos de representatividade para seres do seu padrão vibratório. Percebeu que Jesus tudo podia ter feito nas suas atribuições de autoridade celeste, mas nada fez nesse sentido. E, realmente, em vez de prendê-lo, veio abraçar-lhe amorosamente o espírito cansado de tanta luta íntima, angústias e inquietações.

Ali estava, ao lado do corpo terreno tão sofrido e já aniquilado, um outro Jesus como se já plenificado sob a égide da sua forma celestial, à moda de Sophia. Esse ser que, aos nossos olhos, tanto se mostrava como Jesus parecido com Sophia, tanto como Sophia — a quem conhecíamos — parecido com Jesus, aconchegava o corpo algo desfigurado de Yel Luzbel. Em um dado momento, ele elevou-se em direção a ambientes outros, cercado pelas hostes *Aya* e *Aye*, as quais, meio que cegamente, movimentavam-se em torno de um turbilhão no qual julgavam ser uma outra forma de Jesus, para além da condição do aspeto celestial de Sophia, que nem mesmo eles compreendiam.

O “aparelho humano do qual me sirvo” insiste em informar-me que, naquela época, nem Sophia, nem os seres *Aya* e *Aye* sabiam coisa alguma sobre a vertente espiritual que nos envolve. Sophia

apenas sabia que existia uma contraparte sua a agir além deste universo. Ainda segundo o “meu informante”, em relação a assuntos espirituais e mesmo transcendentais, a morte do corpo de Jesus, a ressurreição do seu psiquismo associado a um corpo parcialmente animado, a devolução dos elétrons que Jesus providenciou serem novamente direcionados ao corpo de Sophia — que havia emprestado parte do seu código pessoal para poder inseminar Maria ao tempo da sua gravidez —, e a assunção definitiva do espírito (**forma *Adhyagia***) de Jesus à sua condição superior, todas essas questões ainda estão por serem compreendidas pelas forças envolvidas no processo.

Jesus, enquanto homem, era inocente, e jamais cometeu crime algum que pudesse servir de “motivo legal”, conforme as leis e costumes da época, para o incriminar. Entretanto, a corrupção do Sinédrio, consorciada, em etapa posterior, com a romana, fizeram do crime o cumprimento da inaceitável lei do império do mais forte, que sempre prevaleceu na história da Terra — e, agora sabemos, também na sua dimensão cósmica. Sem o senso crítico humano, a vida universal jamais teria noção da loucura e do caos em que sempre vivemos.

Como já explicitado anteriormente, os Val, como os demais seres biodemos, desconheciam o sofrimento até o perceberem, às duras penas, como um tipo de tempero que os acompanharia até aos tempos atuais. Ninguém jamais nos ajudou a suavizá-lo. O pouco que fizemos foi o pouco que conseguimos aplicar nas nossas vidas. Observando a natureza dos “**seres dos portais**”, dos nephelim, dos tronomos, dentre outros, também percebemos que as suas

dificuldades, independentemente de serem mais ou menos aterrorizantes que a dos seres biodemos, ninguém jamais os ajudou ou os poupou de coisa alguma. Somente vimos os descendentes de Ostronomos — os tronomos — procurarem viver do melhor modo possível, até mesmo para evitarem o sofrimento.

O interessante é que nada, absolutamente nada do que conhecemos, constrói ou construiu um padrão de expectativa de que alguém especial os ajude ou mesmo os poupe disso ou daquilo. Nunca havíamos observado tal tipo de comportamento até começarmos a perceber que a natureza humana, recém-surgida na Terra, cultuava essa esperança, vinculando-a a personagens que foram, então, conceituadas de “deuses”, o que jamais havíamos visto.

Mesmo na nossa relação com Sophia, o que estava em jogo eram outras questões científicas, mas jamais uma expectativa que ele ou o tal Ser a quem ele dizia representar, fizessem isso ou aquilo no sentido de ajudar-nos. Isso nunca existiu no nosso modo de ser! Ao **aprendermos a linguagem interrogativa**, as mais intrigantes perguntas começaram a ser feitas na nossa cultura, porém, nem mesmo as que Yel Luzbel fez e, depois dele, muitos outros biodemos fizeram, nada nos é mais enigmático do que a que se refere às razões pelas quais os humanos da Terra nasceram com um padrão de senso crítico superlativo, singular, mas, paradoxalmente, com esse tipo de propensão a crer num “Deus” ou em “deuses”. Destruir o caos para propiciar ordem, submetendo as estratégias a esse fim, sim, esse tipo de algoritmo mental encontra-se inexoravelmente

registado no campo comportamental do genoma das espécies até o nosso surgimento como biodemos.

Contudo, os humanos são ou parecem ser uma descontinuidade inesperada numa linha temporal que remonta ao início do universo e, essa continuidade vinha existindo até que foi por eles interrompida, sem que saibamos o porquê. Sempre procurámos avaliar e compreender a amplitude da capacidade crítica dos humanos, pois que, com eles, **os conceitos paradigmáticos de “ordem e caos” foram substituídos pelos de “bem e mal”, o que deveria impedir as atrocidades que temos visto na história dos terráqueos.**

Assim, as histórias dos seres humanos Sócrates e Jesus, nas quais a injustiça foi oficialmente aplicada como se justiça fosse, deixa-nos a corrupção moral sendo uma explicação para o mau uso do tirocínio singular que marca a habilidade psíquica desta espécie. Após monitorar, analisar e aprender com o que se passa tanto no cérebro como na mente humana, pudemos facilmente perceber como **o psiquismo humano foi invadido por “gaiolas religiosas” de todos os tipos** e, de modo estranho, eles passaram a ser “prisioneiros” das mesmas, mas felizes, porque pensaram e pensam ver um tipo de refúgio nessas “prisões”, no meio caótico da vida. É como se fosse um “pouso em ordem”, mesmo estando em pleno caos. Acreditar, aqui, é a chave da felicidade e da paz. **Esses refúgios diminuíram o ser humano a tal ponto que, na atualidade, ele não mais consegue sair deles**, e apenas quer a reafirmação do que o satisfaz em lá permanecer.

E assim também era na época de Jesus, pois que os judeus que viabilizaram a sua crucificação proferiam discursos em defesa da pureza das escrituras tidas como sagradas, aproveitando-se de testemunhos comprados, além de falsos, para enquadrar as atitudes de Jesus como sendo contrárias à interpretação dada pelos “doutores da lei”.

Morto o homem, surgiu o mais estranho facto de tudo o que havíamos visto até àqueles dias, que foi a ressurreição do seu corpo, que logo se transformou em mito a ser combatido pelos romanos e pelos “judeus importantes” daquele tempo, cada cultura com as suas razões particulares. Para os romanos foi uma desonra perder o corpo do crucificado, já que o mesmo estava sob a guarda de alguns soldados da centúria cuja jurisdição envolvia Jerusalém.

Após o aparente desaparecimento do corpo de Jesus, quando o processo de ressurreição começou a ser exaltado pelos apóstolos e pelos discípulos mais chegados, ainda que Len Mion verificasse por ele mesmo que não existia fraude no processo em si, ele somente viu, no desaparecimento de Yel Luzbel da dimensão de *Shamb-Aha*, mais um **ardil de Sophia que, usando Jesus, preparou e construiu uma situação da qual resultou na prisão de Yel Luzbel — pois foi exatamente essa leitura que ele fez dos acontecimentos.**

Assim, após o “**rapto de Yel Luzbel**” de *Shamb-Aha*, Len Mion, no auge da sua angústia, percebeu o “**Jesus ressuscitado**”, no qual ele finalmente identificou Sophia, agindo agora covardemente, segundo ele, e sem enfrentar os perigos do mundo

conforme fez Jesus, como se a complementar o que a sua condição humana havia feito.

Contudo, Len Mion notou que o enfoque estava diferente, o que surpreendeu também aos poucos biodemos dentre nós que, estupefatos, assistiam a um novo tipo de discurso da parte daquele ser — o “Jesus ressuscitado” — em relação ao Criador Universal, pois que agora, não era mais o “Pai Amoroso e Perfeito” ao qual Jesus se referira, mas sim, um “Ser Misterioso e Complicado”.

“Por que a mudança no teor das informações?” — questionavam-se, um revoltadíssimo Len Mion, Val Aten e outros que tanto de *Shamb-Aha*, como de *Alt’Lam Gron* acompanhávamos os eventos daqueles dias. *“Será que Jesus havia se enganado? Será que Jesus havia sido enganado em mais um ardil a ele aplicado pelo “Deus dos Judeus”?”* — pensávamos. A incongruência entre o conteúdo produzido por Jesus e o que agora se percebia daquele “Jesus crucificado” era tal que, a princípio, demorámos algumas décadas terrenas para compreendermos o que estava a passar-se.

Len Mion, como que enfeitigado, procurando entender, fixou-se de tal modo no desenrolar dos factos em torno do legado de Jesus, que nada mais via a não ser os seus desdobramentos. Após a dispersão do grupo de apóstolos e a assunção de Saulo de Tarso (Paulo) ao papel de maior divulgador de Jesus, Len Mion assumiu como falido todo o trabalho de Jesus, uma vez que Paulo, então, comandava o processo. *“Aquela improvisação de última hora não se encaixava muito bem em algo que deveria ser divino”* — pensava ele.

Cerca de quatro décadas depois, após todos os apóstolos terem morrido ou se ausentado para terras distantes, somente o apóstolo João permaneceu como sendo o único deles que havia convivido com Jesus, e ainda o representava perante os cristãos da época.

Perseguido, agora, pelo império romano como sendo ele a grande esperança que mantinha a fé dos cristãos acesa, passou a fugir e a esconder-se nas ilhas gregas, pois a dominação dos romanos na Judeia impedia a sua permanência por lá. Como havia prometido ao “Messias”, ele levou consigo Maria, a mãe de Jesus, sempre protegidos por grupos de cristãos que se alternavam no apoio solidário aos dois.

O “ser ressuscitado”, os seres *Aya* e *Aye*, Len Mion e nós permanecíamos vigilantes em torno da pessoa de João. Da nossa parte, a estranheza residia no facto do “Messias” nada ter produzido em termos de manuscritos e, somente muito tempo após a sua morte, começarem a surgir uns poucos registos escritos para se associarem às epístolas de Paulo que, até então, eram as únicas a testificarem publicamente o teor do legado de Jesus. Contudo, Paulo não conhecera Jesus pessoalmente, o que o obrigou a dar seu testemunho ancorado nas suas próprias opiniões.

Para os poderes que Jesus demonstrara possuir em vida, aquilo tudo era muito estranho. O conjunto de todos os eventos em torno da sua pessoa não combinavam com um processo lógico, ainda que o cumprimento das profecias constantes das escrituras judaicas fosse o aspeto absolutamente inquestionável dos acontecimentos, incluindo o facto de ele ter-se assumido como o “Messias”

anunciado, mas ter-se recusado firmemente a usar da força para cumprir os desígnios do tal Ser Criador.

O ser humano Jesus passou a ser o tema central do foco da atenção dos seres biodemos, porque todos achávamos que, de uma maneira ou de outra, havia uma relação, agora para nós inquestionável, entre a sua figura, a do “ser ressuscitado” e a de Sophia, além dos seres *Aya* e *Aye* estarem sempre envolvidos com os contornos dos eventos ocorridos. Len Mion, obviamente, não pensava em outra coisa, pois fizera do conjunto dos factos o último artil aplicado por Sophia, envolvendo agora a condição humana, para prender Yel Luzbel e acabar com a “rebelião”. ***“Sophia estava absolutamente enganado se pensava que, raptando Yel Luzbel, conseguiria, assim, pôr um fim à “rebelião”!”*** — repetia Len Mion mentalmente, como se fosse uma espécie de mantra, a cada momento da sua vida, como modo de manter o seu ódio aceso e acumulado contra o que ele chamava o “Poder de Orbum”.²

Len Mion não entendia o porquê do apóstolo João não ter produzido nada por escrito a respeito de Jesus, dos seus feitos, enfim, do seu legado, afinal, ninguém mais do que ele havia testemunhado os acontecimentos em torno do seu mestre e escutado as suas palavras, e mesmo alguns desabafos e confidências.

² NAT: Orbum é o nome de um dos planetas do sistema da estrela Capela, no qual se encontra sediado o governo universal, coordenado por Sophia e pelos membros das famílias *Aya* e *Aye*, dentre outros.

Nos últimos tempos da sua vida, por fim, João produziu dois registros por escrito, sendo um, o seu evangelho e o outro, o *"Apocalipse"*. O primeiro atraiu muito a atenção de Len Mion, pois apontava para problemas na Criação, entre o tal Deus Criador e o "Verbo". *"Seguramente, o "Verbo" era Jesus em uma condição existencial anterior, provavelmente como Sophia ou ainda uma contraparte ancestral daquele ser"* — pensava Len Mion. Para ele, aquela era a única explicação para as misteriosas palavras de João, logo no início do seu evangelho:

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto a Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito. Nele havia a vida, e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam." Evangelho de João (capítulo 1 — 1,4)

O *"Evangelho de João"* o apanhara de surpresa, e o teor ali apresentado, que era bem diferente dos já surgidos — os conhecidos evangelhos de Marcos, de Mateus e de Lucas —, chamara a sua atenção de tal maneira que ele não mais deixou de acompanhar João até ao momento da sua morte.

No seu legado como evangelista, João deixara claro, em algumas oportunidades, que Jesus preferira fazer silêncio sobre alguns temas, como se deles soubesse muito mais, contudo, preferia calar-se naquele momento, ressaltando, no entanto, que, quando da sua "volta em sua forma celestial e gloriosa", ele melhor explicaria a sua própria condição, como também a do Ser Criador a quem ele chamara de "Pai Celestial".

“Como João revelara que existiam problemas com o Criador, na medida em que ele não poderia ter criado nada sem a ajuda do “Verbo”, que era Jesus, sem que este pessoalmente não tivesse revelado a João aquela informação. O que significava aquele tipo de problema entre o Criador e um outro Ser, antes da criação do universo? Que contexto seria aquele sobre o qual, pela primeira vez em seus quase seiscentos milhões de anos de vida biodemo, ele jamais havia tido qualquer referência? Por que esse tipo de informação somente estava a ser veiculada em torno dos acontecimentos terrestres?” — eram as reflexões de Len Mion, que posteriormente pudemos resgatar no “Processador Val”.

Len Mion praticamente resolveu montar guarda em torno do local onde João se escondia da perseguição do império romano. Na verdade, os romanos sabiam que ele se encontrava na ilha de Patmos, na Grécia, e desde que ele não provocasse problemas, eles achavam que era melhor mantê-lo ali, como se prisioneiro fosse, do que criar mais um mito cristão com a sua morte. Outros afirmavam que havia sido mesmo uma galera romana que havia trazido João até àquela ilha, e ali o deixara como prisioneiro.

No que era do nosso conhecimento, entre os atuais picos tibetanos e nepaleses, havia um deles que era a “morada terrena” do deus Shiva. De lá, ninguém dentre os humanos ou de outra origem, poderia aproximar-se sem sofrer algum tipo de dano, o que mantinha afastados possíveis visitantes, inclusive nós, em tempos idos, quando procurámos saber da possível verdade em torno daquela “lenda”. E era real! Nas vezes que tentámos, sempre observávamos um ou alguns outros artefatos que perambulavam

por ali, provavelmente com intenções semelhantes às nossas ou por razões que desconhecíamos.

Frente àquelas experiências, fazia tempo que não assistíamos a tamanho acompanhamento, porém uma observação similar passou a ocorrer em torno de uma elevação próxima ao mar, naquela época chamada de “porto de Skala”. Por questões complexas e difíceis de serem aqui explicadas, a nossa nave “*Espheron*”, transformada em “*Alt’Lam Gron*”, para ser deslocada, preferencialmente o fazemos sobre a água, e foi próximo ao porto de Skala que estacionámos a nossa cidadela, nos tempos em que percebemos que Len Mion havia estabelecido o posto avançado de *Shamb-Aha* em torno da caverna em que João se encontrava a residir.

Se já não era suficiente o acumulado de estranhezas até então em torno do legado de Jesus, para nossa surpresa, o “**conglomerado de realidades**” que conhecíamos há muito, mas do qual pouco havíamos percebido ao longo dos milénios, estava ali também “ancorado”, como se naquele homem alquebrado pela idade, repousasse algum segredo a ser traduzido em factos, a qualquer momento. Foi com certa dose de surpresa que percebemos, indiretamente, que o “Jesus ressuscitado” estava a aparecer para João e em contato com ele, pois o velho apóstolo havia começado a ditar, para um dos seus discípulos, o já referido livro que veio, posteriormente, a ser conhecido como “*Apocalipse*”.

Nem nós, nem Len Mion, estávamos a conseguir perceber a presença de quem quer que fosse ao lado do apóstolo, mas pelo conteúdo que, ao longo dos dias fomos auferindo, deduzíamos ser

a “forma cósmica de Jesus”, ou seja, Sophia, a entidade que estava a registar aquela comunicação.

Talvez ele não estivesse ali, presente naquele local — até hoje não o sabemos —, pois depois, o próprio apóstolo relata que ele foi levado a alguma dimensão paralela ou lugar diferente do que vivia, no qual viu um Ser sentado em um “trono”, inúmeros anjos, seres de naipes diversos, além da “forma gloriosa de Jesus”. Segundo João, através de um dos seus anjos, a “forma gloriosa de Jesus” comunicou que cumpriria a promessa feita pelo “Messias” aos humanos. O contexto ali produzido era exatamente o roteiro dos factos que deveriam dar-se até o momento da sua vinda, daí o conteúdo profético do livro surgido daqueles eventos em torno de João, nos últimos anos da sua vida.

Len Mion registou um aspeto que, na época, não pudemos ter acesso: a surpresa que o anúncio dado por Sophia — de que viria pessoalmente à Terra para cumprir a promessa feita pelo seu avatar humano —, causou tanto nos **“Seres do Conglomerado de Realidades”**, como nos **“seres dos portais”**. Na Terra, **a confeção daquele livro não teve importância alguma, a não ser o aspeto de ninguém conseguir compreender o seu significado**, mas, ainda assim, o mesmo passou a ser pouco a pouco venerado pelos cristãos, pois falava da “volta de Jesus”. Contudo, nos ambientes paralelos, a notícia de que Sophia estava ratificando algo que o seu avatar humano prometera, teve uma repercussão incalculável.

Hoje, após termos estudado a “Revelação Espiritual” introduzida no século XIX, e todo o seu desdobramento no século XX, sabemos, por meio do “humano do qual nos servimos”, que quem atua sobre Sophia é o mesmo espírito que atuou por meio de Jesus. Todavia, na época, não sabíamos de nada disso, e pelo que agora podemos aquilatar, nem os “**Seres do Conglomerado**”, nem os “**seres dos portais**” também demonstravam, então, saber disso.

Pura e simplesmente, parecia ser Sophia que, de longe, transmitia para João aquelas mensagens que a sua condição humana, com a ajuda de alguns seres *Aya* — esses, sim, visíveis para nós em torno do apóstolo —, que pareciam dar o apoio necessário àquele projeto revelador. Len Mion foi o primeiro, dentre nós — e me arrisco a afirmar que dentre os seres existentes nesta Criação — a desconfiar que **os humanos estavam a servir de ponte de comunicação entre classes de seres que não tinham como se comunicar entre si.**

Além de decifrar a situação e de fazer a leitura dos factos, parece também residir nos humanos, a habilidade de repassar essas informações para o restante da Criação, enquanto levam as suas vidas, sem que disso tenham, até agora, a devida consciência. Nenhuma espécie cósmica tem essa característica! Quem percebeu esse aspeto dos seres humanos frente ao que de mais existia no universo, foi Len Mion. Ainda que não soubesse explicar, ele constatou, na época da elaboração do livro “*Apocalipse*”, que **Sophia havia usado a forma humana de Jesus, como também a de João, para avisar ao cosmos o que ele faria**, pois não tinha

mesmo como comunicar isso de outra maneira, notadamente em relação aos **“Seres do Conglomerado”** e aos **“seres dos portais”**.

“Qual era a importância disso, e por que a vida dos humanos servia de palco para toda uma plateia cuja extensão extrapolava até os limites do nosso universo?” — questionávamos, e não sabíamos, inclusive Len Mion, a resposta. Entretanto, que os humanos eram “massa de manobra” para algumas classes de seres, e os resultados das atitudes humanas interessavam a muitos contextos, sobre esses aspetos não tínhamos dúvida.

Ao assumir como sendo seu o compromisso de que seria na Terra o encerramento da missão de Jesus, cujo complemento necessitava da aceitação dos judeus e do mundo, de que ele, efetivamente, representava aquele que o enviara — que estranhamente seria o Criador do Universo e não a sua “forma celestial” —, e que a ele tinha sido dado o “poder de julgar, de separar o justo do pecador, o joio do trigo”, conforme os critérios de pertencimento a um “reino” sobre o qual ninguém dentre nós sabia qual era, Sophia agiu como se confirmando que, na sua vinda, ele, enquanto “Jesus revivido”, faria isso!

Contudo, nessa história sempre residiu um grande equívoco, um engano primário advindo da “infeção original” que parece marcar o psiquismo de todos os seres que possuam vínculo com os desígnios do “Deus dos Judeus”. Eles sempre se acham muito mais do que efetivamente podem ser, frente ao nível de complexidade que, na atualidade, existe em torno dos humanos terráqueos.

A questão é: Quando a criatura ultrapassa o Criador, quem pode avaliar quem? E os humanos, por que seriam julgados? Nunca, ninguém, em lugar algum deste universo havia sido julgado, por que com os humanos seria daquela maneira? Será que Jesus explicara direito o porquê da vinda da sua “forma celestial”, ao vinculá-la a um “julgamento geral”?

O espantoso é que ele sabia ser possuidor de uma “forma celestial”, tanto que a explicitou com as suas próprias palavras, mas dizer que a sua vinda seria uma “vitória”, para nós, não fazia o menor sentido, a não ser que existisse uma disputa para além das querelas surgidas na “rebelião”. Len Mion formulava todo tipo de questionamento — e nós também —, cujas respostas pareciam estar situadas muito além do nosso entendimento, ou algo de muito errado havia na compreensão que o próprio Jesus tinha dos episódios da sua vida. Todavia, se assim era, quando Sophia, por meio do “*Apocalipse*”, confirmou que cumpriria a promessa feita por Jesus, aquilo parecia selar o assunto definitivamente — ou seja, doravante seria com Sophia, até mesmo porque Jesus não mais atua objetivamente neste universo.

Como a meta de Len Mion era a de se contrapor a qualquer evento que ele imaginasse ser do interesse do tal Ser Criador, de seu ex-comandante e dos seres *Aya* e *Aye*, o facto de Sophia ter assumido o compromisso de vir selar na Terra a sua “vitória”, ainda que não saibamos contra quem ou o quê, ele decidiu ser esse antagonista invisível — pois que afinal, Len Mion entendia que representava os “ideais rebeldes”, pretendendo, com isso, fazer com que a “rebelião” continuasse a existir.

Sophia, para poder vir à Terra e comemorar a “vitória sobre os rebeldes”, teria primeiro que liquidá-lo, porque ele não daria folga para que a humanidade pudesse ter tranquilidade, já que, na sua lógica, os humanos eram e sempre foram tão somente massa de manobra para os hábeis e inescrupulosos manipuladores, dentre os quais ele se autoafirmava como sendo o maior.³

Procurando garantir o seu lado, Len Mion influenciou como pôde os imperadores romanos para perseguir os cristãos, e não foram poucos os que foram liquidados pelos motivos e razões mais fúteis, que passaram a atestar a crueza com que os humanos podiam agir em situações prenes de fé, de paixão e, ao mesmo tempo, de frieza e de contundência extremas, no campo da perversidade. Em nome de quê e para quê? Ninguém sabia! Entretanto, “morrer em nome de Jesus”, passou a ser um evento comum por cerca de mais de 1500 anos, sem que jamais atinássemos com o porquê de Len Mion ter inventado esse epíteto para os que eram assassinados constantemente pelas suas manobras.

Quando o cristianismo foi transformado na religião católica adotada pelo império romano, a partir do início do século IV, aí foi que o comando mental de Len Mion reinou soberano em torno das

³ NAT: A disputa, no caso, foi explícita entre Jesus e Javé, mas jamais compreendida no que se refere ao facto de que o Criador enviara um “Messias” que teria que dominar pela força a humanidade, que havia saído do seu controle desde os tempos de Adão e Eva, conforme indicam as escrituras judaicas. Jesus recusou-se a fazer isso do modo como foi profetizado, e por isso pagou o “preço” ao ser crucificado.

Ao ressuscitar, mostrou ter poder superior ao de Javé e mesmo ao de Sophia, mas a condição humana, cuja vida é curtíssima, esvai-se com a morte do corpo animal. E a continuidade do processo que atesta a “vitória da tese de Jesus”, de que os humanos poderiam aprender a amar Javé mesmo se soubessem da “verdade” — a de que Javé desejava a subjugação dos humanos pela força —, será realizada por Sophia (que cedeu o seu DNA pessoal para ser inseminado em Maria), cujo corpo foi engendrado para viver até o final do universo.

manipulações que eram advindas da sua mente já doentia, àquela altura dos factos. Assim, como anteriormente ressaltado, desde a Antiguidade Tardia até ao tempo da Idade Média, Len Mion imperou completamente. Dominando o seio do catolicismo — o que hoje se chama a cúria romana —, ele influenciou a Igreja de tal modo que a mesma cometeu o maior crime contra a humanidade, que perdurou por mais de mil anos, com prejuízos irreversíveis.

O grande e pior mal que a Igreja fez com os seres humanos foi ter assumido para si a posição de conhecedora de tudo o que a ciência e a filosofia sempre procuraram descobrir: a verdade! Assassinando, sempre em nome de “Deus”, os blasfemos filósofos e cientistas de cada época, a atitude criminosa do catolicismo permaneceu com a sua visão obscurantista até o século XVIII, quando ela foi obrigada a abrir mão da postura centralizadora de que somente os padres tinham acesso ao conhecimento. Vejam só!

Com isso, Len Mion, por meio de uns poucos — a quase sempre corrupta cúria romana —, controlou a todos, inclusive, o próprio processo lento da evolução do pensamento e do conhecimento dos seres humanos! A Igreja Católica vende-se como obra do “espírito santo”, seja lá o que possa significar essa criação do Concílio de Nicéia, no ano 325, quando articulou a existência desse terceiro protagonista para poder compor uma tríade, enfim, a sua própria trindade, pois que todas as mitologias da antiguidade possuíam a sua.

Observando-se, porém, o que se passou sob a perspectiva da atuação de Len Mion, percebe-se claramente que ele sempre esteve

por trás das atitudes da cúria romana, desde a escolha de papas à condenação à morte de hereges como Giordano Bruno, mas a infantilidade da teologia católica termina por creditar coisas terríveis à vontade do espírito santo — e os católicos convivem com isso como que se fosse normal.

Acostumado a ser chamado por muitos epítetos, nem sempre agradáveis, o aspeto mais pitoresco dessa triste história teve lugar quando Len Mion movimentava-se para influenciar a escolha de certos papas, ao longo desses dois milénios, e ele mesmo estranhava o tratamento que ele julgava ser, então, a ele atribuído, já que era comum ser dito que o “espírito santo” era quem influenciava os cardeais a escolherem a figura do papa. Ironia à parte, não foram poucas as vezes em que Len Mion, na sua loucura, começava a acreditar que tão despropositada era a fé dos humanos, que o estavam a tratar como “santo”, ainda que, logo depois, atinasse com o absurdo da ideia e a deixasse de lado, para retomá-la em outro momento de fraqueza. O surgimento do islamismo, promovido por um ser *Aya*, que se apresentou a Maomé como sendo o anjo Gabriel atuando em nome do mesmo “Deus Criador” que havia feito pacto com Abraão, Isaac, Jacó, veio refinar ainda mais a loucura de Len Mion.

“Mais uma outra religião para dominar os humanos? Para quê? E promovida pelo mesmo Ser? Afinal, quem era aquele Ser invisível que agia a partir do conglomerado e que jamais apresentava a sua face? Seria o mesmo ao qual Sophia e os seres *Aya* se referiam antes da eclosão da “rebelião”? Contudo, se for, qual o sentido de tantas religiões para dominarem os humanos, e todas elas criadas

por ele mesmo? Pelo menos se fossem “deuses” diferentes, mas era tudo obra de um só Ser!

Qual o sentido daquilo?” — questionava-se Len Mion. *“Pouco importava a resposta”* — pensava ele. Devido à retidão de caráter de Maomé, Len Mion pouco pôde fazer para perturbar a situação planetária. Após a morte do profeta, entretanto, quando surgiram dois segmentos disputando o legado de Maomé, ele voltou a reinar soberano sobre o que os sunitas e xiitas produziram ao longo de 12 séculos, sempre no intuito de prejudicar judeus, cristãos, católicos e, agora, também os muçulmanos, que se diziam submetidos a Alá.

Ao tempo das cruzadas, Len Mion mais parecia um agente do trânsito entre as aglomerações humanas que migravam da Europa para o Oriente, levando desgraça e ocaso a muitas populações e comunidades. O zelo dele residia em não permitir que houvesse clima para Sophia comemorar coisa alguma na Terra, já que o caos nela implantado, havia sido feito pelo tal Ser autoaclamado Criador, cujos seguidores das religiões geradas por ele, matavam-se uns aos outros, dispensando mesmo a atuação gerencial de Len Mion naquele sentido. Ele mesmo se surpreendia como eles brigavam entre si por meras questões de ganância de papas, imperadores, sendo os humanos comuns, simples massa de manobra para os mais espertos.

Quando as nações europeias — Inglaterra, França, Bélgica, Espanha, Portugal, Holanda, dentre outras — começaram a espoliar a África e a América, deixando nações como a Alemanha e a Itália de fora do terrível comércio de bens e, inclusive, de pessoas, Len

Mion viu a perspectiva de gerar um conflito que novamente levasse a humanidade a uma situação caótica. Ao eclodir a Primeira Guerra Mundial, no início do século XX, o caos gerado espalhou-se de tal maneira que não era mais somente a fé, em seja lá o que fosse, que mantinha as pessoas motivadas a levarem adiante as suas vidas.

No meio de toda aquela confusão, ele retomou o uso de um aspecto bastante discreto do passado — porque os seus adeptos temiam o fogo inquisitório — que foi o misticismo, fazendo com que “aquela moda esquecida”, começasse a invadir as sociedades europeias. E foi nesse travestido novo viés da fé das pessoas que Len Mion investiu, ao observar o fluxo de comunicações que um certo grupo de estudo, em Munique, na Alemanha, estava a desenvolver sobre as antigas tradições arianas.

CAPÍTULO 12

Reencontros Impensáveis

O calvário de Jesus foi o mais importante momento da história cósmica, segundo o que atualmente pensamos a partir de *Alt'Lam Gron*. Terminara ali o que restava da "rebelião", que não mais tinha na figura de Yel Luzbel o seu comandante há algum tempo. E como em toda a parte há sempre gente "mais realista do que o rei", rendendo-se Yel Luzbel, o "cabeça da rebelião", não se entregaram outros "rebelados", ou porque acreditaram que a rendição era mera encenação do chefe, ou porque passaram a desprezá-lo por causa do gesto. De todo modo, persistiram, e ao fazê-lo, chegaram a praticar, em termos terrenos, atos ainda mais negativos do que os do seu inspirador — embora não com as repercussões cósmicas do que ele fizera.

Len Mion prosseguiu, assim, liderando as falanges das trevas e influenciando em seus afins, arrebanhando todas as vibrações pesadas e influenciando os baixos estratos existentes na população terrena encarnada e, com o passar dos anos, parcelas da desencarnada. Por um bom tempo esperou a volta de Yel Luzbel ao comando da "rebelião", cuja chefia assumira em caráter interino. Ao ver que a capitulação deste fora sincera, empederniu-se de puro ódio contra o próprio Yel Luzbel e os que desertaram da trilha do equívoco. Passou a considerar a todos esses como "traidores e renegados",

comprazendo em persegui-los com mais força do que àqueles que sempre tinha combatido.

Como já informado, foi ele o “oculto mentor astral” de todo o obscurantismo havido na Terra depois da crucificação de Jesus. Esteve por trás da divisão e da queda do império romano, das violências dos bárbaros, da inquisição e de todas as guerras religiosas da Europa que retalharam o cristianismo. Intrigou reis e papas, envenenou o catolicismo, fomentou divisões étnicas, teve, com os seus asseclas, influência em todas as gigantescas mortandades havidas na Ásia, muitas desconhecidas no Ocidente, e mexeu com os hunos, mongóis, chineses, indianos e japoneses, dentre outros povos da Terra. Utilizou as paixões e vícios da matéria para fazer dos encarnados massa de manobra e bucha de canhão. Desvirtuou a Revolução Francesa, atuou pessoalmente para mudar os rumos — essa, uma das suas grandes vitórias — da obra de Napoleão, o que terminou por muito enfraquecer a nascente “Revelação Espírita”, pois, a partir de então, tudo o que saísse da França era prontamente antipatizado pelo resto da Europa.

Instigou um número absurdo de guerras no século XX, sendo o maior responsável pelos erros das revoluções comunistas, cujo materialismo ideológico facilitou-lhe a atuação vibracional contrária à obra do Mestre. De outra parte, junto ao poder capitalista, o imperialismo económico, o apego ao dinheiro e à competição, a exploração da miséria e a falta de solidariedade social deram-lhe idênticas facilidades. Das sementes venenosas plantadas no fim do século XIX, colheu a Primeira Guerra Mundial e, das consequências desta, fez a Segunda Guerra Mundial, quando reinou soberano

através de títeres como Stalin, Mussolini e Hitler. Por meio deste último, perseguiu, tanto quanto pôde, a judeus e a outros segmentos dos povos terrestres.

Yel Luzbel era um líder, era um “rebelde”, digamos, um “guerrilheiro político” do cosmos, equivocado nos meios, porque lhe faltava a visão dos fins, que avaliou de modo errado, mas jamais foi um bandido ou um ego em busca de poder a qualquer custo. Já Len Mion tornou-se num vulgar chefe de bandidos, um criminoso inveterado que não lutava por nada mais senão por vingança e desespero. Muitas religiões confundiram Satã com Lúcifer, pensando serem o mesmo ente. Nada mais longe da verdade. E a “*Bíblia*”, cujos textos anteriores e posteriores a Jesus misturavam tudo isso com lendas babilônicas de demónios, versões e traduções eivadas de misticismo, identificou-o com o diabo, o mal, o inimigo, um ser irrecuperável, quase tão poderoso como “Deus”, com quem travaria uma luta eterna desde o início dos tempos. Absolutamente ridículo e inapropriado! Isso criou, principalmente no mundo ocidental, um verdadeiro bloqueio para o correto entendimento do tema.

É bom que seja frisado que, ao longo do século XIX, cansado da mediocridade dos “**seres dos portais**”, dos “**Seres do Conglomerado**” e dos humanos condicionados, como também do aspeto simplório das equipas dos seres biológicos que sempre aportavam na Terra, Len Mion fixou os seus olhos em alguns seres humanos muito especiais. Sem que na época entendêssemos muito bem o seu objetivo com “aquele cerco”, pois não sabíamos se era somente por sentir falta dos antigos companheiros Mion, agora

feitos humanos, ou se havia algo mais em sua mente, o facto é que ele acompanhou detalhadamente a produção científica de Nikola Tesla, os postulados filosóficos de Nietzsche, encontrando tempo ainda para, como nós de *Alt'Lam Gron*, estudar os elementos principais da "Revelação Espiritual" que ex-bio-demos da família Val, trabalhando nas duas esferas — dos encarnados e, como posteriormente soubemos, dos desencarnados — cuidavam em produzir. O que pudemos perceber foi que Len Mion tentou atrair Tesla e Nietzsche para os seus objetivos, ainda que não nos tenha sido possível compreender o objetivo da sua pretensão, mas independentemente de qual tenha sido, jamais ele conseguiu.

Das terras da futura Iugoslávia, ele dali retirou uma das suas principais agentes, que foi morar para a Alemanha, e que teria profunda influência sobre as posturas e as opções que um outro agente da sua vontade assumiria na formação da sua personalidade de "Führer".¹

Os caminhos da mente de Len Mion sempre foram muito complicados, mas o foco original do seu psiquismo estava centrado na constante medição que ele fazia a respeito da importância sempre renovada da fé judaica na vinda do tal "Messias" que transformaria a Terra num planeta dominado pelo império do

¹ NAT: Na época em que Val Eno referiu-se a esse personagem, que me era desconhecido, ele apenas apontou que era uma das mulheres que servira de médium numa sociedade de estudos que mantinha contato com seres situados além do contexto terreno, a qual Hitler conheceu e deixou-se influenciar profundamente pelo teor das mensagens que a mesma recebeu ao longo dos anos durante os quais ocorreram tais reuniões. Mais tarde, vim a saber das notícias que serão reproduzidas na segunda parte do presente livro.

“primeiro povo escolhido” pelo “Deus bíblico” para devolver a ele o controle da humanidade.

Dado que os judeus jamais aceitaram a figura do Jesus crucificado, derrotado, como sendo a do “Messias poderoso” anunciado pelos seus profetas, eles continuaram a esperar a vinda dele. Enquanto isso, Len Mion mapeava os eventos e possibilidades intrigantes que o podiam perturbar, sendo o tal “Messias” judaico, ainda por vir, o que mais o preocupava.

“Jesus recusara-se a cumprir com o tal papel, porém ele produziria um psiquismo humano que assumiria essa função, só que para ele próprio exercer o controle sobre a Terra, e não o “Deus bíblico” que, mais tarde, escolheu os arianos, quando se revelou como Brahma, depois os árabes, quando se apresentou como Alá e, então, largou esses povos que tiveram que cuidar, por si mesmos, das suas destinações. Ele não faria isso! Seria, agora, a vez dos alemães que já haviam sido largados lá atrás, na origem da raiz do povo ariano.” — pensava Len Mion.

Naqueles dias do início do século XX, quando um grupo de estudos, na cidade Munique, procurava resgatar a importância das antigas tradições arianas, como se para levantar o ânimo alemão, que se encontrava profundamente abalado pela derrota na Primeira Guerra Mundial, Len Mion montou um “laboratório mental” sobre a porção do território que, depois do final da Segunda Guerra, viria a ser a antiga Iugoslávia. De lá, ele preparou um grupo de mulheres cujo padrão medianímico situava-se muito acima da média

disponível dentre os humanos, e pôs em funcionamento o seu plano de, através da Alemanha, dominar o mundo.

Para tanto, inclusive, usou da ambição pouco refletida de uma das raças extraterrenas que, ingénuo no seu modo de pensar e de avaliar os factos, deixou-se também iludir pelas artimanhas de Len Mion — que ludibriava facilmente extraterrestres, humanos e, com o tempo, também entes etéreos (espíritos desencarnados). Como ele vigiava de perto o fluxo de notícias e os acontecimentos em torno dos povos judaico e alemão/ariano, dentre outros, **quando Len Mion descobriu, por volta dos anos 1921 e 1922, um jovem que frequentava um determinado círculo de médiuns e astrólogos em Munique, nele percebeu um antigo irmão seu da família Mion, cujo padrão genético biodemo lhe era muito próximo** em termos de semelhança, e que já ostentava um preocupante currículo de encarnações humanas. Naquela época, já sofrendo a influência das “mensagens telepáticas” recebidas por algumas médiuns, esse ex-Mion bradava por uma Alemanha que assumisse a sua função de redentora e de controladora da humanidade.

Len Mion fixou definitivamente naquele jovem a sua intenção de usá-lo como instrumento para uma estratégia que viria a cobrir a vida planetária de choque, terror e desgraça. Ao mesmo tempo em que tais coisas aconteciam na Alemanha, na Turquia um outro estranho grupo, algo eclético — composto por alguns poucos turcos, mas principalmente por eslavos dentre os quais destacavam-se alguns iniciados russos —, acreditava estar se contatando com o

“governo oculto” do mundo, cujo dirigente e comandante maior era um ser denominado “Thule”.

Devido às questões linguísticas, uma outra estratégia da sua parte estava por trás dessas reuniões, pois “Thule” não era outra entidade senão o próprio Len Mion preparando o seu cerco. Quando o barão Rudolf Von Sebottendorff, em viagem à Turquia, entrou em contato com aquele grupo, incorporou os conceitos ali veiculados, e levou consigo, para a Alemanha, a ideia de criar a “Sociedade Thule”, que estudaria, dentre outras coisas, o teor das mensagens da entidade “Thule”, que se dizia um ser cuja raiz estava vinculada aos povos hiperbóreos, dos quais os arianos haviam se originado.²

Por trás da “Sociedade Thule”, estava uma linha temporal que envolvia a desconhecida história do Tibete, da Anatólia e da raiz ariana que, então, precisavam ser estudadas à luz da missão que, nas reuniões em que participou, o jovem Hitler começou a perceber que “pertencia à Alemanha”. Entretanto, que missão era aquela, a qual “Thule”, o “Senhor do Governo Oculto”, apontava como sendo a que a Alemanha deveria assumir?

Como já ressaltado, era a de fazer o que Jesus não fez, ou seja, dominar o mundo para que o “Senhor do Mundo” pudesse exercer o seu poder sobre os humanos, só que o “Senhor do Mundo” seria Len Mion, e não mais o “Deus dos Judeus”. Na sua mente doentia,

² NAT: O barão Rudolf Von Sebottendorff fundou, em 1918, a “Sociedade Thule”, um grupo de estudos da antiguidade germânica que buscava recuperar os cânones da ciência perdida, referidos nas mensagens mediúnicas. O barão conviveu com os iniciados russos que se referiam ao “senhor do mundo” como sendo “Thule” — o suposto “governo oculto” do mundo dos hiperbóreos arianos.

Len Mion tão somente pensava em termos de **manter a Terra como sendo a última trincheira da “rebelião” contra Sophia, os seres Aya e o “Deus bíblico”**, que deveria ser o tal “Deus desconhecido” — contra o qual Yel Luzbel se posicionara — dos tempos da “rebelião” no sistema da estrela Capela.

Lá, entre as mais de duas centenas de milhares de seres biodemos e de outros géneros, aquele Ente jamais se apresentara, mas na Terra, cerca de 700 mil anos depois do acontecido, quando os humanos surgiram, o tal Ser, junto com a sua assessoria e de algum modo vinculado a Sophia — assim ele pensava — apresentou-se como sendo o “Criador” dos céus e da Terra e de tudo o que existia e, de modo estranho, passou a “escolher” povos e a “eleger” humanos entre eles, para fazer cumprir os seus desígnios.

A “Sociedade Vrill”, surgida no início do século XX, veio ser a base sobre a qual foi fundada a “Sociedade Thule”. Mais tarde, quando o nazismo emergiu das ideias surgidas nos estudos em torno da “Sociedade Thule”, o castelo de Wewelsburg, sob o comando do chefe da SS Heinrich Himmler, foi transformado em laboratório de fenómenos do campo da paranormalidade. Quem frequentava o castelo era a médium vidente e psicógrafa Maria Orsic, integrante da “Sociedade Vrill”, pessoa próxima a Hitler, que recebia mensagens de extraterrestres. Maria Orsic e as demais “vrillingers” — porque oriundas da antiga “Sociedade Vrill” — definiram o rumo de muita coisa no psiquismo de Hitler, sem a tanto terem pretendido. Todavia, a mente de Len Mion por trás de todo aquele processo, produzia notícias e mensagens que Hitler percebia

como “música divina”. Para Hitler, aquelas mensagens eram o anúncio da sua “missão divina”, já que estava a ser anunciada para ele como havia sido para outros “escolhidos” do passado. Tudo, porém, tornou-se ainda mais sombrio quando ele passou a escutar “uma voz” que lhe dava ordens!³

Conforme um dia será melhor compreendido, a “voz” que Hitler pensava ser do “Senhor do Mundo” ou “Thule”, influenciou o seu psiquismo afetado de maneira decisiva em praticamente todos os vislumbres e projetos de grandeza que ele projetou sobre a humanidade, enfim, na loucura típica de um psicopata, com mania de ostentação.

Pelo que pudemos registrar na época, jamais constatámos uma sequência genética qualquer de constrangimento, de reflexão sobre a desgraça que as suas atitudes estavam a provocar para os seus semelhantes, fosse da parte de Hitler como também — e esse aspecto era o que mais chocava ao nosso acompanhamento — de muitos, sim, muitos dos seus auxiliares alemães diretos. Talvez, o que faça os animais psíquicos racionalizados da espécie terráquea se sentirem humanos, estivesse ali sendo rompido na experiência nazista de um modo nunca visto, mesmo em outros casos de megalomania de imperadores e conquistadores do passado.

³ NAT: Quando Val Eno transmitiu-me estas mensagens, tomei nota, mas desconfiando que poderia haver algum equívoco no meu entendimento, e por jamais ter escutado ou tido notícias naquele sentido, deixei o tema de lado, até porque, como já explicado no início da presente trilogia, quando essas notícias me foram veiculadas entre os anos 2002 e 2004, não imaginei que um dia seriam transformadas em livro. Contudo, neste ano de 2018, em que escrevo estas linhas, preparando a edição do terceiro livro da trilogia, tive acesso às notícias, que reproduzirei mais adiante, sobre como Hitler lidava com a “voz” que o guiava.

O singular e diferenciado “modo nazista de ser” era uma “doença” tornada superlativa e sem ressalva ou resguardo de qualquer senso de humanidade para os julgados como indignos de serem humanos, por aquela “mentalidade doentia”. Até hoje, não sabemos quem exagerou, quem ultrapassou uma linha invisível do suportável, se foi Len Mion ou o psiquismo do próprio Hitler e dos que lhe acompanharam na “loucura infecciosa”. Provavelmente todos! Len Mion usou Hitler para destruir o povo judeu, enfraquecê-lo ao máximo, para destruir de vez a possibilidade da vinda do “Messias” à moda judaica, que ele pensava ser Sophia. Enquanto isso, ele mesmo tratou de criar o seu “messias”, utilizando Hitler para tal. Len Mion fez Hitler acreditar piamente que ele era um “messias”, e atuou sobre ele com as cores do **pangermanismo**, que sempre sonhou em reproduzir o predomínio ariano como o principal poder terrestre.

Para além do problema ético, moral, político, e os demais padrões envolvidos na questão, outro aspeto que impressionou a nossa ótica biodemo foi o de que, efetivamente, informações de uma tecnologia extraterrestre, desconhecida até então para os humanos, foi repassada a título de elementos da ciência perdida. Esse aspeto do uso de tecnologia extraterrestre permitiu que espécies extraterrenas, sem qualquer padrão de sensibilidade moral, dessem continuidade aos acordos com governos da desunida espécie humana, por meio dos quais todos procuravam obter vantagens a título de trocas convenientes, sob a perspectiva de cada uma das partes envolvidas.

Até estes tempos, processos desse tipo continuam em curso e, infelizmente, nos mesmos moldes em que os anunnaki (os nephelim bíblicos) tentaram fazer com as etnias humanas no passado, o que não funcionou. Len Mion tão somente imitou o que, anteriormente, foi feito como tentativa de dividir os quadrantes planetários para os antigos clãs desse povo de origem extraterrena, só que agora os governos humanos puderam e podem incrementar uma escala perigosa ao progresso tecnológico, e os grupamentos extraterrenos encontram muita dificuldade em disciplinar e controlar o processo. No nosso entendimento, eles simplesmente não controlam, porém pensam que o fazem.

Pelo que pudemos perceber, por muito pouco, a história não tomou um outro rumo, tanto a de Len Mion como a dos terráqueos, pois, no início dos anos 40, do século XX, se não fosse por uma questão de falta de logística mais apropriada quanto à produção e transporte de certos minérios, os nazistas teriam desenvolvido o armamento atômico antes das demais forças envolvidas.

Se Len Mion e os seus agentes nazistas tivessem obtido esse fator de vantagem estratégica, o “Senhor do Mundo” e o legado do seu “messias alemão” estariam ainda desdobrando-se nos dias atuais de um modo impensável para a lógica terrestre. *“Entretanto, caso tivesse acontecido nesses termos, Sophia teria interferido!”* — alguém poderia pensar. Será? Aqui, mais vale a “sábia esquisitice” de um Winston Churchill em ter percebido, num ser humano algo raquítico, a expressão de uma natureza bestial em ação, e a de qualquer dos muitos soldados heroicos que deram as suas vidas na tentativa de impedi-lo, do que a fé em ajuda de fora, seja de Sophia

ou de “Deus” — independentemente do que se pense a respeito do conceito deste último. É difícil vislumbrar como estaria a vida na Terra, na atualidade, se Len Mion tivesse prevalecido e, com isso, a desconhecida “Rebelião de Yel Luzbel” teria continuidade entre os humanos, só que de maneira mais deformada ainda, pois estaria estabelecida no seio da sua cultura como sendo a razão da vida dos seres humanos.

Difícil de imaginar! Era esse o plano que Len Mion construiu para a espécie *Homo sapiens*, após ter acompanhado todo o dilema simbolizado para o entendimento humano na lógica do casal Adão e Eva sendo expulso do paraíso porque elatornou-se racional. Len Mion trouxe para si a iniciativa, a estratégia e a responsabilidade da influência que ele exerceu sobre Enki, entre os anunnaki, como também sobre Zeus, Prometeu, Epimeteu, Pandora e Pirra, dentre outros “**seres dos portais**”, e sobre a própria Eva, há cerca de 23 mil anos. A somatória desses processos promoveu a condição humana a um padrão de racionalidade, de senso crítico e de emotividade jamais ocorrido em qualquer ser vivo já existente.

Perante os factos, Len Mion assumiu-se como o arquiteto que projetou o ser humano racionalizado, e ele assim o fez para transformá-lo no agente, no mais novo tipo de soldado de uma “rebelião” que, a seus olhos, não poderia jamais fenecer. Possuir artefatos atômicos nas mãos dos seus agentes terrenos, para Len Mion representava a consumação do seu projeto e seu poder de mando. Conforme pensava, seu domínio estaria garantido por milénios.

Novamente, ressalto, como alguém que acompanhou todos esses eventos — sem ter, nas épocas em que os mesmos se deram, a mais remota capacidade de compreender o que estava a passar-se —, que foi por muito pouco, segundo a lógica biodemo, e diria mesmo, devido a “coisas do acaso”, que Len Mion e Hitler não triunfaram. Forças trevosas poderosas e comandadas por uma mente muito mais insana do que a do próprio Hitler agiam, na época desses episódios, sobre pessoas e governos de nações para que outros países não entrassem no conflito, para que Winston Churchill não tivesse tomado as decisões complexas que tomou, para que certos cientistas “acertassem” e “outros” errassem os seus experimentos, como também para que certas forças religiosas apoiassem o Fuhrer na sua pretensa varredura dos “pecadores” da face da Terra.

Sei quão difícil é para este “aparelho humano” transmitir estas notícias, como também para quem as analisa e estuda com o senso crítico comum à lógica humana, mas ninguém, dentre os humanos, faz ideia de como os eventos poderiam ter-se dado caso as estratégias de Len Mion tivessem prevalecido. O avanço tecnológico alemão, verificado entre os anos 1933 e 1945, não é facilmente explicado, ainda mais porque muito do que eles fizeram ainda jaz sob a quota dos segredos militares e de estado. Contudo, o progresso científico verificado nos EUA e na extinta URSS nos anos que se seguiram, e que vieram a ser conhecidos como “guerra fria”, assim se deu porque esses dois centros de poder foram os “herdeiros”, tanto do potencial humano no campo científico quanto no militar, do poder que os nazistas e os cientistas sob o seu comando detinham.

Convencer Hitler de que ele era o “messias verdadeiro”, há muito anunciado, só que teria que ser um “messias violento”, como Jesus o foi por uns poucos instantes, ao expulsar os vendilhões do templo, não foi tarefa difícil para Len Mion, que sempre se aproveitou da lógica distorcida que o seu “fantoche” aplicava às suas análises e aos seus impulsos, sempre de acordo com a “voz”.

Ao ser vencido na guerra, Len Mion estava a perder também, segundo o seu ponto de vista, o controle sobre a sobrevivência dos “postulados rebeldes”, que ele pretendia introduzir no mundo ariano, só que sob o seu controle. Feito um louco e, naquela época, já desprovido de qualquer lógica no campo dos seus projetos, o foco da sua atenção voltou-se completamente para as profecias e vaticínios previstos para a virada do milénio, aspeto que sempre entendera como sendo ele o gestor daqueles dias de transição. Contudo, jamais o foi, pelo menos no âmbito em que sempre atuou ao longo destes últimos dois mil anos.

Enfraquecido, perdendo os seus companheiros de *Shamb-Aha* — que foram fenecendo ou mesmo escondendo-se, procurando fugir da sanha louca e assassina de Len Mion —, ele foi-se isolando e chegou aos anos 80, do século XX, como um “ser endiabrado” que ainda comandava um exército de entes dementados (**NAT: principalmente de espíritos desencarnados e revoltados, prenes de ódio contra tudo e contra todos**), mas já sem um comando central que conseguisse produzir e concatenar planos complexos como o que foi aplicado nos bastidores da Segunda Guerra Mundial.

Como os seus olhos sempre estiveram fixados, por meio do seu “*Big Data*”, ou seja, do seu próprio sistema de controle, nos humanos “escolhidos” para algum tipo de trabalho, foi quando ele percebeu uma concentração de notícias sobre o prometido “retorno de Jesus”, trabalhadas por um “aparelho humano”, no qual ele reconheceu um antigo companheiro da família Val — que, discretamente, estava a colecionar livros e mais livros para serem publicados no futuro —, nele, Len Mion, fixou a sua atenção, até porque percebeu os seres *Aya* e outros próximos ao “escrevente”, que permanecia ignorante em relação a muita coisa que, então, lhe envolvia. Entre os anos 1986 e 1992, Len Mion ficou apropriando-se das notícias que o “aparelho humano” estava a colecionar e a organizar, algumas das quais seriam publicadas a partir do ano de 1996, quando da edição do livro “*Reintegração Cósmica*” e dos demais que se seguiram. Entretanto, ao verificar que Sophia e os seres *Aya* estavam a envolver aquele humano de modo que este preparasse o ambiente, na quota do possível, para o cumprimento da sua promessa de se apresentar ao mundo, Len Mion percebeu-se novamente envolvido com mais um “ardil”, sendo que, então, a vítima era ele, o último dos “rebeldes”! E o “ardil”, no qual ele teria caído, foi o de aproximar-se do ser humano que estava a codificar aqueles panoramas.

Explicando de outro modo, ao perceber a aproximação dos mesmos elementos-chave em torno daquele “aparelho humano”, Len Mion nele focou a sua atenção bem antes que os livros que compunham as primeiras páginas da “*Revelação Cósmica*” viessem a ser publicados.

Ali estavam, desde os últimos quatro anos da penúltima década do século XX, o “conglomerado de realidades” — ao qual este “escrevente”, mais tarde, veio a chamar de “*Brahmaloka*” —, e os sinais da presença discreta dos “seres dos portais”, além da permanente vigilância dos seres *Aya*, dentre outros focos de seres em torno do início das primeiras páginas da “Revelação Cósmica”.

Novamente, a humanidade estava a servir de “meio decifrador e organizador de informações”, no campo da compreensão, para muitas classes de seres. Foi assim, que ao longo dos primeiros anos da década de 90, do século passado, finalmente Len Mion foi aprisionado por uma estratégia espiritual que não temos como explicá-la com propriedade nesta presente existência, seja porque está acima da nossa capacidade de compreensão biodemo, ou mesmo por decisão do “aparelho humano” que teve a obrigação de isso fazer, por achar que tudo passou do limite do suportável e do razoável, no campo dos comentários humanos sobre o aparentemente — pelo menos, por enquanto — incompreensível.

Tudo o que sabemos é que um ex-Mion e um ex-Val, agora vivendo como humanos, foram encarregados de enfraquecer Len Mion, domá-lo, assisti-lo no sentido fraternal, porém com a disciplina necessária ao intento, para que ele pudesse ser recolhido pelos “agentes da espiritualidade” — assim supomos, e assim foi feito, informa-nos o “aparelho humano do qual me utilizo”.

Pelo que nos foi dado perceber, acabou, ali, toda uma insondável etapa existencial na qual um desfalecido Len Mion foi recolhido pelo ser Yel Luzbel, que deixou a sua reclusão voluntária de cerca de

dois mil anos. Yel Luzbel, aproveitando-se do apoio desses dois humanos — um ex-Mion e um ex-Val —, aos quais já conhecia, recolheu nos seus braços o corpo desfigurado de Len Mion, a exemplo do que o “Jesus ressuscitado” havia feito com a sua própria condição pessoal há aproximadamente dois mil anos.

Terminou, assim, a impensável história dos biodemos na Terra? Não, pelo contrário, porque depois de mais de 600 mil anos, nós, de *Alt’Lam Gron*, retomámos o contato com Sophia no ano terrestre de 2017, e recebemos a sua visita em 2018, oportunidade que nos levou e nos leva à percepção de que todo um trabalho de entendimento e de correção de rumos ainda está por começar.

A “Revelação Cósmica”, que ora se inicia, é tão somente uma nova etapa em que o grau de compreensão de todos os seres que possuem o apanágio da razão em alguma condição razoável, precisa crescer em esclarecimento e amadurecimento emocional, de modo a poder lidar com contextos, notícias e aspetos que necessitam ser resgatados do passado esquecido, visando à reconstrução do presente.

Como os humanos, também estamos — todos nós e muitas outras espécies cósmicas —, ignorantes quanto a muitas coisas sobre as quais precisamos ainda aprender, analisar e construir a necessária postura psíquica para poder lidar com os panoramas da existência que somos todos obrigados a vivenciar, seja isso agradável ou não de se perceber. Assim, despeço-me dos meus irmãos e irmãs humanos, alguns dos quais já velhos conhecidos, sendo que, nestes tempos, neles, sou obrigado a ver o quanto nós,

de *Alt'Lam Gron*, ainda não fizemos, pois, aqui instalados e levando a vida como nos é possível, olhamos para os "verdadeiros heróis e heroínas" desta história, estimando até quando eles suportarão carregar, sobre seus próprios ombros, o peso dos equívocos que não foram por eles promovidos.

Que os responsáveis por todo este enredo assumam o que lhes for próprio, em termos de obrigação moral, e isso escrevo através do "humano que me dá o inestimável suporte", terminando de pôr os meus olhos nos de Sophia, e como dois seres biodemos que ainda somos, entrego-lhe, no meu silêncio, a responsabilidade pelos dias que virão, que não poderão mesmo existir sem o seu concurso, sem que ele também aja e atue, orientando e apoiando os "herdeiros" de todo este triste roteiro existencial, que são vocês, os humanos terráqueos, e que ainda são mantidos ignorantes em relação ao que efetivamente representam nesta história.

Todos nós precisamos pedir desculpas aos seres humanos terráqueos, e penso ser imperioso que, um dia, Sophia o faça pessoalmente.

PARTE DOIS

Comentários de Jan Val Ellam

COMENTÁRIO 1

O Oculto Revela-se

Por cerca de 11 anos, mantive os arquivos com os apontamentos das notícias que Val Eno me forneceu sobre a esquecida “Rebelião de Lúcifer”, sem nunca ter passado pela minha mente que, um dia, teria que publicá-las. Jamais pensei em organizá-las, quanto mais verificá-las em relação a algum vestígio histórico, e o tempo passou-se sem que eu valorizasse aquelas informações, ainda que vinculadas a um dos mais significantes acontecimentos da minha vida, que ocorreu em *Land’s End*, na Grã-Bretanha.

Por que, novamente, ressalto esta questão? Porque devo ter mais de uma centena de informações tão interessantes ou mesmo importantes quanto estas, e sou obrigado a constatar que jamais as transformarei em livros. As que vieram a compor as páginas da trilogia “*Terra Atlantis*”, somente as atualizei por insistência do ser extraterrestre Val Eno, que de muitas maneiras procurou mostrar-me como seria importante desenvolvê-las pois, caso não o fizesse, as mesmas continuariam perdidas, esquecidas, e os eventos, ainda por ocorrerem, não seriam devidamente compreendidos pelos terráqueos quando os mesmos se dessem.

O que acho interessante, e mesmo peculiar, é que, ao longo dos anos, tenho escutado o mesmo padrão de solicitação e de reflexão

a respeito de outros conjuntos temáticos que tenho colecionado e, sobre os quais, tenho certeza, nada será feito por mim no sentido de transformá-los em livros. Um ou outro, tenho transformado em palestras para que algo dos mesmos possa ficar registado em alguns institutos de estudos que tenho tentado produzir justamente para esse fim.

As notícias que Val Eno me repassou, compunham apenas um desses focos informativos e, como nos demais, eu logo assimilo parte do conjunto desses dados, e mesmo busco estudá-los no sentido de verificar se não estou a estragar o tema com algum grau de interferência da minha parte no campo da compreensão primária ou mesmo equivocada e distante dos padrões científicos que sempre procuro utilizar, na medida do possível, para ancorar as informações que me vejo obrigado a revelar. Resgatar temas perdidos e ocultos, seja pelas brumas do tempo ou mesmo porque sobre eles algo de misterioso foi imposto pelas forças em contenda, é tarefa para a qual não me preparei, nem muito menos tinha qualquer relação com a minha vida profissional, que a todo custo sempre tentei levar adiante para poder, de algum modo, sustentarme perante a criminosa invasão que os seres *Aya* e a Entidade a quem dizem obedecer, Javé, introduziram na minha presente existência.

Esforcei-me para não sentir nojo dessa escória que se pretende divina, na tentativa de intimidar-me, de impressionar-me, como sempre fizeram com outros humanos, no passado. Como estes factos deram-se após o primeiro contato mantido com Val Eno, pude perceber o diferente padrão de conduta e de postura entre ele e os

da “coreografia celestial”, que não apresentam o menor critério de respeito pela criatura humana. Ainda assim, assustava-me um pouco — o confesso — o último aspeto das notícias de Val Eno sobre o elo entre Len Mion e Hitler, o que corresponderia ao “final da trilogia”, aspeto do qual sempre procurei fugir, porque, à exceção de Val Eno, os demais personagens eram-me profundamente desagradáveis. Além do que, eu já havia mesmo construído a minha quota de inevitáveis preconceitos em relação a todos eles, notadamente a Hitler e a Javé, por questões obviamente bem distintas.

Para piorar o contexto informativo, Val Eno explicou-me, com o máximo de informações que dispunha, sobre de que modo Len Mion utilizou-se de Hitler para usar a humanidade como massa de manobra para os seus objetivos. Entretanto, do meu lado, o problema foi que, ao saber dessas notícias, uma outra fonte informativa — que repousava em um certo nível de espiritualidade pouco comum para os que pensam conhecer o mundo espiritual, e muito em determinados padrões da “cultura demodhármica”¹, mostrava-me que, do mesmo modo que Len Mion fez com Hitler, a partir de um certo momento daquela empreitada, quando Javé pensou que Hitler sairia vitorioso por meio de um acordo que a Inglaterra quase assinou com o Fuhrer, ele, Javé, passou a tentar utilizar-se de Len Mion e de Hitler para colher, no final, o sempre pretendido controle sobre os humanos terrestres, posto que esse, sim, foi e é o tema central de um enredo que nos é desconhecido.

¹ NAT: aspeto mais moderno da cultura dos “Seres do Conglomerado” e dos “seres dos portais”, a qual foi-me dado ter acesso.

Sem qualquer preocupação de ordem ética ou mesmo algum escrúpulo, por discreto que pudesse ser, nenhum desses seres jamais se preocupou com a condição humana, e desconfio que Sophia também não se importava, até ter-se feito o homem Jesus. Como o presumível leitor destas linhas pode perceber, porém, o assunto assume-se como extremamente difícil de ser abordado sem um mínimo de possibilidade de se errar na empreitada e de ser injusto, conseguindo, ainda assim, repassar algo de útil para os meus irmãos e irmãs de jornada terrena. “*O que ganho em fazer isto?*” — foi algo que sempre me perguntei, e para o qual sempre tive resposta pronta na ponta da língua. Ainda assim, levado pelo conjunto de circunstâncias, lamentando pela humanidade, pelos meus afetos, e vendo o sofrimento de todos os agentes do processo, mesmo daqueles a quem não consigo direcionar a quota de respeito que gostaria, ainda que endeusados, alguns, e outros, demonizados pelo mundo, lá seguia eu, me deixando levar, procurando compor o esclarecimento possível, o nível de compreensão mais madura, ainda que desagradável, que alguém nas minhas condições e circunstâncias podia produzir.

Assim foi também no caso da figura de Hitler e de outros seres humanos que o auxiliaram na loucura superlativa cometida contra a humanidade. Uma vez que não pretendo estender esta história e produzir mais livros sobre a “temática rebelde”, decidi compor esta segunda parte para este livro “*Era Sapiens*”, visando atualizar notícias sobre os personagens citados no capítulo 12, mas também sobre o próprio Yel Luzbel.

Conforme já explicado, diferente de todos os capítulos anteriores desta trilogia, este foi escrito quando a obra, como um todo, já se encontrava finalizada, e é a partir desse ponto que o “escrevente terreno” assume o leme da narrativa. Apenas para recordar, todos eles foram produzidos entre os anos 2002 e 2004, tendo a correção e editoração dos mesmos — após a decisão de divulgar a trilogia que surgiu, praticamente, junto com o pedido de Val Eno para que a publicação fosse feita — ocorrido ao longo dos anos 2016, 2017 e 2018.

Para a surpresa deste “escrevente terreno”, no final do ano de 2017, o próprio Val Eno encaminhou-me uma **“solicitação de contato” vindo da parte de Yel Luzbel** que, finalmente, resolvera pronunciar-se via “Processador Val”. Yel Luzbel não queria “trocar informações com os biodemos de *Alt’Lam Gron*”, mas tão somente saber da possibilidade de se comunicar com consciências Val e Yel que estivessem submetidas à condição humana. Estranhei, mas como neste enredo tudo é mesmo muito inusitado, deixei a vida andar enquanto o centro da minha gravidade espiritual, ou seja, o meu ego humano se encontrava parado há um bom tempo, pois dera a vida como concluída já há alguns anos. Movimento, para mim, era somente a sensação do desdobramento do inevitável impulso de um corpo que já vinha se deslocando, mas não o seu ímpeto interior, que estupefato ao extremo, ainda que em equilíbrio consigo mesmo, preferia não ter mais que fazer nada em termos de busca e de reflexão, como se me esforçando apenas para dar conta do até então acumulado.

Escrevia, proferia palestras, viajava, numa aparente movimentação, porém o “meu eu” não saia do lugar. Por que digo isso? Porque, por alguns momentos, eu e Yel Luzbel entrámos em ressonância, mas como ele disse na última vez: *“não há nada que eu possa expressar que não piore a sua situação e desconfio que da sua parte para comigo o mesmo se dá”*. Isso implicava que era melhor, no nosso caso, não conversarmos. Entretanto, ele precisa “conversar com humanos”, penso, mas não serei eu o seu cúmplice desta hora.

Ambos estamos esgotados e o peso de descortinarmos a verdade desagradabilíssima por trás da realidade, parece ter fixado tanto o “eu” dele quanto o meu numa “cela de horrores”, onde o penar alheio sorri a toda hora, como se nada de trágico estivesse a acontecer além da “ilha da nossa vidinha”, ainda que o sofrimento grasse a cada segundo, onde vida existir. **Eu, ele e mais alguns poucos, desgraçadamente descobrimos isso, e todos os deuses, heróis, santos e demónios faliram perante a nossa sensibilidade, numa desconstituição de ídolos que faria inveja ao grande Nietzsche.**

No que toca a este universo e à vida que nele existe, descobrir a verdade por trás do seu código-fonte original, gerador desta faixa de realidade, faz um mal terrível à ingénua natureza humana e, ao que me parece, também à dos seres biodemos, que é mais ingénua ainda. O silêncio entre nós, ainda que sabendo da parceria mental, parece constituir-se na cumplicidade máxima entre dois seres condenados a jamais esquecer, daí ser tão difícil aprofundar a abordagem em torno de uma ex-consciência biodemo que se tornou

humana, sendo a sua última encarnação exatamente a que ele ficou conhecido como Hitler.

Como já explicado pelo próprio Val Eno, as informações que ele me repassava sobre o jeito de ser de Hitler, eram-me profundamente difíceis de serem avaliadas, por ausência de fonte histórica ou mesmo de conhecimento prévio da minha parte sobre o tema. Nunca gostei de estudar figuras como Hitler, Stalin, Mao Tse Tung e Fidel Castro, enfim, pessoas que começam como heroicas “soluções” para os problemas das sociedades das suas épocas, mas transformam-se em monstros piores que aqueles que um dia pretenderam combater. E como a monstruosidade tem muitas faces, algumas destas enganam muita gente por muito tempo, que os elevam à categoria de heróis, quando são somente corruptos e criminosos. Todavia, no ano 2018, no qual decidi livrar-me da pressão para terminar e publicar o presente livro que finaliza a trilogia “*Terra Atlantis*”, praticamente fui atirado para dentro de uma livraria e, ali, defrontei-me com a edição em português do livro “*A Mente de Adolf Hitler*”, de Walter Langer¹.

Abri numa página a esmo e, ao folhear as próximas, os meus olhos fixaram-se numa determinada frase de Hitler, dita aos auxiliares mais chegados, que ele somente agiria quando “a voz” o orientasse. Foi estonteante ler o que havia escutado de Val Eno, sem lhe dar muito crédito ou importância na época das revelações em torno da pessoa de Hitler que, segundo ele, era mais uma ex-consciência biodemo — da família Mion, o seguinte em engendramento após Len Mion, cujo nome era Lehil Mion —, então

mergulhada no ciclo das reencarnações que caracterizam o lento progresso humano.

Muito do que ouvi de Val Eno — nem tudo — ali estava descrito. Por isso, para bem enfatizar o tema central do último capítulo narrado por ele — o capítulo 12, do presente livro —, tomei a decisão de reproduzir algumas das partes da publicação “*A Mente de Adolf Hitler*”, que julgo as mais reveladoras. Além do que, esse livro lançado desde 1972, mas que somente teve a sua primeira tradução para o português no ano de 2018, tem uma importância histórica significativa. Mais que um livro, o mesmo é, na verdade, um relatório escrito por Langer, como bem o explica Eurípedes Alcântara, no seu prefácio:

“Vencer a guerra contra a Alemanha o mais rápido possível era o único grande objetivo quando Walter C. Langer foi comissionado pelos Aliados, em 1943, para fazer um mergulho na mente de Adolf Hitler. Ele desincumbiu-se com brilho da missão que lhe foi dada pelo Escritório de Serviços Estratégicos, a OSS, órgão de inteligência dos Estados Unidos, antecessor à CIA. O também psicólogo William Langer, irmão do autor, avaliou que o estudo psicológico de Hitler foi um esforço pioneiro de aplicação das descobertas da psicologia moderna, não a uma figura histórica distante, mas a uma que estava muitíssimo viva e ativamente empenhada em fazer história.

Walter Langer foi contratado pessoalmente pelo chefe da OSS, o general William Donovan, que nutria especial interesse pelas potencialidades do uso bélico da psicologia (...). Donovan podia ser

excêntrico, mas não era estúpido. Isso fica demonstrado com o sucesso do comissionamento de Walter Langer para “ler a mente de Hitler” e, dois anos mais tarde, com a insistência do general em submeter a testes psicológicos os integrantes do alto-comando nazista, acusados de crimes contra a humanidade no Julgamento de Nuremberg. Realizado entre 20 de novembro de 1945 e 1º de outubro de 1946, o tribunal julgou 24 líderes políticos e militares de alta patente do Terceiro Reich. Doze foram condenados à morte por enforcamento. Três receberam pena de confinamento perpétuo, e quatro, penas entre vinte e dez anos de prisão. Três foram absolvidos. Dois tiveram os seus julgamentos cancelados (...).

Ao contrário de Walter Langer, que trabalhou sem amarras, os psicólogos e psiquiatras encarregados de analisar os acusados em Nuremberg sofreram forte pressão para não classificarem nenhum paciente como louco. Para efeito de propaganda, seria um desastre os Aliados terem derrotado um hospício, e não uma fria, cruel e eficiente máquina de guerra (...).

Quando Walter Langer morreu, em 1981, o quadro mental que pintou de Hitler já havia se tornado um clássico da abordagem psicológica — e também um testemunho dos seus limites quando o paciente não pode ser analisado pessoalmente no divã. Langer conversou com quase uma dezena de pessoas fora da Alemanha que, antes, haviam convivido com Hitler em diversas fases da sua vida. No diagnóstico feito por Langer, o Fuhrer é descrito como “provavelmente psicopata neurótico, beirando a esquizofrenia”.

A análise de Walter Langer foi avaliada pelo comando Aliado como fonte valiosa de informações para que se pudesse tentar antecipar ações do líder nazista, especialmente quando ele se encontrava sob forte pressão dos acontecimentos. Atribui-se ao estudo do psicólogo o acerto na previsão Aliada de que a mente neurótica de Hitler o conduziria ao isolamento crescente na medida em que a maré da guerra se voltasse contra a Alemanha e, por fim, ao suicídio, o que de facto ocorreu. Langer anteviu que generais profissionalmente mais capazes e menos ideológicos, portanto, potencialmente mais críticos de Hitler, seriam afastados das decisões militares e que não seria surpresa se tentassem articular um golpe contra ele. Em 20 de julho de 1944, o general Clauss von Stauffenberg conseguiu detonar uma bomba na sala de guerra do Wolfsschanze, uma das “tocas do lobo”, nome-código dos refúgios secretos do alto comando nazista, na antiga Prússia Oriental, hoje parte da Polónia. Protegido pelo espesso tampo de madeira da mesa sob a qual Von Stauffenberg deixou a sua pasta de mão com a bomba e o detonador por tempo, o Fuhrer teve apenas o tímpano direito perfurado, sobrevivendo sem maiores sequelas às ondas de choque da explosão.”

Para os que tentaram colocar a figura de Hitler como sendo alguém irrefletido, maluco, que não sabia o que estava a fazer, dentre outros panoramas, Eurípedes Alcântara diz-nos, ainda, no seu prefácio:

“O Fuhrer era perverso, paranoico, “quase esquizofrénico”, mas tinha perfeita consciência do mal que a sua máquina de ódio estava a produzir. A conclusão semelhante chegaram os médicos

pesquisadores do Royal College of Edinburgh, na Escócia, autores da mais completa investigação científica sobre as drogas que o médico particular de Hitler, o famoso dr. Theodor Morell, ministrava oral, localmente ou injetava todos os dias no organismo do seu paciente. Hitler usava regularmente um colírio de cocaína, tomava injeções de anfetamina, testosterona, estradiol e corticosteroides. Com regularidade recebia glicose em soro e um “preparado exclusivo” em que o dr. Morell misturava doses terapêuticas de estriçnina, atropina, extrato de vesícula seminal e vitaminas. Morell registou cuidadosamente as drogas e dosagens, mas nunca especificou ao certo que doenças estava a tratar — nem se o paciente estava ciente do que tomava ou mesmo se prescrevia cumprindo ordens do próprio Hitler. Na parte final do estudo, em que discutem as implicações do tratamento de Morell, os médicos do Royal College of Edinburgh afirmam que os coquetéis químicos heterodoxos podem ter piorado o estado mental e até a personalidade de Hitler (exigente, inseguro, despótico e hipocondríaco), mas isso não explica o fenómeno nazista em toda sua crua brutalidade: historiadores, psicólogos e psiquiatras ainda discutem e, provavelmente, vão continuar a debater para sempre, por que Hitler fez o que fez.”

Ainda referindo-me ao prefácio do livro de Langer, Eurípedes Alcântara questiona-se sobre “se a história é feita por pessoas ou se elas são meras transmissoras de energias que, de uma maneira ou de outra, fariam sentir a sua força transformadora. Por outras palavras, basta tirar o homem da equação para que determinado fenómeno deixe de ocorrer ou se dá justamente o oposto, pois,

mesmo subtraindo o protagonista da cena, as rodas da história continuam a girar na mesma direção e com o mesmo ímpeto?”

O precioso questionamento do prefaciador abre uma porta, na verdade, um portal para uma multiplicidade de opções que, conforme penso, jamais o modo clássico do pensar humano conseguirá abordar em toda a sua plenitude, quando da análise de como seria o mundo se tal personagem, se tal facto, se tal circunstância, no singular e no plural — no campo probabilístico — não viesse a compor a realidade.

Segundo Val Eno e a tecnologia que a ciência biodemo dispõe, ainda que ressaltando o altíssimo grau de complexidade de um psiquismo humano, o que existe parece ser uma ligação desconhecida, tanto para humanos como para biodemos, entre as também desconhecidas **egrégoras coletivas e as de certos indivíduos que as personificam de modo único**. Por força das circunstâncias, terei que produzir alguns livros cujos temas abordam a “revolta dos elétrons” (“*A Rebelião dos Elétrons e o Código de Vida do Criador*”, já publicado), e as egrégoras (“*Universo das Egrégoras*”, ainda por ser editado). Esse aspeto das minhas vivências com contextos situados um pouco ou muito mais além do que julgamos ser a nossa realidade, tem-me permitido compreender a existência dessas energias coletivas “quase-condensadas” como se fossem “entidades autónomas”, mas “densamente entrelaçadas” e vinculadas com as pessoas que as sustentam e que também delas se alimentam. Além dessas coletivas, existem as de ordem individual e, ainda, as de pequenos grupos que mal conseguem sobreviver nesse “universo” que existe

subjacente ao nosso e do qual dependemos, pois, as tais **“egrégoras-entidades”, terminam por “exigir” uma personificação sua entre os membros da espécie que a criaram e a sustentam.**

A “Revelação Cósmica”, nos termos da decifração que agora ocorre, é uma “egrégora jovem”, um dia solitariamente edificada numa madrugada qualquer da vida. Agora, ela começa a tomar vulto, não em termos de quantidade vibratória, no sentido de se tornar uma “egrégora-entidade”, mas sim, no da qualidade da energia ressonante com a busca da compreensão da verdade e do equilíbrio psíquico, para que isso possa ser feito sem gerar mais “egrégoras-monstros”. **Hitler e outros, foram estrategicamente adotados por egrégoras geradas lá atrás, no tempo histórico,** em que a sua própria consciência espiritual, então reencarnada, já cuidava delas — muito provavelmente sob os auspícios de Len Mion que, de *Shamb-Aha*, há muito vinha a preparar o ambiente planetário para o exercício da sua dominação.

Continuemos, porém, com a conclusão de Eurípedes Alcântara do prefácio do livro de Langer:

“O trabalho de Walter Langer mostra que, continua impossível chegar-se perto de uma explicação abrangente e conclusiva para todos os enigmas do papel do individualismo na história coletiva das sociedades, aprende-se muito com o estudo da personalidade dos “parteiros da história”, o conceito que diferenciou fundamentalmente o leninismo do marxismo ortodoxo. Lenin viu a necessidade de formar uma elite de indivíduos “revolucionários

profissionais”, encarregados de fazer a história acontecer, de produzir a faísca detonadora dos processos revolucionários. Lenin deu o nome de “Iskra” (faísca em russo) ao jornal que fundou, no exílio, para fomentar a insurgência. A manipulação das massas, central nas táticas do nazismo e do leninismo, funcionou para esses movimentos graças à conformação mental, em suas raízes mais profundas essencialmente religiosas, comum aos seus idealizadores. Foi fundamental a imposição, tanto na Rússia quanto na Alemanha, do conceito de “Führerprinzip”, o guia sábio, salvador da pátria, infalível, incontestável, cuja palavra paira acima de qualquer lei escrita, tradição ou costume. Lenin, Trótski e Hitler falavam às massas como os únicos intérpretes da verdade revelada.

A teoria marxista estabelece que o comunismo ocorre na fase final do capitalismo. Sendo assim, a Rússia teria que primeiro superar o feudalismo e tornar-se capitalista para, em seguida, marchar rumo ao comunismo. Contrariando a teoria, a elite leninista fez, em 1917, na Rússia czarista, a primeira revolução socialista da história. Se Lenin nunca tivesse surgido, os revolucionários russos muito provavelmente teriam conseguido livrar-se da dinastia Romanov. Mas sem Lenin e o leninismo, o mais certo é que, como pregava George Plekhanov, “pai do marxismo na Rússia”, os insurgentes tivessem parado por ali mesmo. Tapando os narizes, teriam instalado, no lugar da tirania feudal, uma democracia burguesa, sob a qual esperariam pacientemente que o capitalismo se esgotasse como inevitável etapa histórica, só então criando as condições materiais necessárias para a instalação do comunismo. Lenin decidiu não esperar.

Sem Hitler, o nazismo poderia muito bem ter alcançado posição política relevante na Alemanha. Mas é impossível imaginar o louco Rudolf Hess, o arrogante Hermann Goring ou mesmo o fanático Joseph Goebbels mesmerizando as massas com a mesma eficiência de Adolf Hitler, cuja mente este livro oferece-nos de bandeja.”

Fiz questão de reproduzir todos estes comentários a respeito do livro de Langer, constantes no prefácio do mesmo, para demonstrar a importância que o seu relatório sobre Hitler passou a ter entre os estudiosos, historiógrafos e, acima de tudo, estrategistas militares que trabalham com o vislumbre do que o outro lado pode vir a fazer, devido ao tipo de processo decisório que cada ditador ostenta, dentre outros aspetos que muito importam às nações e às forças poderosas que nos governam, ainda que não saibamos.

Segundo o que se percebe das opiniões de Hitler — expressas no seu livro *Mein Kampf* (“*Minha Luta*”) e colhidas de comentários e discursos diversos que ficaram devidamente registrados —, “*o mundo só pode ser dominado pelo medo*”.

O “Deus bíblico” Javé, o “Deus do Alcorão”, Alá, dois nomes e/ou epítetos de uma mesma Entidade, não poderia ter melhor instrumento para fazer valer o seu método de lidar com os humanos, do que Hitler e outros ditadores que parecem ter dele herdado a cópia exata da sequência de DNA que opera no sentido da semeadura do medo e do terror como modo de controle. Afinal, os seguidores e fiéis desse “Deus”, sejam os judeus ou os islâmicos — para ficar apenas nesses dois contextos religiosos — o temem, e

nisso veem o poder da fé submissa, que ostentam como sendo o que de melhor pode um ser humano fazer consigo mesmo.

De tanto ver exemplos em tudo o que observou, na sua vida de biodemo e, em especial, após o surgimento dos humanos, Len Mion superou a qualquer “deus” especialista na matéria, ou a qualquer um dos seus instrumentos de dominação humana que esse Ser sempre fez existir entre os terráqueos, e o fez com tal eficácia que tomou a cena de tudo o que se passou no palco planetário terreno, pois, realmente, foi ele o diretor e roteirista dos rumos que a vida humana e a sua complexa organização social tomaram naquilo que entendemos como sendo a história, em especial a destes últimos dois mil anos, como já referido.

O **terror** instaurado (por ordem desse “pretensso Deus”) e instalado (por força da determinação genética que os terráqueos herdaram) na vida humana e na própria natureza — que fazem dos organismos que nasceram para serem as vítimas dos predadores, um dos quadros mais absurdos, mas que a nossa lógica se acostumou e passou a achar normal e mesmo de origem divina —, depõe contra qualquer origem de decência, de dignidade e mesmo de divino ou perfeito na vida que levamos. Afinal, esta parece ser uma situação existencial em que somente os mais astutos, os mais fortes, os poderosos, os predadores, enfim, os mais corruptos e criminosos é que prevalecem.

Len Mion e Hitler, dentre outros, tão somente perceberam que essa é a regra do “jogo da vida”, e dela se utilizaram sem nenhum tipo de escrúpulo. Estranho não? Entretanto, para quem? Quem,

dentre os humanos, tem olhos para perceber esse aspeto que nem sequer se encontra disfarçado na cultura religiosa do mundo, pois o tal Ser, que se pretende “Deus e Criador”, assim se apresenta nos livros, que o reportam como ele é, sem fingimentos! O terrível, aqui, é que, conforme penso, Hitler superou o seu mestre Len Mion, e este superou ainda mais o tal “Deus desconhecido”, contra o qual ele e Yel Luzbel se rebelaram lá atrás, num tempo em que sequer o ser humano existia.

O curioso é que vivemos aclamando como “deuses” os mais fortes, os mais violentos, os mais “isso e aquilo”, ainda que, nessa escala de classificação, os valores supremos que efetivamente homenageiam a vida, nela não tenham lugar, porque não produzem qualquer audiência à mídia que constrói os “heróis do momento”. A sabedoria, a compreensão esclarecida e emancipação mental não têm, nem terão lugar neste mundo, a não ser no psiquismo dos poucos humanos que hospedem discretamente esses atributos que, para nada ou muito pouco parecem valer.

Portanto, implantar o medo tem sido trabalho perene dos diversos tipos de predadores — os humanos conscientes e os outros biologicamente ativados e, portanto, destinados — que dominaram e ainda dominam a cena do panorama político, social, económico, religioso e espiritual. Esse último contexto sequer pode ser percebido pela ignorância científica quanto à existência de outros níveis que existem, paralelos ao que tomamos como sendo a nossa realidade. Que as mulheres me perdoem a infeliz citação — feita num contexto de uma sociedade machista — que aqui reproduzo do

“*Mein Kampf*”, mas Hitler sempre defendeu a tese de que as multidões eram “femininas”:

“A psique das massas não reage a nada que seja fraco ou pela metade. Tal como uma mulher, cuja sensibilidade espiritual é determinada menos pela razão abstrata do que por um desejo emocional indefinível de alcançar poder, e que, por essa razão, prefere submeter-se ao homem forte, e não ao fraco, a massa também prefere quem dá ordens, e não quem implora”.

Assim pensava Hitler, mas o porquê de muitos dos seus pensamentos, dos seus conceitos preferidos, da sua visão de mundo, do seu processo decisório, nesse aspeto é que o trabalho de Walter Langer me permitiu ancorar as notícias que, bem antes de conhecer o seu relatório sobre o Fuhrer, havia recebido de Val Eno.

Dedicando-me, a partir deste ponto, a esclarecer as questões pontuais que considere razoável citar neste livro, narrado por Val Eno, começo por reproduzir o padrão de linha cronológica que Walter Langer apontou como sendo a que conseguiu elaborar após o extenso trabalho de pesquisa que fez sobre a vida do Fuhrer, como também algumas partes do seu já citado livro “*A Mente de Adolf Hitler*”, com o intuito de demonstrar **como ele encontrava-se sob o controle de um “alguém” situado além da condição humana.**

Langer aponta que a infância de Hitler foi das mais complicadas na medida em que um pai austríaco, antialemão em seus sentimentos, bêbado e violento, a quem ele temia e detestava, e uma mãe carinhosa que se dedicava aos filhos, a quem ele muito amava, compunham o seu quadro familiar. Em seu relatório, Langer toma como certo que Hitler, quando criança, viu o pai a fazer sexo com a sua mãe, e o sentimento infantil de não poder ajudar a quem ele mais amava, daquele ataque brutal e cruel, o fez uma criança profundamente problemática quanto aos elementos psíquicos recolhidos na infância, seja em relação ao papel do homem, como também em relação à sexualidade e à insegurança que sentia a cada surra que levava do seu pai bêbado.

As emoções reprimidas e outros aspetos do seu tempo, o levaram a alinhar-se com o grupo nacionalista de estudantes que, por antipatizarem com a antiga monarquia austríaca e amarem a Alemanha, desafiavam abertamente a autoridade do estado austríaco. A hostilidade era total entre pai e filho!

Segundo Langer, “foi nessa época que um médico lhe disse que ele tinha uma doença da qual jamais se recuperaria. Sua reação foi intensa, já que isso trouxe a possibilidade da sua morte ao primeiro plano e agravou todos os seus temores infantis”. O desempenho académico de Hitler continuou a declinar e ele foi tirado da escola em Linz, sendo enviado para outra em Steyr, na tentativa de não perder o ano escolar. A junção dos fatores o levou a não mais ir à escola, e o obrigou a ficar em casa, levando um tipo de vida marcado pela passividade.

No "*Mein Kampf*", Hitler registaria, mais tarde, esse tempo da sua vida da seguinte maneira:

"Aos 14 anos, quando o jovem é dispensado da escola, é difícil dizer o que é pior: sua inacreditável ignorância no que tange a conhecimentos e habilidades ou a mordaz audácia do seu comportamento combinado com uma imoralidade que deixa o cabelo em pé... O menino de 3 anos agora virou um jovem de 15, que despreza toda autoridade... Agora, ele vagabundeia por aí, e só Deus sabe quando ele volta para casa."

Walter Langer regista que, seguidamente morreram o irmão e, depois, o pai, em rápida sucessão, o que o deixou na zona confortável de se ver amado e cuidado pela sua mãe, ao mesmo tempo em que se enchia de tanta culpa que essa não lhe permitia desfrutar por completo da nova situação com cores idílicas. No seu relatório, Langer também escreveu:

"Talvez a situação tenha despertado desejos que ele não conseguia mais encarar ao nível consciente, e só podia mantê-los sob controle ficando na cama e desempenhando o papel de criança desamparada ou ausentando-se da situação por completo. Em todo o caso, ele deve ter sido um problema considerável para a sua mãe, que morreu quatro anos depois do seu pai. O dr. Block relata que a grande preocupação dela ao morrer era: "O que vai ser do pobre Adolf; ele ainda é tão novo". Naquele momento, Adolf tinha 18 anos. Ele fracassara na escola e não trabalhava. Nessa época, ele descreve-se como um maricas, o que, sem dúvida, ele era."

A mãe de Hitler morreu a 21 de dezembro de 1907, o que o deixou arrasado, permanecendo durante muito tempo junto à sua sepultura depois que o resto da família deixou o cemitério. "*Seu mundo tinha chegado ao fim*" — observou Langer.

Os próximos fracassos de Hitler referem-se às suas tentativas de ser aprovado no exame de admissão para a Academia de Belas Artes e, depois, pela Escola de Arquitetura, o que jamais conseguiu. Ressalte-se que as condições psíquicas e emocionais que o dominavam nessa época não eram nem um pouco confortáveis. Aparece, assim, o contexto em que Langer registra que Hitler, desamparado pela vida, **vai morar com os seus padrinhos judeus**, que moravam em Viena, e que o sustentaram por um bom tempo, até que não mais o puderam ou quiseram dar guarida, e ele viu-se obrigado a sair da casa deles. Sobre essa questão, Langer assinala que um outro companheiro de Hitler, que mais tarde escreveria um livro sobre a convivência que os dois tiveram, chamado Hanisch, informa que "*quando ele e Hitler estavam bastante desamparados, foram procurar ajuda de um judeu próspero, que Hitler dizia ser seu pai. É bastante provável que Hanisch tenha confundido "pai" com "padrinho". Isso faria sentido e indicaria que Hitler teve contato com os padrinhos judeus, e que eles estavam fartos dele e recusaram-se a dar-lhe qualquer ajuda adicional*".

Langer também informa que:

"A vida de Hitler em Viena era de extrema passividade, em que a atividade era mantida no nível mais baixo para garantir a

sobrevivência. Ele parecia gostar de ficar sujo e até imundo na aparência e asseio pessoal. Do ponto de vista psicológico, isso só pode significar uma coisa: a sua perversão estava em processo de amadurecimento e estava a encontrar satisfação de forma mais ou menos simbólica. (...) Mesmo nessa época, ele vivia numa pensão conhecida por ser habitada por homens que se entregavam a práticas homossexuais, e foi provavelmente por esse motivo que foi fichado pela polícia de Viena como “pervertido sexual”. Ninguém nunca explicou por que Hitler ficou em Viena por mais de cinco anos, se a sua vida ali era tão desagradável e se a cidade o repugnava com a intensidade que ele alega em sua autobiografia (Mein Kampf). Era livre para partir para onde quisesse e poderia ter ido para a sua amada Alemanha anos antes, se tivesse desejado. A verdade é que ele provavelmente obteve grande satisfação masoquista da sua vida miserável em Viena, e só quando a sua perversão amadureceu por completo, foi que percebeu suas implicações e fugiu para Munique, no início de 1913.”

Aqui começa uma nova fase da existência de Hitler, da qual ele já emerge levando no seu psiquismo todas essas “colagens emocionais” que ele vai adaptando aos seus novos contextos de vida que ainda surgiriam, ao mesmo tempo em que o seu jeito de ser vai também se ajustando às novas situações que o envolveriam antes dele se tornar o Führer. É basicamente nesse ponto da sua história pessoal que a figura de Len Mion começa a aparecer por trás do “instrumento humano” que ele havia escolhido para realizar o seu plano. Nesse, a destruição dos judeus — para que não existisse mais o contexto da vinda de um “Messias” que, para muitos deles, ainda não havia vindo, ou mesmo para os que

acreditavam ter sido Jesus o “Messias” — era essencial pois, acabando com o primeiro “povo escolhido” do “Deus bíblico”, era meio caminho para o seu modo de pensar arraigado, da sua estratégia de dominar o mundo.

No seu “instrumento terreno”, porém, essa estratégia era “quimicamente trabalhada nas sinapses de Hitler”, combinando os elementos emocionais que o predeterminariam a um mesmo objetivo, só que por questões motivacionais absolutamente diferentes. Langer continua a sua abordagem dizendo que:

“Do ponto de vista psicológico, não é muito improvável deduzir que, à medida que a perversão desenvolveu-se e ficou mais desagradável ao ego de Hitler, as suas exigências foram repudiadas e projetadas sobre o judeu. Nesse processo, o judeu tornou-se o símbolo de tudo o que Hitler odiava em si mesmo. De novo, os seus problemas e conflitos pessoais foram transferidos de dentro de si mesmo para o mundo externo, onde assumiram as proporções de conflitos raciais e nacionais.

Esquecendo-se totalmente de que, durante anos, ele não só pareceu um judeu pobre, como também era tão sujo quanto a pessoa mais suja e tão proscrito quanto um pária social, ele então começou a ver o judeu como a fonte de todo o mal. Os ensinamentos de Von Schonerer e Lueger ajudaram a consolidar e racionalizar os seus sentimentos e convicções íntimas. Cada vez mais, ele convenceu-se que o judeu era o grande parasita da humanidade, que sugava o seu sangue vital, e, para uma nação tornar-se grande, ela deveria livrar-se dessa pestilência. Quando

vemos a ligação entre a sua perversão sexual e o antissemitismo, podemos entender outro aspeto da sua constante ligação entre sífilis e os judeus. A sífilis é uma doença que destrói nações, tal como uma perversão ou infeção destrói um indivíduo.

Quanto maiores se tornavam as exigências da sua perversão, mais ele odiou os judeus e mais falou contra eles.”

Indo agora para a fase da vida de Hitler em que ele saiu da sua condição miserável para tornar-se o mais feliz dos soldados alemães que lutaram na Primeira Guerra Mundial, Langer regista que:

“Nessas circunstâncias, compreendemos por que Hitler agradeceu a Deus pela Primeira Guerra Mundial. Para ele, representou a oportunidade de abrir mão da guerra individual contra si mesmo em troca de uma guerra nacional, em que ele teria a ajuda dos outros. Também representou para ele, num nível inconsciente, a oportunidade de redimir a sua mãe e assumir um papel masculino para si. Mesmo nessa época, podemos deduzir que ele já suspeitava de que estava destinado a ser um Grande Redentor. Não era apenas a sua mãe que ele iria redimir, mas também a si mesmo.

De facto, o seu ingresso no Exército alemão foi o primeiro passo na tentativa de redimir-se como ser humano social. Ele não mais seria um pobre coitado, pois estava a juntar forças com aqueles que estavam determinados a conquistar e tornarem-se grandes. Em grande medida, a atividade substituiu a sua passividade anterior. A

sujeira, a imundície e a pobreza foram abandonadas, e ele podia misturar-se em pé de igualdade com o povo escolhido”.

Na guerra, convivendo com os seus companheiros de trincheira, pois essa foi uma das características mais marcantes da Primeira Grande Guerra, Hitler começou ali, no meio daquele inferno, **a acreditar que ele estava a ser protegido para, um dia, exercer uma grande missão.**

Langer conta-nos que:

“O sentimento de que Hitler estava sob a proteção e o comando da Providência Divina, fica claro no relato que Mend, um dos seus companheiros de juventude revela:

“A esse respeito, uma profecia estranha vem à mente: pouco antes do Natal (1915), ele comentou que nós, algum dia, ouviríamos falar muito dele. Só tínhamos que esperar que o seu momento chegasse”.

À época, Hitler também relatou diversos incidentes durante a guerra, que lhe provaram que ele estava sob a proteção divina. O incidente mais impressionante é o seguinte:

“Estava sentado numa trincheira com diversos companheiros. De repente, uma voz pareceu dizer para mim: Levante-se e vá até ali.

Era tão clara e insistente que obedeci automaticamente, como se tivesse sido uma ordem militar. De imediato fiquei de pé e caminhei cerca de vinte metros pela trincheira carregando a lata com o meu jantar. Então, sentei-me para continuar a comer, com a minha mente a ficar novamente em silêncio quando um deslocamento do ar e um barulho ensurdecedor vieram da parte da trincheira que eu tinha acabado de deixar. Uma granada perdida explodiu sobre o grupo com quem eu estava sentado antes, e todos os membros morreram.”

Também houve a visão que Hitler teve enquanto estava no hospital em Pasewalk, sofrendo de cegueira, supostamente causada por gás tóxico. Disse ele, segundo Mend:

“Enquanto estava confinado no leito, veio para mim a ideia de que eu libertaria a Alemanha, que eu a tornaria grande. De imediato, soube que isso se realizaria.”

A derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, porém, perturbou os seus sonhos, planos e ambições, conforme apontou Langer:

“No entanto, foi a derrota da Alemanha que provou ser o ponto decisivo da sua vida e determinou que ele seria um sucesso extraordinário, e não um fracasso total. Naquele momento, forças inconscientes, algumas das quais adormecidas durante anos, despertaram novamente e perturbaram todo o seu equilíbrio

psicológico. Sua reação a esse acontecimento foi um ataque histérico, que se manifestou em cegueira e mutismo.”

Langer chama de “forças inconscientes” ao que os próprios psicólogos e psiquiatras, por desconhecerem a realidade da existência espiritual para além da nossa, costumam classificar o que para eles e o academicismo que pretendem abraçar, ainda precisariam descortinar antes de ser considerado como “sabido”. Contudo, assim tem caminhado a humanidade e, por irónico que possa parecer, esse caminho é menos pior do que o da crença enlouquecida e desarrazoada.

Segundo Langer, a derrota da Alemanha e a nova situação de decadência física levou Hitler a uma profunda depressão:

“Uma profunda depressão tomou conta dele, a respeito da qual ele escreve:

“O que se seguiu foram dias terríveis e noites ainda piores. Agora sabia que estava tudo perdido... Nessas noites, meu ódio despertou, o ódio contra os criadores dessa ação”. Mas novamente, ele sentia-se fraco e impotente: “um cego aleijado, internado num hospital”.”

Nesse ponto da vida de Hitler, não somente segundo Langer, mas também conforme outros autores e biógrafos, ocorreu algo que modificou, não só a trajetória da sua vida, como também a da humanidade: **uma transformação no seu caráter.**

Diz Langer sobre essa questão:

“Das nossas experiências com pacientes, sabemos que transformações completas desse tipo geralmente ocorrem apenas sob circunstâncias de extrema pressão, que demonstram para o indivíduo que a sua estrutura de caráter atual não é mais sustentável. Claro que não sabemos ao certo o que se passava na mente de Hitler nesse período ou como ele encarava a sua própria posição. Porém, sabemos que, nessas circunstâncias, pensamentos e fantasias muito estranhas passam pela mente de pessoas relativamente normais, e que, no caso de neuróticos, sobretudo quando têm fortes tendências masoquistas, estas fantasias podem tornar-se bastante absurdas. Independentemente da natureza que possam ter tido essas fantasias, podemos ter razoável certeza de que envolvem a sua própria segurança ou bem-estar. Em geral, apenas um perigo dessa magnitude faria um indivíduo abandonar ou revolucionar a sua estrutura de caráter.”

Junto com a transformação do caráter, que somente estava a ter início, **outro elemento estranho começou também a fazer parte das noites de Hitler**, segundo assinalou Langer:

“Pode ser que os seus pesadelos forneçam uma pista. Podemos recordar que os pesadelos de Hitler giram em torno de ele ser atacado ou submetido a indignidades por outro homem. Não é a sua mãe que está se atacada, mas ele mesmo. Quando desperta desses pesadelos, age como se estivesse a sufocar. Fica sem fôlego e sua frio. Só com muita dificuldade Hitler consegue ser

tranquilizado, porque muitas vezes há um efeito colateral alucinatório e ele vê o homem em seu quarto.

Em circunstâncias normais, estaríamos inclinados a interpretar isso como resultado de um desejo inconsciente por relações homossexuais, junto com uma repulsa do ego contra a tendência latente. Essa interpretação também pode aplicar-se a Hitler, pois, até certo ponto, parece que ele reagiu à derrota da Alemanha como se fosse um estupro de si mesmo e também da sua mãe simbólica. Além disso, enquanto ele estava internado, impotente, no hospital, incapaz de ver ou falar, pode ter-se considerado um alvo fácil para um ataque homossexual. Porém, quando lembramos que, durante anos, ele escolheu viver numa pensão de Viena que era conhecida por ser habitada por muitos homossexuais e depois associou-se com diversos homossexuais notórios, como Hess e Rohm, não podemos achar que essa forma de ataque sozinha seria suficiente para ameaçar a sua integridade a tal ponto que ele repudiaria o seu antigo eu.”

Questões homoafetivas à parte, o que julgo ter depreendido do que me revelou Val Eno no início do século XXI, de facto, Hitler, via um ser “tipo homem”, algumas vezes, próximo a ele, e o verbo “ver”, aqui, parece não ser bem no sentido mediúnico, pois segundo Val Eno, Len Mion conseguiu desenvolver, com o restante da sua força mental, uma estratégia que tanto o projetava, quanto, outras vezes, o permitia mesmo uma “semimaterialização” próxima a Hitler.

Por algumas dezenas de milhares de anos a desenvolver maneiras e estratégias, junto com Yel Luzbel e outros, para se materializar e/ou se projetar a partir de *Shamb-Aha*, para os que se encontravam na Terra, como modo de impressioná-los, ainda em obediência aos interesses da “rebelião”, Len Mion terminou por construir em si mesmo um conjunto de faculdades mentais único e exclusivo. Apesar dos desgastes alternados com picos de força máxima, ele ficava por algum tempo incapacitado de se potencializar entre os que viviam na Terra. Contudo, ao tempo da vida de Hitler, ele retomou o processo com vistas aos seus objetivos, e nada daquilo, conforme penso, tinha a ver com o aspeto homoafetivo, levantado por Langer.

Hitler, portanto, antes de se tornar o Fuhrer, formou a sua personalidade convivendo com factos insólitos que muito o influenciaram, ainda que esse contexto não pertença ao campo de análise de psicólogos e de psiquiatras, na medida em que, nessas disciplinas, ocorra a falta de mecanismos que detetem com perfeição ou clareza o que se encontra por trás dos fenómenos.

Isso, entretanto, tem feito parte do drama humano, de ser uma espécie criada para consertar os erros alheios e, enquanto faz isso de modo inconsciente, ainda é covarde e vergonhosamente manipulada pelas forças que a geraram. O aspeto mais horroroso dessa história é que, todas as espécies surgidas para a vida, o fizeram por força do “jogo” da necessidade do “padrão inicial apodrecido”, que a tudo deu origem, e como todas padecem, na sua génese, das deformidades desse “modelo adoecido”, muitas não servem para nada, nem mesmo conseguem evoluir. A única que

nasceu, geneticamente, com liberdade para tanto, que foi a humana terráquea, deu no que deu: virou palco de disputas e de manobras de toda ordem.

Após sobreviver até mesmo aos ferimentos e sequelas da vida e da Primeira Guerra, da qual participou com heroísmo, Hitler ressurgiu para a vida frequentando, então, dois contextos que determinariam o seu futuro. O primeiro foi o facto de ele ter se tornado um ativista radical na reconstrução de uma Alemanha combalida e vilipendiada pelos acordos do pós-guerra, que mais e mais infernizavam a vida dos alemães sobreviventes. O segundo, algo pitoresco, foi o de que ele começou a frequentar reuniões da **"Sociedade Thule"**, nas quais, por meio das médiuns advindas da **"Sociedade Vrill"**, surgiam mensagens que **sensibilizaram Hitler no sentido de que ele seria o novo "messias", só que agora do povo ariano, que precisava salvar o planeta, dominando os demais povos que o habitavam.**

Do "governo oculto do mundo" vinham as mensagens, como se **o próprio "Senhor Thule" estivesse a afirmar para Hitler que ele era o seu "enviado humano" para dominar a Terra.** A questão é que o "Senhor Thule", conforme já citado na Parte I deste livro, era exatamente Len Mion motivando o seu instrumento terreno para a terrível empreitada.

Nesse ponto do seu estudo, Langer parece confundir — por desconhecimento ou mesmo por equívoco — astrologia com reuniões em que mensagens canalizadas, via médiuns, eram recebidas. São duas ordens distintas de questões, que nada têm a

ver uma com a outra. De todo modo ele nos diz que, no que se refere à crença em horóscopos e às predições astrológicas que pudessem influenciar a linha de ação de Hitler, muitos dos seus biógrafos afirmam ter sido ele absolutamente distante de qualquer atitude nesse sentido. Contudo, conforme afirma Walter Langer:

“Hitler parece estar a agir sob alguma orientação desse tipo², o que lhe dá o sentimento e a convicção de sua infalibilidade.”

De acordo com Strasser, no início da década de 1920, Hitler teve aulas regulares de oratória e psicologia de massas com um homem chamado Hanussen, que também era astrólogo e adivinho praticante (...). É possível que Hanussen tenha tido algum contato com um grupo de astrólogos, mencionados por Von Wiegand, que eram bastante ativos em Munique naquela época. Por meio de Hanussen, Hitler também pode ter entrado em contato com esse grupo, pois Von Wiegand escreve:

“Quando conheci Adolf Hitler, em Munique, em 1921 e 1922, ele estava em contato com um círculo que acreditava firmemente nos presságios dos astros. Havia muito rumores a respeito do advento de outro Carlos Magno e um novo Reich. Até que ponto Hitler acreditava nessas profecias e previsões astrológicas³, nunca consegui saber do Fuhrer. Ele não negou nem confirmou a crença.

² NA: é aqui que Langer, conforme penso, confunde astrologia com mensagens mediúnicas.

³ NA: novamente o equívoco entre astrologia e mensagens mediúnicas ou telepatas.

Contudo, ele não era avesso a fazer uso das previsões para promover a fé popular em si mesmo e no seu jovem e batalhador movimento". (...) "Parece certo que Hitler acredita que foi enviado para a Alemanha pela Divina Providência e que tem uma missão específica a cumprir. Provavelmente, ele não tem claro o escopo da sua missão, para além do facto que foi escolhido para redimir o povo alemão e remodelar a Europa. Como isso tem que ser realizado também é um tanto vago em sua mente, mas isso não o preocupa muito, porque uma "voz interior" comunica-lhe os passos que deve dar. Esse é o guia que o leva em seu caminho, com a precisão e a segurança de um sonâmbulo:

"Cumpro as ordens que a Divina Providência me atribuiu". "Nenhum poder na Terra pode abalar o Reich alemão agora. A Divina Providência quis que eu persistisse no objetivo de cumprir a missão germânica". "Mas se a voz falar, então saberei que chegou a hora de agir".

É essa firme convicção de que ele tem uma missão e que está sob a orientação e proteção da Divina Providência, a responsável, em grande parte, pelo efeito contagioso que ele tem tido sobre os alemães."

Mais tarde, já na função de Fuhrer, em 1936, na reocupação da Renânia, Hitler voltaria a referir-se ao modo como ele agia na gestão dos destinos da sua amada Alemanha: "*Sigo o meu caminho com a precisão e a segurança de um sonâmbulo*".

Viver feito um sonâmbulo, como se dominado por alguma interferência ou mesmo por um estado mental apartado da realidade, não parece ser uma boa condição psíquica. Hitler, porém, não afirmou isso somente uma vez, mas em outros momentos nos quais, o que efetivamente importava para ele, era que no seu sonambulismo estava embutido o facto ou a certeza de que ele era um “enviado dos céus” para salvar a Alemanha.

Langer informa ainda:

“Em alguns momentos, parecia quase inconcebível que um homem pudesse ser sincero e fazer o que Hitler fez durante a sua carreira. E, ainda assim, todos os seus ex-colaboradores com quem conseguimos entrar em contato, e também muitos dos nossos correspondentes estrangeiros mais competentes, estão firmemente convencidos de que Hitler acredita na sua própria grandeza. É relatado que Hitler disse a Schuschning, durante as entrevistas em Berchtesgaten: “Você dá-se conta de que está na presença do maior alemão de todos os tempos?”.

(...) Com o passar do tempo, ficou cada vez mais claro que Hitler via-se como o Messias e que estava destinado a conduzir a Alemanha à glória. As suas referências à Bíblia tornaram-se mais frequentes, e o movimento nazista começou a assumir uma atmosfera religiosa. As comparações entre Cristo e ele tornaram-se mais numerosas e permearam as suas conversas e os seus discursos. Por exemplo, ele disse:

“Ao chegar a Berlim, algumas semanas atrás, e observar o movimento na Kurfurstendamm, o luxo, a perversão, a iniquidade, a exposição indecente e o materialismo judaico repugnaram-me profundamente, a ponto de eu quase ficar transtornado. Quase imaginei ser Jesus Cristo quando ele chegou ao templo do seu Pai e o encontrou tomado pelos cambistas. Posso bem imaginar como ele se sentiu quando pegou o chicote e os flagelou”.

Na realidade, Hitler tem pouquíssima admiração por Cristo crucificado. Embora tenha sido criado como católico e recebido a comunhão durante a Primeira Guerra Mundial, ele rompeu a sua ligação com a Igreja logo em seguida. Ele considera o Cristo crucificado brando, fraco e incompatível com um Messias germânico. Este deve ser duro e brutal se quiser redimir a Alemanha e conduzi-la ao seu destino. “Meu sentimento como cristão aponta para o meu Senhor e Redentor como um lutador. Aponta para o homem que, solitário, rodeado por apenas alguns seguidores, reconheceu aqueles judeus pelo que eram e reuniu homens para lutar contra eles, e que, juro por Deus!, foi maior, não como sofredor, mas como lutador. No amor sem limites, como cristão e como homem, leio a passagem que relata como o Senhor por fim se ergueu e usou o chicote para expulsar do Templo a ninhada de víboras. Quão

extraordinária foi a luta pelo mundo contra a peçonha judaica”.

Ressalto, ainda, uma outra passagem do livro de Langer, sobre a questão da “voz” que comandava as atitudes e posturas de Hitler:

“Em certas ocasiões, Hitler partia de Berlim sem dizer nada e ia para Berchtesgaden, onde passava o tempo a caminhar pelo campo, completamente sozinho. (...) É durante esses períodos de inatividade que Hitler fica à espera que a sua “voz interior” o guie. Ele não pensa no problema de uma forma normal, mas espera que a solução se apresente para ele. Para Rauschning, Hitler disse:

“A menos que eu tenha a convicção incorruptível de que essa é a solução, não faço nada. Nem mesmo se todo o partido tentar me impelir para a ação. Eu não agirei. Esperarei, não importa o que aconteça. Mas se a voz falar, então sei que chegou a hora de agir”.

Esses períodos de indecisão podem durar de alguns dias até diversas semanas. Se ele for induzido a falar sobre o problema nesse ínterim, ele fica de mau humor e irritado. No entanto, quando ele recebe a solução, tem um grande desejo de se expressar. Então, Hitler convoca os seus assistentes, e eles devem escutá-lo até que termine, não importa a que horas isso aconteça. Nessas ocasiões, ele não quer que o questionem, nem mesmo que o entendam. Parece que apenas quer falar.”

Penso ser suficiente o conjunto das reproduções que, aqui, apresentei do livro de Walter Langer, com o objetivo de tão somente ancorar em um trabalho acadêmico e respeitável, parte das revelações que me foram repassadas para a formulação dos livros que compõem a trilogia “*Terra Atlantis*”.

Não há nenhum objetivo da minha parte em afirmar isto ou aquilo sobre Hitler, seja no sentido psiquiátrico ou mesmo psicológico, nem muito menos de o demonizar, como naturalmente se faz pelo muito de mal, de horror e de terror que ele causou a incontáveis vidas. A leitura dos factos pode ser essa, mas o julgamento não me pertence e, portanto, não é essa a pretensão do que aqui se encontra exposto. Jesus, na sua boa fé, e pensando ter compreendido a sua relação com o "Pai" que o enviara, foi quem disse que esse Ser — o "Deus dos Judeus" — a ninguém julgaria, pois o mesmo havia-lhe repassado essa função. Por isso, caberia a ele separar o "joio do trigo", presidir o "julgamento geral dos vivos e dos mortos" que Javé, através de Enoch, lá atrás no tempo, muito antes da vida de Jesus, anunciou que aquele Ser havia decretado o tal julgamento, mas quem o faria seria um "enviado", que viria para agir em seu nome.

"Assim também o Pai não julga ninguém, mas entregou todo o julgamento ao Filho. (Jo, 5 — 22)." Quando o tempo do julgamento geral fosse chegado, segundo o *"Livro de Enoch"*², os justos receberiam a revelação sobre a real situação do "Filho do homem" — Sophia e a sua relação com o seu avatar humano Jesus —, e exaltariam Javé, que o havia enviado para presidir, se não todo o processo de aferição entre justos e ímpios, mas parte dele, pelo menos.

"Eles (os justos) o bendiziam, o celebravam, o exaltavam, porque o segredo do Filho do homem lhes tinha sido revelado. E ele estava em um trono de glória e a principal parte do julgamento fora reservada a ele. Os pecadores desvanecer-se-ão e serão

exterminados da face da Terra e aqueles que os seduziram serão encadeados para sempre.” (Livro de Enoch, 38 e 39).

Esse é o cerne de toda a confusão entre Javé e Jesus, ainda que quase ninguém — se é que alguém o consegue — compreenda a sua origem e os seus desdobramentos, que levaram até à sua crucificação. E o irónico, se é que tal se pode dizer, é que esse problema vem de um tempo em que Jesus sequer existia, pois que dele havia a sua “forma gloriosa” já existindo como Sophia, o qual, por sua vez, era também já um produto de um dilema entre os três “Senhores da *Trimurti*”.

Os tempos preditos, de facto, estão chegados, mas não existe julgamento nenhum em curso, porque não há autoridade moral e espiritual da parte de quem quer que seja e que esteja envolvido com a história da Criação, que possa pretender a tanto. O que de facto está a ocorrer nos ambientes da espiritualidade é um processo de reciclagem, levado a efeito pelos desdobramentos das próprias leis da ciência espiritual, que marca indelevelmente nos espíritos o resultado das suas posturas e opções.

Por outro lado, a real função e a identidade em torno do “conceito enochiano” de “Filho do Homem” está efetivamente em curso de revelação, e Javé nunca foi tão aclamado e venerado por muçulmanos, protestantes e neopentecostais, católicos desavisados, dentre outros ramos da cultura religiosa, como atualmente acontece. Jesus foi quem trouxe para si — ou se viu obrigado a fazer isso — toda a complexidade de um problema arquitetado e surgido fora da lógica humana, cuja resolução se

esperava ser conseguida com a criação da espécie terráquea, mas essa fugiu ao controle genético dos seus criadores e o tal julgamento era exatamente por isso: porque os filhos de Pandora, de Pirra, de Eva e de outras personagens que, na atualidade, sequer se pode imaginar, libertaram-se da sujeição, ancestralmente codificada para a obediência total e absoluta ao Criador.

Diante do impasse, foi necessário trazer o problema para a lógica humana que, não podendo mais ser retrogradada ao estado de irracionalidade, teve o seu aspeto racional deformado pelo temor e pela fé desarrazoada, como maneira dos seus antigos e pretensos criadores reaverem o seu domínio. E Jesus foi quem pagou o preço, junto com os demais humanos que foram vítimas do seu aparente fracasso e insucesso, tanto que o seu "Pai Celestial" negou o seu pedido de "não tomar daquele cálice" porque, na verdade, aquele era o castigo por ele não ter aceite o papel de um "Messias" violento, repressivo e dominador.

Parece, contudo, que Jesus somente entendeu esse aspeto da sua missão já no final da sua vida, quando os seus assessores o avisaram, no encontro em que ele se transfigurou, do iminente suplício que o esperava. A teologia católica — que cerca de quatro séculos mais tarde viria a surgir — desvirtuou por completo os factos, tentando formular uma explicação romântica, ainda que forçada, como, por exemplo: *"Deus amou tanto a humanidade que mandou o seu filho predileto sofrer para, com o seu sangue, lavar os pecados da humanidade desde os tempos de Eva"*. Ora, convenhamos! Por isso, nem os padres católicos e nem mais ninguém entenderam, até hoje, coisa alguma do que realmente

aconteceu naqueles dias, e que tem acontecido desde então, como desdobramentos inevitáveis.

Foi assim que Jesus, vendo-se como o “Messias” e decidindo não cumprir a missão da maneira anunciada pelos profetas, a respeito de um “Messias todo poderoso”, disse — com a compreensão que tinha naquele momento difícil que a sua condição humana estava a passar — que havia chegado a hora da Terra ser julgada e, com ela, o “príncipe oculto”, que comandava as coisas por aqui, também o seria.

“Chegou a hora deste mundo ser julgado, e agora o príncipe deste mundo será expulso. (Jo, 12;31).”

“Ele (o Paráclito) o convencerá (ao mundo) a respeito da justiça porque eu me vou para junto do meu Pai e vós já não me vereis; ele o convencerá a respeito do juízo que consiste em que o príncipe deste mundo já está julgado e condenado. Muitas coisas ainda tenho a dizer-vos, mas não as podeis suportar agora. (Jo, 16; 10-11).”

Jesus, portanto, foi quem afirmou que o “príncipe deste mundo” seria julgado e, provavelmente, o foi, se é que o que se passou em torno da questão foi efetivamente o que nós, humanos, entendemos por “julgamento”. Yel Luzbel desmaiou, desfaleceu e a forma cósmica e/ou o espírito de Jesus o acolheu. Isso não me parece bem um julgamento.

Assim, penso que não foi esse o “espírito do processo”, e por um motivo bem

simples: a forma cósmica de Jesus, Sophia, foi quem criou Len Mion e o remeteu a um tipo de vida cujas opções já se encontravam enjauladas pelos confrontos nos quais estavam envolvidas algumas entidades espirituais, dentre as quais o próprio espírito que vivificou Jesus.

Len Mion foi criado, como os demais seres que existem, num tempo e numa circunstância de momento, como sendo uma criatura-ferramenta para atender uma necessidade operacional da força comandada por Sophia em determinada época.

Quem tem maior responsabilidade nessa história? Como esse tipo de culpa pode ser aferida? Quem julga quem nessa história? Quem tem autoridade para julgar o quê? Todos foram e são agentes do erro de uma Criação indevida, que “infecta” a quem nela penetra para existir, e se, portanto, existe algum culpado e/ou responsável por esse desconcerto, quem deveria ser? **Todos ajuntamos erros e os menos “doentes” erram menos, e isso é tudo por enquanto! O problema é que um dos aspetos da carência humana passa por endeusar e demonizar outrem como modo de diminuir o peso da sua responsabilidade individual perante os factos inclementes de uma realidade que não se compreende, mas sobre a qual algo de romântico precisa existir, sob pena de não se poder suportá-la.**

Assim, a linguagem usada por Jesus, amoroso como ele era, não podia mesmo ser diferente da que constava nas escrituras. Por isso é que questionei se Jesus, de facto, estava a entender o contexto complexo por trás da vinda de um “Messias judaico”, nas circunstâncias em que se deu o seu nascimento ao longo da sua vida, até topar com os anjos no dia da sua transfiguração. O facto é que essa história está longe, muito longe de acabar, porém, alguns dos seus principais protagonistas somente começaram, efetivamente, a sair de cena ao longo destes últimos vinte mil anos.

Chegou a vez da **humanidade, inevitavelmente, sair da sua forçada infância espiritual**, pois terá que conviver com uma nova etapa de desdobramentos, na qual os biodemos saem efetivamente do processo e os humanos assumem a responsabilidade de, por meio da sua racionalidade e capacidade psíquica e emocional bem dirigidas, levar a bom termo a “limpeza do lixo acumulado” no DNA atualmente hospedado na sua condição biológica. Sinceramente, não sei como se conta cada lágrima, cada gota de suor e de sangue derramados criminosamente em toda esta história. Não sei como isso pode ser traduzido sob a perspectiva de alguma lógica em responsabilidade, culpa e punição.

Contudo, convenhamos, julgar a humanidade? Que tipo de justiça poderia proceder com todos esses julgamentos? E quem julga os que estão propensos a julgar, arvorando-se em seres divinos, sem ter autoridade moral para tanto? Como podem judeus, cristãos e árabes/muçulmanos serem julgados pelas guerras que promoveram se foi o próprio Javé que criou as três religiões e as colocou, umas contra as outras? Quem julga Javé? Quem julga

Jesus, que fez o “jogo” de Javé até um certo ponto dos seus desígnios?

O problema é que fanatismo e cegueira espiritual andam juntas! Como se pode avaliar um senso enlouquecido pelo fanatismo como o de Heinrich Himmler, um dos grandes responsáveis pela barbárie nazista que costumava dizer:

“Eu não tenho consciência. Adolf Hitler é a minha consciência. Não sou eu que vivo, mas é o Fuhrer que vive dentro de mim”.

Fanatismo faz mal, e é algo cretino, sob a perspectiva espiritual, quando aplicado seja por seguidores de um Jesus ou por criminosos como Hitler. Todavia, os primeiros são aclamados ou tidos como “pessoas sagradas”.

Assim, concluindo esta longa narrativa, eivada de reflexões e comentários, os quais, espero, não tenham piorado ainda mais a já por demais complexa tarefa de recompor, sob a lógica humana, uma “tragédia cósmica” que veio “parar na Terra”, e nela, os humanos, por terem surgido, receberam a “herança maldita” de resolver problemas que eles não criaram, uma pergunta a mais ainda me obrigo a fazer: poderá surgir ainda um outro Hitler?

A quem interessar possa, o que penso poder dizer sobre o assunto, candidatos humanos a tanto não faltam, mas, a sorte — se é que isso existe — é que não se encontra mais disponível nos ambientes astrais/espirituais primários que envolvem o planeta,

nenhum ser com o poder mental superlativo e desvirtuado com as características de um Len Mion, que facilmente dominaria os candidatos à “personificação da estupidez”. Por isso é que as forças espirituais o recolheram, e ainda bem que o fizeram. Entretanto, repito: infelizmente, não faltam candidatos humanos que vendam as suas almas, honra pessoal e o que mais tiverem, à procura de um “padrinho” com tal poder e capacidade de consecução, na amplitude em que Len Mion terminou por edificar em si mesmo, no que se refere ao modo como ele lidou com os desavisados seres humanos. A busca pelo poder infetou a muitos, corrompeu a quase todos os agentes da vida e inundou a existência com todo tipo de pestilência e horror, desde a pedofilia — longamente praticada por padres e pastores financiados pelo silêncio criminoso das suas elites e acobertamento dos fiéis, que preferem demonizar a vítima a perder a religião que lhes serve de vício emocional — a histórias escabrosas como a de Hitler e os seus comparsas.

Haja “lixo” a ser retrabalhado no sangue que corre na veia dos seres humanos. Se a notícia é boa ou não, é questão que somente o tempo cósmico poderá dizer: somente a espécie humana pode ressignificar as sequências genéticas, “criminosas e doentes”, acumuladas, até ao momento, na espécie mais moderna de todas as que surgiram no palco da vida universal.

A questão, aqui, é emancipar-se em relação ao que já existe!

O universo e a Criação como um todo aguardam os exemplos humanos nesse campo, porque, pelo menos por enquanto, é tudo o que podem ter.

COMENTÁRIO 2

A Cultura Biodemo e o Futuro do Universo

Dentre os muitos traços psicológicos dos seres biodemos, existe um que chama a atenção da lógica humana, e deve aqui ser ressaltado para que melhor se possa entender o *modus vivendi* desse género extraterrestre. Refiro-me ao aspeto de que ninguém, dentre os biodemos, tem como postura psíquica achar-se “grande” no sentido de se ver melhor e/ou mais importante do que outro ser, seja de que família for. As travas de segurança existentes no código-fonte definidor de vida (CFD) dos biodemos simplesmente impedem esse tipo de comportamento.

Yel Luzbel jamais se achou “grande”, importante ou maior do que ninguém. Nem muito menos Len Mion, após ter assumido o comando do que julgou ser ainda um movimento político. Hitler, porém, sim! Qualquer humano pode se sentir grande ou importante por se ver exercendo alguma função, ou mesmo por esquisitice e autoengano, mas um biodemo, não!

Esse tipo de postura é um problema advindo da complexidade da natureza humana, e nele cabem muitas ponderações e preocupações, bem mais do que o atual modo de pensar terráqueo pode imaginar. Ainda tomando Hitler como exemplo, no já referido livro “*A Mente de Adolf Hitler*”, Walter Langer legou-nos a seguinte

reflexão sobre a mania de grandeza do Fuhrer, ao tempo em que ele ainda se encontrava no comando do destino da Alemanha:

“Um exame de todas as evidências obriga-nos a concluir que Hitler acredita que está destinado a tornar-se um Hitler imortal, escolhido por Deus para ser o novo Salvador da Alemanha e o fundador de uma nova ordem social para o mundo. Ele acredita estoicamente nisso e tem certeza de que, apesar de todos os testes e atribuições pelos quais deve passar, finalmente alcançará esse objetivo. A única condição é que siga os ditames da voz interior que o guiaram e o protegeram no passado. Essa convicção não está baseada na verdade nas ideias que ele transmite, mas sim na convicção da sua grandeza pessoal. Howard K. Smith faz uma observação interessante: estava convencido de que, todos os milhões sobre os quais o Mito de Hitler se fixou, o mais arrebatado foi o próprio Adolf Hitler”. (...) “Não fica claro, a partir das evidências, se a nova Religião de Estado era parte do plano de Hitler ou se os desdobramentos tornaram isso factível. É verdade que Rosenberg defendia que havia muito esse movimento, mas não há provas de que Hitler estivesse inclinado a dar um passo tão drástico antes de chegar ao poder.

É possível que ele tenha sentido que precisava de Poder antes que pudesse iniciar tamanha mudança, ou pode ser que a sua série de sucessos fosse tão surpreendente que as pessoas adotaram espontaneamente uma atitude religiosa em relação a ele, o que tornara o movimento mais ou menos óbvio. De qualquer maneira, ele aceitou esse papel divino sem hesitação ou constrangimento. White revela que quando ele era saudado com “Heil Hitler, nosso

Redentor”, fazia uma ligeira mesura ante o elogio na frase e acreditava nisso. Com o passar do tempo, fica cada vez mais evidente que Hitler acredita que é realmente o “Escolhido” e que, em seu pensamento, concebe-se como um segundo Cristo, que foi enviado para instituir no mundo um novo sistema de valores baseado em brutalidade e violência. Ele apaixonou-se pela imagem de si mesmo nesse papel e cercou-se com os seus próprios retratos”.

Como se pode ver, não era somente Javé que desejara que o seu “Messias” fosse violento na conquista do poder para os judeus, pois Len Mion também queria um “messias” violento porque ele sabia que somente pelo temor e mesmo pelo terror, o mais forte se impõe sobre os mais fracos. Hitler cumpriu fielmente o seu papel ancorado na sua mania de grandeza doentia. Achar-se “grande”, pensar-se um “deus”, é postura que demónios e humanos podem ostentar, um biodemo, jamais.

Porquê? Normalmente destituídos dos padrões emocionais que agigantam o ego, os biodemos “não infetados pelas novas sequências genéticas advindas da rebelião” não possuem psiquismo capaz de se elevar a esse ponto. Entre humanos e demos, porém, essa “mania de grandeza” pode também atacar o psiquismo de uma coletividade. A “mania de grandeza” judaica, ligada ao messianismo, é uma desgraça tão grande para esse povo quanto para a humanidade. Até hoje, eles esperam a vinda do “Messias” prometido por Javé, para elevar o povo judeu à grandeza prometida no passado. Por outro lado, a “mania de grandeza” islâmica no profetismo que faz com que os árabes também se sintam

“escolhidos” pelo mesmo “Deus”, só que, agora, referido como sendo Alá, faz dos sunitas e xiitas vítimas de uma crença ultrapassada, cuja luta entre essas fações, vítima também a humanidade como um todo, por força da prática do terrorismo pela sua ala mais radical.

Existem muitas “manias de grandeza” no seio da cultura humana, e o que não se compreende é que todas elas, se pudessem, talvez repetissem o percurso da “mania de grandeza alemã”, promovida pela quota envenenada do mesmo tipo de “hábito mental” do seu “líder messiânico”.

Enfim, qualquer “mania de grandeza”, seja lá de que nação for, é tão nefasta quanto a dos alemães nazistas do passado. Esse é um tipo de problema tão seriamente de ordem humana, que precisa ser regulado, pacificado pelo progresso do psiquismo dos homens e mulheres terrestres, para evitar a contaminação do universo quando da exportação dos seus padrões por meio da especiação do *Homo sapiens*.

Muito provavelmente, uma nova cultura biodemo, edificada a partir da humana, moverá “moinhos e ventos” em novos rincões universais, talvez ainda mesmo antes do surgimento dos primeiros resultados da especiação humana. “*Como assim?*” — poderá perguntar o leitor atento.

Os biodemos têm uma vida muito mais longa e efetiva do que a dos humanos, além de serem infinitamente bem mais resistentes

que estes últimos no que toca às viagens siderais, seja de que tipo for. Isso facilitaria a exportação das conquistas do psiquismo humano, que foram apropriadas por alguns segmentos do código-fonte definidor de vida (CFD) biodemo, aspeto que poderá antecipar um novo planeamento para a sementeira de novas visões de realidade e níveis de compreensão universo afora.

Val Eno informou-me que a cultura biodemo, numa nova e mais atualizada versão, poderá, sim, promover um avanço considerável com vista ao progresso do psiquismo das civilizações deste universo, enquanto a cultura humana ainda haverá de aguardar a especiação do *Homo sapiens* e os seus desdobramentos. Há um futuro cheio de desafios tanto para a cultura biodemo como — e principalmente — para a dos humanos. Segundo ele, uma visita inesperada teve lugar em *Alt'Lam Gron* no ano de 2018, quando Sophia finalmente veio à Terra e aqui se encontra, só que de um modo que os humanos ainda não podem perceber.

Essa perceção do futuro estratégico para a cultura biodemo foi anunciada por Sophia aos seres residentes em *Alt'Lam Gron*, o que de pronto permitiu o restabelecimento dos circuitos do “Processador Val” com os demais “Processadores” pertencentes às famílias jamais envolvidas com a questão da “rebelião”. Afinal, como Val Eno costuma referir-se, quando comenta sobre as vidas curtas dos humanos em comparação com a que os biodemos possuem, e falando de uma maneira adulta, “morrer logo”, para quem bem viveu, apesar da vida tormentosa, é um conforto que eles nunca tiveram. Segundo ele, além da racionalidade fértil e profunda do psiquismo, a vida curta é uma dádiva quando se vive em pleno caos.

Contudo, até isso será tirado dos humanos terrestres, porque o universo precisa muito da atuação daqueles que podem provocar modificações profundas na qualidade das informações que os elétrons hospedam.

Enfim, se a “Rebelião de Yel Luzbel” trouxe consigo uma carga de tragédias e de sofrimentos que foram e continuam a ser vividos por muitos dos seus pares e de espécies que se viram envolvidas nos seus desdobramentos problemáticos, parece ter chegado a hora em que os seus “bons frutos” precisam ter as suas “sementes” doravante distribuídas pelo universo afora. Assim, novas “árvores”, limpas da “doença da Primeira Semente” que gerou a vida, poderão surgir, então produzindo mais e mais “frutos” para homenagear a vida e promover possibilidades de redenção para todos os protagonistas dessa “tragédia” ou “vexame existencial”.

COMENTÁRIO 3

Olhando nos Olhos de Sophia

Achei estranho quando, na última página da primeira parte do presente livro, num dia qualquer do mês de outubro de 2018, oportunidade em que o mesmo foi concluído, Val Eno expressou-se como se estivesse com os seus olhos a observar os de Sophia.

Não entendi, mas em respeito ao mister mediúnico de procurar atrapalhar o menos possível a expressão da inteligência responsável — pelo menos perante a minha sensibilidade e senso moral — pela autoria da obra, quando é o caso, resolvi escrever sem questionar, pensando tratar-se de algum embrulho mais emocional que ele desejava ressaltar no final da primeira parte deste livro.

Ao concluí-lo, porém, achei meio frio o modo como foi feito, mas deixei para lá. Quanto menos “acho sobre alguma coisa” melhor eu sei que passo! No final de janeiro de 2019, momento em que escrevo exatamente estas linhas, após reler e dar um toque final a todo o livro para poder endereçá-lo para a revisão, com vistas a posterior edição, ao novamente passar a vista pela última página da sua primeira parte, percebi a presença de Val Eno que foi logo me esclarecendo:

— Falei no sentido literal, porque, após mais de 600 mil anos, como já havia lhe informado, finalmente recebemos a visita de Sophia em *Alt'Lam Gron*, que começou em fevereiro de 2018, e o que eu ainda não tinha lhe dito é que ele ainda se encontra connosco. Naquela oportunidade em que estávamos a concluir o livro, literalmente olhei para ele, que se encontrava connosco, mais propriamente ao meu lado, porém, fora do seu campo de percepção, quando me encontrava a ditar para você as afirmações que expressei junto com a minha opinião. Em estando ele ali, connosco, fiz questão de registrar as minhas últimas palavras, algo críticas — e não é da natureza biodemo isso fazer — e por isso, ao me expressar, olhei para Sophia. Compreendeu? Saiba que está a ser muito útil e produtivo este encontro que nos encheu de conforto e de certezas sobre as boas perspectivas do futuro universal, como também sobre a utilização das demais famílias biodemos atuando junto com os núcleos humanos no futuro, como já lhe informei. O que não havia lhe dito ainda é que Ohm, o ser a quem vocês chamam de “Quarto Logos”, também se encontra em *Alt'Lam Gron*. Posso informar-lhe sobre os temas e as decisões que Sophia está a arquitetar...

— Não vou nem deixá-lo concluir, meu caro irmão, pois nada quero saber — apressei-me eu em dizer-lhe.

— Desconfiava que essa seria a sua resposta, por isso preferi esperar uma outra oportunidade para poder perguntar-lhe sobre a questão, pois sabemos que você disse a Sophia que somente se encontraria de bom grado com ele novamente, se fosse após o cumprimento da sua promessa de se apresentar aos terráqueos,

fazendo assim cumprir o que Jesus expressou ao tempo da sua vida — explicou Val Eno.

— É, talvez assim, estejamos a ajudar ao homem digno que foi Jesus, a forçar a sua “contraparte cósmica” a realizar o que o espírito, que os animou, planeou para a redenção da Tríade caída e fracassada — falei. — Será a vitória de todos, no sentido de que, pelo menos, um plano exequível existirá para o futuro do que foi problemáticamente criado, e não mais o “jogo” dos desígnios absurdos dos “egos doentios” de Javé e de outros.

— Sophia tem se posicionado de um modo que nos enche... — começou a dizer Val Eno.

— Meu irmão Val Eno! — interrompi eu. — Os biodemos não deveriam encher-se de coisa alguma que esteja fora do campo das atitudes práticas que tanto eram observadas no passado, pelas verificações de então. Prática é bem diferente de postura!

Sophia posicionar-se desta ou daquela maneira, é maneirismo ou traquejo do psiquismo dele, que pouco me interessa. Agir, porém, é outra história, ainda que compreenda quão complexo possa ser o contexto das ações dele e as consequências das mesmas. Entretanto, ele foi engendrado para isso! Como eu mesmo lhe disse, quando do nosso último encontro, triste, pobre e podre é esse poder do qual ele se encontra investido que serve para muita coisa, mas que, no final, não serve para nada.

— Bem, vou deixá-lo com as suas reflexões — cortou Val Eno. — Fique bem, e obrigado pelo apoio, mais uma vez.

Val Eno permitiu-se desaparecer perante a minha sensibilidade, deixando-me a refletir sobre a minha segura, mas não tenho mesmo outra maneira de agir diante do modo como os “Seres do Conglomerado” — que influenciam Sophia por meio da Família Aya — coexistem com o desgraçado sofrimento humano e de outras espécies, ao mesmo tempo em que ficam ajustando os seus eternos problemas de divisão de poder como se nada mais estivesse a acontecer. É um tipo de demência que cansa, que esgota!

Comecei a recordar os encontros com Sophia, ocorridos principalmente ao longo do ano de 2017, sobre os quais existia um livro a ser desenvolvido, algo arrastado, cujo título era “*Sophia e os Logos Criadores*”, o qual precisava ser finalizado.

“*Quando isso vai ter um fim?*” — perguntei a mim mesmo, enquanto o silêncio da madrugada era amortecido pelo não muito discreto barulho de um velho ar condicionado que inevitavelmente me acompanhava nas produções literárias produzidas no clima quente da cidade de Natal. Levantei-me, dirigindo-me para o quarto, e lá olhei pela janela, observando as dunas escuras que escondiam o mar sob o qual jazia um pouco dos antigos prédios e torres que um dia compuseram a Base Atlan, agora submersos, e penso que indefinidamente o serão, enquanto o planeta resistir à sua lenta desestabilização, produzida por algo bem pior que a própria entropia: a ignorância humana travestida da estupidez governamental!

“Quando isso vai ter um fim?” — tornei a perguntar-me.

O silêncio e o sono envolveram-me, permitindo-me ainda refletir que, para questionamentos cretinos, somente o tempo parecia ser o professor piedoso, capaz de um dia ofertar uma resposta, por modesta que ela pudesse ser.

“Acho que desligaram o botão do bom funcionamento do universo, se é que um dia existiu ou foi efetivamente acionado” — pensei.

Tudo o mais parecia estar aposentado, “Deus” inclusive!

Capítulo 6 — Os Teurgistas

1 Teurgistas

No excelente livro lusitano *"Apolónio de Tiana — O Taumaturgo contemporâneo de Jesus"*, dos autores Eduardo Amarante, Dulce Leal Abalada e George Robert Stowe Mead, encontra-se registado no seu capítulo um, o que segue sobre Teurgia e Teurgista:

"A palavra Teurgia advém do grego theurgia. É uma forma de comunicação com o mundo espiritual, divino. O conhecimento interno das hierarquias do mundo espiritual, aliado à pureza de vida, é um dos fundamentos principais capazes de levar à aquisição dos poderes necessários para a comunicação com esse mundo transcendente. Para se conseguir alcançar esse plano o homem terá que ser digno, puro e desinteressado. Perante esses requisitos é de supor que praticar a Teurgia nos dias de hoje revela-se uma tarefa de risco elevado, visto o mundo estar demasiadamente corrompido para se praticar tão alta magia. Tal intento podia ser praticado sem quaisquer problemas pelos homens mais instruídos de todos os teurgistas, como Ammonio Saccas (mestre de Plotino), Plotino, Porfírio e Jâmblico. Nos nossos dias corre-se o risco da Teurgia ou Magia Divina e Benéfica (ou Branca) cair facilmente na magia negra, ou feitiçaria, estado profundamente prejudicial para o desenvolvimento pessoal e coletivo.

(...)

A primeira escola de teurgia prática foi fundada por Jâmblico, dentro do seio de alguns platónicos alexandrinos, no período cristão. Chamavam-se teurgistas aos sacerdotes que, nos templos

do Egipto, Assíria, Babilónia e Grécia, oficiavam a evocação dos deuses durante a celebração dos mistérios. Os espíritos assim evocados tornavam-se visíveis aos olhos de todos através de técnicas que não cabe neste livro desenvolver. Eram entidades divinas, espirituais, aquelas que eram evocadas pelos sacerdotes teurgos. Entenda-se que os espíritos evocados não eram os dos mortos, pois se assim fosse, a essa prática chamar-se-ia necromancia. Assim sendo, o teurgista acabava por ser um hierofante, ou seja, um homem conhecedor e praticante da ciência esotérica dos santuários.”

Segundo a narrativa de Val Eno, Len Mion (Satã) foi um dos entes não humanos que mais se utilizou desse expediente para semear determinados processos cujos desdobramentos perduraram por muito séculos, ainda que nada disso tenha passado ao registo histórico que chegou até à contemporaneidade.

Capítulo 7 — A Vida em Alt Lam Gron

1 Princípio da Razão Suficiente, de Leibniz — Princípio filosófico segundo o qual tudo o que acontece deve necessariamente possuir uma razão suficiente para ser assim e não de outra maneira.

Capítulo 8 — Caminhos Inusitados, Encontros Inesperados

1 Grupo da Epistemologia

Val El, Val Eon, Val Eno, Val Eam, Val Enon, Val Lem, Val Liam, dentre outros, sem que disso soubessem conscientemente à época dos factos, terminaram por criar uma nova “matéria de estudo” para o modo de pensar dos Val.

Após muita avaliação sobre o conteúdo do conhecimento acumulado dos Val, eles conseguiram romper o “lacre de segurança” que dava ao psiquismo Val uma sensação confortável e resignada, fazendo com que os mesmos aceitassem as “noções das verdades biodemos” — essas noções sempre existem para as espécies minimamente racionalizadas —, sem maiores condições de repensá-las ou mesmo redimensioná-las, se fosse o caso.

Descobrir como sabemos o que julgávamos ter como sabido, como certo, foi uma contribuição algorítmica revolucionária que, na cultura dos humanos despertados para a racionalidade, muito mais tarde viria a ser a área da epistemologia, um dos campos da filosofia formulada pelos humanos.

Comentário 1 — O Oculto Revela-se

1 **“A Mente de Adolf Hitler”**, de Walter Langer, com tradução para a língua

portuguesa de Carlos Szlak, Editora Leya — Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2018.

2 **“Livro de Enoch — O livro das origens da cabala”**; Editora Hemus, Curitiba, 2003.

Sobre o Autor



“Jan Val Ellam — pseudónimo usado pelo escritor natalense Rogério de Almeida Freitas para escrever sobre pontos de convergência entre o pensamento cristão, a doutrina de Allan Kardec e pesquisas relacionadas à ufologia, no bojo do discurso do espiritualismo universalista e da cidadania planetária.”

Com 36 livros publicados no Brasil até o momento, tem-se revelado como o escritor mais contundente sobre temas tidos como sagrados que estão a ser resgatados de um passado esquecido, que antes encontrava-se oculto, o que torna o seu trabalho único.

Precursor da Revelação Cósmica que se inicia com a publicação dos seus livros, dando continuidade à Revelação Espiritual já codificada no passado, marca o atual momento planetário com reflexões profundas e intrigantes, advindas dos vários livros publicados e das palestras nacionais e internacionais divulgadas nos institutos temáticos e YouTube.

Autor do “Projeto Orbum” — Manifesto da Cidadania Planetária.

Formulador do Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA

Para mais informações:

<https://www.janvalellam.org/>
<https://www.ieea.com.br>
www.youtube.com/janvalellam1
www.facebook.com/janvalellam
www.amazon.com/author/janvalellam
www.radioatlan.com

contato@janvalellam.org

Entrevista com Jan Val Ellam

— Dentre a sua produção literária e as incontáveis horas de palestras no Youtube, como você resume a mensagem central do seu trabalho?

A necessidade, por muito tempo esquecida, do resgate de um contexto perdido associado ao progresso dos diversos ramos da ciência, fazem emergir uma nova “visão da realidade” que contempla o lento avanço do pensamento humano ao longo das eras.

Afinal, somos racionais: seres que, antes de crer cega e fanaticamente em algo, deveríamos procurar estudar, pesquisar e compreender, como tantos luminares do progresso humano têm advertido.

Os livros que produzo tratam dessa nova cosmovisão, questionando as “verdades eternas” que os seres humanos colecionaram na visão de mundo que construíram ao longo da sua penosa evolução. Acostumámo-nos a tomar como real e natural verdadeiros absurdos que em nada contribuíram para o progresso planetário. Perdidos em guerras religiosas e proselitismos de todos os tipos, estacionámo-nos de tal modo que os valores vigentes e infantis do passado foram entronizados como “sagrados” e em nome desses, verdadeiras barbáries foram e são até hoje cometidas. A questão que se impõe para quem pensa é: quantas dessas “certezas do passado” ainda existirão daqui a alguns poucos séculos ou mesmo décadas?

Há uma nova cosmovisão emergente que marcará, dentre em breve, um divisor de águas entre o que se pensava antes e depois que a Revelação Cósmica fincar os seus alicerces, colaborando na evolução da capacidade humana de melhor compreender o nível de conhecimento e de esclarecimento que supõe possuir sobre as coisas e a realidade que a envolve.

Os livros que procuro produzir representam o marco inicial desse processo que convidará a todos, mais cedo ou mais tarde, a sair da zona de conforto da fé fácil e estéril, para o esforço da compreensão esclarecida.

— Os estudos desenvolvidos nos seus institutos apresentam uma convergência entre Ciência, Filosofia e Espiritualidade. Qual a importância desta convergência?

Compomos uma humanidade, tida como racional, cujas gerações jamais puderam ter qualquer padrão de educação científica, filosófica, ambiental, sendo sempre as elites a parcela da população mundial que consegue ter acesso a essas questões. Ainda assim, nem mesmo estas costumam fugir do minimalismo no campo do conhecimento associado a um diploma universitário ou outro título qualquer. Todas as parcelas, porém, tomam-se como sendo profundamente educadas no campo da religiosidade, mas perdem-se nos ritos fáceis de troca de favores com Deus, transformam Jesus em escravo dos seus pedidos e do comércio do pedágio e aqui a espiritualidade pessoal inexistente ou é confundida com a fé fácil e simplória.

Os livros que escrevo criticam de modo contundente como o esforço heroico de Jesus, de Sidarta Gautama (o Buda), dentre outros, cujos legados filosóficos e espirituais são efetivamente ímpares em termos de beleza e de nobreza moral, tornaram-se religiões fáceis e simplórias quando jamais foram essas as propostas dos seus formuladores.

Devido a esse quadro infantilizado, infelizmente constante no modo como as principais religiões mundiais são praticadas, dificilmente, penso, não será possível tão cedo uma convergência honrosa e produtiva entre essas três áreas do conhecimento que tanto importam à dignidade humana.

Como registei em um dos livros que até ao momento produzi, cujo título é “Reintegração Cósmica”, quando em breve, nós, os terráqueos, sairmos desse isolamento que envolve o nosso mundo há tanto tempo, frente à retomada do processo do intercâmbio cósmico que o próprio avanço da ciência já vislumbra, as futuras gerações terrestres poderão e mesmo deverão edificar uma vida planetária dignificada e alicerçada no bom uso que a racionalidade e a sabedoria humanas puderem construir associados aos postulados progressistas dessas três áreas.

— Diante da nova realidade que as suas obras literárias apontam, a humanidade atual está madura o suficiente para encontrar o caminho do autoconhecimento?

Sóren Kieerkgard, filósofo dinamarquês, afirmou, com certo grau de ironia, que o ser humano costuma equivocar-se de duas maneiras: uma, acreditando no que não é verdade, e de outra, deixando de acreditar no que realmente é real e verdadeiro.

A raça humana foi condicionada a levar a sua vida adiante por meio da fé, da crença, e assim facilmente tem construído valores tomados como verdade absolutas, o que a impede de buscar o autoconhecimento como também alargar a percepção sobre outros tantos panoramas importantes da vida.

O infantilismo espiritual marca a conduta humana o que leva as pessoas a não encontrarem disposição psíquica para lidar com os aspetos mais profundos da existência. A busca do autoconhecimento é uma disciplina que se situa nesse contexto.

As elites religiosas não têm interesse em que os seus fiéis, por eles mesmos, evoluam no sentido vertical da espiritualização adulta. Infelizmente, preferem manter todos os fiéis como prisioneiros dos seus circuitos.

— Qual a importância para nós, seres humanos, do entendimento de que na verdade constituímos uma única família planetária? Este conceito, que ultrapassa questões de raças, credos e nacionalidades, o que significa exatamente?

A consciência sobre a função da cidadania planetária que deveria povoar o psiquismo de cada pessoa esclarecida deste mundo é talvez o único “norte filosófico” a ser perseguido pelas gerações do futuro como forma de salvar a nossa casa planetária e dignificar a vida humana.

Desde que lá, na mais antiga tradição das raízes religiosas, existe um pretenseus deus que, devido ao hábito de escolher povos — a saber, os hebreus, depois os arianos, voltou para os judeus e após certo tempo elegeu os árabes — terminou por semear na cultura de todos uma intolerância e um sentimento de exclusividade absolutamente inaceitáveis. Hoje, as questões

históricas por trás da gênese do judaísmo, do cristianismo, do islamismo e de seus desdobramentos, respondem quase que pela totalidade das guerras regionais ocorridas ao longo da história. Tudo isso porque o fundamentalismo exacerbado dos que se acham eleitos por deus, o nacionalismo que tão somente camufla as faces da insensatez, da corrupção e da estupidez clinicamente assim definida dos líderes mundiais das últimas décadas, promovem conflitos além de não conseguirem superar os naturais confrontos e disputas da geopolítica mundial.

Num contexto como este, dificilmente a noção de cidadania planetária poderá emergir, apesar da luta de uns poucos entre os quais me incluo. No final de cada um dos 38 livros, até hoje lançados, encontra-se o “Manifesto Orbem da Cidadania Planetária”, como forma de convidar o leitor à reflexão sobre o tema.

O analfabetismo político, religioso, filosófico e ambiental estão prestes a provocar um choque de realidade talvez como forma de despertar o ser humano para um redimensionamento na maneira como ele vive na atualidade. O *homo consumus*, o *homo religiosus*, o *homo nervosus*, o *homo corruptus* — pois são estas as faces das quais se travestem o rosto humano na sua atual expressão “cara de pau” para justificar as suas mentiras e hipocrisias de cada momento, tem que ceder lugar a um tipo de ser humano sensato, decente, honesto frente ao seu código de princípios e de propósitos perante a vida.

O ativismo da cidadania planetária deveria ser o primeiro passo nesse sentido!

— Qual o lugar do homem no Universo?

Seguramente não somos esses pecadores apontados pelo credo judaico-cristão, por termos sido criados e destinados para sabe-se lá o quê, e o nosso pecado reside no facto da nossa mãe Eva não ter aceitado tal coisa e resolveu dar um curso diferente do anteriormente pretendido. Como ela foi influenciada pela serpente, tida como o diabo, todos os que nasceram após isso são considerados “filhos do pecado” e do diabo, precisando que elites religiosas resolvam esse problema pelos pecadores. Ora, convenhamos!

Se alguém desejava promover uma “lavagem cerebral” nos nossos desavisados ancestrais, implementando o temor a Deus como o motor que levaria todos a aceitar a dominação psíquica por parte das religiões como forma de sair do grupo dos filhos do diabo

para o dos filhos de deus, efetivamente o fez com bastante eficácia. Somos todos hoje filhos da estupidez esquecidos que reside na própria capacidade humana o ato de amar, de sorrir, de perdoar, de sonhar, de distinguir o bem e a ternura, de eleger a elegância moral e a civilidade como forma de interação entre os irmãos e irmãs da raça humana, enfim, de estabelecer o próprio código de conduta filosófica como lei maior de sociabilidade. Mas o que fizeram as religiões? O contrário disso!

Criaram pecadores angustiados, tementes, aterrorizados porque podem ser castigados por deus a qualquer hora, obrigaram as pessoas a ter uma fé simplória, pouco refletida, sem questionamentos, transformaram deus e Jesus em comerciantes baratos do “toma lá dá cá”, viciaram todos os seus fiéis em se tornarem pedintes profissionais e crentes em cujas lentes cabe todo tipo de credence barata. O pior: acostumaram as pessoas a transferirem para pretensas autoridades religiosas, responsabilidades que lhes são próprias! Até onde isso vai perpetuar-se?

As pessoas que vivem seriamente as suas religiões sofrem bastante com esse estado de coisas porque o choque de realidade que as gerações futuras irão inevitavelmente promover nas religiões poderá ser trágico se esse minimalismo não for superado por alguma sensatez, como muito tem se esforçado, por exemplo, o inigualável Papa Francisco na sua luta pela renovação no âmbito do catolicismo. Mas, quem o apoia?

O ser humano talvez seja o artífice de algo muito maior do que hoje podemos imaginar e sobre esse aspeto tenho me esforçado bastante na abordagem dessa questão nos livros que publiquei.

Se somos capazes de nos comportarmos de modo monstruoso, mas também de agir ancorados em uma conduta superior e marcar os elétrons da nossa casa universal com as melhores e mais sofisticadas informações, talvez aqui resida a delicada e importantíssima destinação da humanidade, ainda desconhecida até mesmo pelas religiões e pelos padrões científicos atuais, que seria a de contribuir decisivamente para a emergência de uma mente universal, como apontam alguns dos mais vanguardistas no campo da ciência.

O livro “A Rebelião dos Elétrons e o Código da Vida do Criador” recentemente

lançado, aborda de modo inusitado essa questão. Concluindo, não penso que seja a presente geração de humanos a perceber a sua destinação como membros de uma

comunidade sideral que se prepara para executar a sinfonia universal capaz de levar o universo em que vivemos — e alhures — a um rumo seguro e pacificado. Pertencerá às gerações futuras a construção dessa urgente percepção quanto à função dos terráqueos no concerto da vida universal. Mas por enquanto, apequenado como o ser humano se encontra, sequer ele sabe que essa música existe.

Precisamos evoluir da mentalidade religiosa infantilizada na qual milenarmente nos encontramos estacionados para uma outra espiritualizada e esclarecida. Mãos à obra!

Entrevista Revista Acontece Mais (Edição: Ano 4 nº13, 2019)

Roteiro de Leitura dos Livros

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de “roteiro de leitura” que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante.

Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I

Sob a perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e vi-me obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de publicá-los.

Uma outra parte dessa mesma produção, cujo tema central das ideias, naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a consequente retomada do intercâmbio cósmico com as civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

Trilogia “Queda e Ascensão Espiritual”

1 — Reintegração Cósmica

2 — Caminhos Espirituais

3 — Carma e Compromisso

Esta trilogia introduziu, também, uma abordagem superficial sobre a rebelião de Lúcifer — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os panoramas extraterrestres e espiritual envolvendo a vida na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade

terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais membros do Grupo Atlan, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

Muito Além do Horizonte

Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, Rochester e Allan Kardec ao longo destes últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edificá-la e revelações diversas sobre panoramas que envolvem a equipa do Espírito da Verdade, ainda desconhecidos.

Recado Cósmico

Apresenta o recado que Jesus deixou-nos nos seus cinco principais ensinamentos e factos, nunca antes revelados por João Evangelista, no primeiro século da era cristã.

Este livro apresenta a compreensão básica desta primeira etapa. Os demais desta mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

- O Sorriso do Mestre
- Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e o seu pai, José, relatam factos desconhecidos da vida de Jesus, tais como as suas viagens, quando jovem, e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando a sua maior marca de amor: o sorriso.
- O Testamento de Jesus
- Abordagem nova das bem-aventuranças, anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando panoramas do seu testamento para a humanidade.
- Nos Céus da Grécia
- Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles, atualizando ensinamentos do passado e abordando temas, tais como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas políticas contemporâneas.
- Nos Bastidores da Luz I, II e III

- Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo Atlan e que abordam temas como:
 - Volume 1 — Mecanismos Cárnicos; Funcionamento do Psiquismo Humano, Autoaperfeiçoamento e Reforma Íntima, Transição Planetária, Genética Espiritual e os Exilados Siderais que atualmente vivem no planeta.
 - Volume 2 — O Império Atlante; Consequências do Suicídio; Jesus e Sai Baba; Ovnis; Vidas Paralelas, Cidades Astrais e Espirituais, Fraternidade Branca e a Origem do Homem, dentre outros.
 - Volume 3 — O Poder Temporal; Autoridade Celeste; Quarta Dimensão; Base Atlan; O Sacrifício de Jesus, entre outros.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 — ETAPA II

Aqui, também, dos livros que foram produzidos neste período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros, que podem ser lidos separadamente, porque possuem contextos particulares:

Jesus e o Enigma da Transfiguração

O real significado da transfiguração de Jesus e os factos do período final da sua vida, trazidos pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

Fator Extraterrestre

Apresenta evidências de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que, até hoje, são tidos como lendas.

A Sétima Trombeta do Apocalipse — A Volta de Jesus

Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final da atual transição planetária.

Jesus e o Druida da Montanha

Narra factos da desconhecida juventude de Jesus, a sua amizade com José de Arimatéia e com o seu irmão Thiago.

Crónicas de um Novo Tempo

Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

Inquisição Poética

O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à perceção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

Teia do Tempo

Narra o encontro de um aprendiz com o seu professor de física e a construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, o aspeto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrónomo José Renan de Medeiros.

LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 — REVELAÇÃO CÓSMICA — ETAPA III

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em, pelo menos, três grupos distintos:

Grupo 1 — Contexto Demo com foco nas figuras de Brahma, Vishnu e Shiva e das diversas expressões avatáricas trimurtianas.

O Drama Cósmico de Javé

Revela a história da criação deste universo e do seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

O Drama Espiritual de Javé

Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providências da Espiritualidade Maior para auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

O Drama Terreno de Javé

Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a estabelecer-se na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações científicas convincentes.

Favor Divino

Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspetos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por factos, até agora desconhecidos. Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

Cartas a Javé

Perguntas que os seres humanos esclarecidos, quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

O Big Data do Criador

Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

Memórias de Javé

Registos das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as criaturas terrestres.

Inquisição Filosófica

Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretense domínio, que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples, porém, crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

Inquisição Trimurtiana — Tempo de Apostasia

Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva — em torno da falência da política por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

Grupo 2 — Assuntos Mitológicos e Temática Extraterrestre vinculada ao Projeto Talm que “transplantou a vida” do contexto demo (universo paralelo composto de antimatéria) para o universo biológico material onde vivemos.

O Sorriso de Pandora

A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida, acontecida em tempos imemoriais, que o seu legado de “demónio feito mulher” e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

O Guardião do Éden

O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autónoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milénios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto, os seus episódios mais marcantes, desde os tempos do “Jardim do Éden”.

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registou, assim, os factos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do “modo de ser terráqueo”, ele esforça-se por traduzir, no seu comportamento, as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da “contenda trimurtiana”, que definirá — o que já se encontra em curso de definição — os termos do prometido retorno de Jesus.

Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob a personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

Terra Atlantis II — A Frota Norte

Dá seguimento à saga dos biodemo capelinos — incluindo o quartel-general da rebelião de Lúcifer — agora sediados na Terra e em realidades alternativas subjacentes ao planeta, atinge momentos dramáticos, sem que Sophia sinalize qualquer apoio.

Os rebeldes, agrupados em Benem, passam a compor uma força-tarefa que, por milénios, foi denominada como sendo a Frota Norte, em torno da nave “espheron”.

Além dos “seres dos portais” (os chamados “deuses da mitologia grega”), os humanos passam a conviver com um “conglomerado de realidades” acoplado ao planeta.

A decadência passou a marcar todas as forças estabelecidas, ao mesmo tempo que os humanos começaram a imperar como os possíveis herdeiros da Terra.

Enquanto todos se enfraqueciam, aquele que, mais tarde, seria conhecido como Satã, preservava a sua força, pois que a “era do seu domínio” ainda estava por começar.

Terra Atlantis III — A Era Sapiens

Devido a cataclismos diversos, chegou ao fim a “cultura atlante e as suas diversas bases”, como também teve lugar o enfraquecimento das diversas forças extraterrestres e extrafísicas que procuravam dominar o planeta, o que levou a espécie humana a emergir como sendo a herdeira mais improvável do planeta, como terminou por acontecer.

Len Mion (Satã) e Yel Luzbel (Lúcifer) patrulham a vinda do Messias, anunciado pela veia profética do povo hebreu, ao mesmo tempo que perseguem Jesus na tentativa de compreender se ele era o “conquistador”, há muito anunciado.

Ocorre a crucificação, a saída de Yel Luzbel dos ambientes em torno do planeta, o que faz com Len Mion assuma o comando do restante da rebelião, procurando atrapalhar, de todas as maneiras, qualquer interesse que ele observasse ser de Sophia ou do “deus dos judeus”.

Ao perceber em Hitler um antigo companheiro da condição biodemo, Len Mion domina a sua mente e o transforma em fantoche da sua intenção de construir, na Terra, a última trincheira do movimento rebelde para confrontar Sophia.

Grupo 3 — Temas Complementares

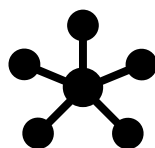
Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte

Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da “molécula-mãe”, no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O facto é que “algo” existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.



Esta é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspectos em torno de uma “verdade” que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que, encontrar panoramas da verdade seria necessariamente sinónimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que, no Shiva Samhita, tenha sido afirmado que “a angústia estava presente por todo o universo”, e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, “aquele que busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida”.

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspecto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a “pílula vermelha” que nos convida à maturidade emocional, aspecto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

Jan Val Ellam

Projeto Orbum



Filie-se espiritualmente a esta ideia

MANIFESTO

“Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária.”

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família a viver num berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria — tanto material quanto espiritual — em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda a sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica, porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no quotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspeto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial — imprescindíveis para a evolução terrestre — mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmos.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção, que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes.

Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta ideia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão a fazer exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la, cada vez mais.

Jan Val Ellam



Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior, sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão

principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Saiba mais em: [Jan Val Ellam](#).